**Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”**

**Engenharia agrônômica e o paisagismo no Estado de São Paulo:
prestação de serviço, estudantes e docentes**

Juliana Cristina Augusto Shams

Dissertação apresentada para obtenção do
título de Mestre em Ciências. Área de concentração:
Fitotecnia

**Piracicaba
2010**

Juliana Cristina Augusto Shams
Engenheiro Agrônomo – Licenciada em Ciências Agrárias

**Engenharia agrônômica e o paisagismo no Estado de São Paulo: prestação de
serviço, estudantes e docentes**

Orientador:
Profa. Dra. **ANA MARIA LINER PEREIRA LIMA**

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre em Ciências. Área de concentração:
Fitotecnia

**Piracicaba
2010**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - ESALQ/USP

Shams, Juliana Cristina Augusto

Engenharia agrônômica e o paisagismo no Estado de São Paulo: prestação de serviço, estudantes e docentes / Juliana Cristina Augusto Shams. - - Piracicaba, 2010.
172 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", 2010.
Bibliografia.

1. Agronomia - Estudo e ensino 2. Engenheiros agrônomos 3. Paisagismo - São Paulo
4. Paisagistas 5. Prestação de serviços I. Título

CDD 630.711
S528e

"Permitida a cópia total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte – O autor"

À minha família

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que estabelece a base para todas as conquistas;

À minha orientadora Profa. Dra. Ana Maria Liner Pereira Lima, pelo imenso conhecimento transmitido, por toda instrução, apoio, paciência e encorajamento, dedicados ao longo de tantos anos de amizade e convívio.

Ao Prof. Dr. Hilton Thadeu Zarate do Couto, pelo essencial apoio na determinação das metodologias deste trabalho, pela pronta disposição para o esclarecimento de dúvidas e pela preciosa atenção que me dedicou.

À Dra. Giuliana Del Nero Velasco, por toda dedicação e encorajamento, que ofereceu durante a redação deste trabalho, pela amizade e carinho sempre presentes em seu apoio.

À Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, seus professores e funcionários, por tantos anos de acolhimento;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de estudos;

À Divisão de Biblioteca e Documentação, na pessoa de Silvia Maria Zinsly pela revisão das normas;

À Luciane Lopes Toledo, secretária do programa de pós-graduação, por todas as informações e esclarecimentos oferecidos, além de todo apoio e atenção.

Às prestadoras de serviços de paisagismo que atenderam a esta pesquisa concedendo entrevista para coleta de dados.

Aos estudantes de engenharia agrônoma, que responderam ao questionário apresentado, e possibilitaram a coleta de informações para análise nesta pesquisa.

Aos docentes que, tão atenciosamente, participaram desta pesquisa com o oferecimento de suas visões e opiniões nas entrevistas realizadas.

Às Instituições de Ensino Superior que, através de seus coordenadores de curso ou secretarias de graduação, ofereceram informações a esta pesquisa.

Ao meu amado esposo, Samin Shams, pelo apoio incondicional e incontáveis auxílios prestados durante a realização desta pesquisa, por toda paciência e confiança depositadas, pelo amor e carinho sempre presentes.

Aos meus queridos pais, Maria Rosa Z. Augusto e Edison Augusto, que, como sempre, estiveram prontos e dispostos a ajudar em tudo que fosse necessário.

Aos meus irmãos, Edison Augusto Filho e Carlos Henrique Augusto que, tão amorosamente, ajudaram durante a coleta e consolidação dos dados apresentados neste trabalho.

MUITO OBRIGADA!

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	11
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	15
REFERÊNCIAS.....	27
2 SERVIÇOS DE PAISAGISMO NO ESTADO DE SÃO PAULO.....	28
Resumo.....	28
Abstract.....	29
2.1 Introdução.....	30
2.2 Desenvolvimento.....	31
2.2.1 Revisão bibliográfica.....	31
2.2.2 Material e métodos.....	39
2.2.3 Resultados e discussões.....	48
2.3 Conclusão.....	71
Referências.....	73
3 O PAISAGISMO NA VISÃO DOS ESTUDANTES DE ENGENHARIA AGRÔNOMICA, NO ESTADO DE SÃO PAULO.....	76
Resumo.....	76
Abstract.....	77
3.1 Introdução.....	78
3.2 Desenvolvimento.....	79
3.2.1 Revisão bibliográfica.....	79
3.2.2 Material e métodos.....	86
3.2.3 Resultados e discussões.....	93
3.3 Conclusão.....	116
Referências.....	118
4 O PAISAGISMO NA VISÃO DE DOCENTES EM CURSOS DE ENGENHARIA AGRÔNOMICA, NO ESTADO DE SÃO PAULO.....	121
Resumo.....	121
Abstract.....	122
4.1 Introdução.....	123
4.2 Desenvolvimento.....	123
4.2.1 Revisão bibliográfica.....	123
4.2.2 Material e métodos.....	129
4.2.3 Resultados e discussões.....	135
4.3 Conclusão.....	165
Referências.....	167
5 DISCUSSÕES RELEVANTES.....	171

RESUMO

Engenharia agrônômica e o paisagismo no Estado de São Paulo: prestação de serviço, estudantes e docentes

Com o propósito de apresentar uma visão do mercado de paisagismo, no Estado de São Paulo, auxiliar no processo de formação dos agrônomos, para atuação nesta área, bem como contribuir para sua avaliação educacional, o presente trabalho analisou três diferentes focos de estudo: prestadoras de serviço de paisagismo, estudantes em fase de conclusão do curso de engenharia agrônômica e docentes responsáveis pelo ensino de paisagismo, em instituições de ensino superior, no Estado de São Paulo. Para coleta de dados, realizou-se contato direto com os envolvidos nesta pesquisa, visando entrevistá-los, com questionário semi-estruturado, pelo método de amostragem nos dois primeiros focos, e como censo para o último. Capítulos específicos foram elaborados para apresentação de cada um dos pontos analisados, obtendo, em sua primeira discussão, a visão de que os serviços de paisagismo, no Estado, apresentam-se diretamente relacionados a jardins e utilização de plantas ornamentais, oferecidos por profissionais de diferentes formações, para atuação, neste setor. Assim, constatou-se a participação de arquitetos (25%), oriundos de cursos livres de paisagismo (25%), engenheiros agrônomos (23,33%), técnicos agrícolas (8,33%), concluintes do ensino médio (6,66%), técnicos em edificações (5%), biólogos (3,33%), matemáticos (1,66%), bem como outros (1,66%), sem qualquer formação ou instrução escolar; os analisados demonstraram otimismo quanto à prosperidade deste setor no Estado (96%). Quanto aos estudantes, observou-se que 55,4% consideraram-se satisfeitos com o embasamento da disciplina obrigatória que aborda o paisagismo; indicando que os recursos educacionais mais importantes são o “contato com profissionais da área” (87,75%), “situações reais para desenvolvimento de projetos” (79,9%) e “software para desenvolvimento de projetos” (73,04%); entretanto elencaram como recursos mais utilizados, durante a formação, “materiais de desenho” (71,08%), “mesas próprias para desenho” (62,25%) e “situações reais para desenvolvimento de projetos” (54,41%). Apresentaram, ainda, insegurança, quanto à sua capacitação, para atuação no mercado (58,33%); embora 22,55% dos estudantes pretendessem trabalhar com paisagismo, e 27,45% consideraram possível tal atuação. Quanto à pesquisa junto aos docentes, puderam ser identificadas três áreas em sua formação, sendo engenharia agrônômica (85%), engenharia florestal (10%) e ciências biológicas (5%), além de apresentarem pós-graduação, em várias áreas do conhecimento. Esses docentes listaram 37 diferentes disciplinas obrigatórias da agronomia, pelas quais eram responsáveis e afirmaram que as empresas atuantes neste mercado não oferecem seus serviços da maneira como esta atividade requer (70%). 95% dos docentes mostraram-se favoráveis à atuação de equipes multiprofissionais, quando do oferecimento desses serviços, com preferência para atuação de engenheiros agrônomos e arquitetos.

Palavras-chave: Paisagista; Agronomia; Engenheiro agrônomo; Ensino

ABSTRACT

Agronomy and landscaping in the State of São Paulo: service providers, students and teachers

Aiming to present a market overview of landscaping in the State of São Paulo, assist in the process of training agronomists to act in this field and contribute to the educational evaluation, in this context, this study examined three different foci of study: service providers of landscaping; students nearing completion of the agronomy course; and teachers responsible for teaching landscaping for the future agronomists in the state of São Paulo. For data collection, a direct contact was used with those involved in this research, with the purpose of interviewing them with a semi-structured survey, which was applied as sampling in the first two cases and as a census in the last one. Specific chapters were prepared to present each of the points analyzed, resulting, in the first discussion, in the view that landscaping services, in the State, present themselves as being directly related to the use of gardens and ornamental plants, offered by professionals who have a diversity in academic formation for working in this sector. The following included the participation of: architects (25%), people derived from open landscaping courses (25%), agronomists (23.33%), agricultural technicians (8.33%) high school graduates (6.66%), building technicians (5%), biologists (3.33%), mathematicians (1.66%), and those without any formal training or schooling (1.66%); which altogether showed optimism about the prosperity of this sector in the State (96%). In the second discussion developed, it was observed that 55.4% of students considered themselves satisfied with the basement of the compulsory subject that encompasses landscaping; they also indicated that the most important educational resources are: "contact with professionals in the field" (87.75%), "real-life situations to develop projects" (79.9%) and "software to develop projects" (73.04%), however the features most used during the training were: "design materials" (71.08%), "design appropriate tables" (62.25%), "real-life situations to develop projects" (54.41%); they demonstrated insecurity, in their formation, regarding their performance in the market (58.33%), despite this, 22.55% of students intended to work with landscaping, and 27.45% considered this activity a possibility. In the third debate, we identified three distinct fields of academic formation, regarding the teachers' undergraduate schools, which capacitate agronomists in the activities of landscaping, which include: agronomy (85%), forest engineering (10%) and biological sciences (5%) which represented distinct formation fields in graduate school, and found themselves responsible for 37 different mandatory courses in agronomy. They argued that companies operating in this market do not offer their services in the way this activity needs to be done (70%), and 95% of the teachers favored the performance of multidisciplinary teams in providing these services, giving priority to the activities of agronomists and architects.

Keywords: Landscape designer; Agronomy; Agronomist; Education

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEAS - Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior
CNE/CES - Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Superior
CONFEA - Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia
CREA - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia
CREA-MG - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Minas Gerais
CREA-RJ - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Rio de Janeiro
CREA-SP - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo
CTASP - Comissão de Trabalho, de Administração e Serviços Públicos
CUMML - Centro Universitário Moura Lacerda
DIAP - Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar
EAD - Ensino a Distância
EDUVALE - Faculdade Eduvale de Avaré
ESALQ/USP - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” / Universidade de São Paulo
ESAPP - Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista
FAEF - Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal
FAFRAM - Faculdade de Agronomia “Dr. Francisco Maeda”
FAI - Faculdades Adamantinenses Integradas
FAIT - Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva.
FIC - Faculdades Integradas Cantareira
FIO - Faculdades Integradas de Ourinhos
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES - Instituição de Ensino Superior
IGC - Instituto Geográfico e Cartográfico
ITES - Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior “Dr. Aristides”
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Lei 4024/61 - Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961

Lei 9.394/96 - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996

MEC - Ministério da Educação

PIB - Produto Interno Bruto

Resolução 1.010/05 - Resolução nº 1.010, de 22 de agosto de 2005

RMSP - Região Metropolitana de São Paulo

SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

UNICASTELO - Universidade Camilo Castelo Branco

UNIFEB - Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos

UNIMAR - Universidade de Marília

UNIPINHAL - Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal

UNITAU - Universidade de Taubaté

UNOESTE - Universidade do Oeste Paulista

1 INTRODUÇÃO

A profissão de engenheiro agrônomo tem se especializado e aberto, a cada dia, diferentes postos de trabalho. Aquela imagem tradicional do agrônomo, no meio da lavoura, não foi de todo extinta, mas muitos deixaram esse ambiente e desenvolvem seus trabalhos em meio às mais diversificadas organizações urbanas.

Atualmente muitos agrônomos têm observado mercados promissores para a aplicação de seus conhecimentos em meio urbano e, aproveitando-se das oportunidades de um mundo globalizado, realizam análises de mercado, trabalham em sofisticados laboratórios de genética, controlam pragas urbanas, analisam resíduos tóxicos, certificam alimentos, desenvolvem a silvicultura urbana, dentre outros.

De acordo com as determinações do MEC (2006), as diretrizes curriculares, para a formação de engenheiros agrônomos, incluem disciplinas voltadas ao Paisagismo, Floricultura, Parques e Jardins, reforçando, ainda mais, as possibilidades desses profissionais atuarem nos ambientes urbanos, com o oferecimento de uma ampla gama de serviços relacionados a esse mercado.

O estabelecimento dessas disciplinas, com caráter obrigatório aos alunos, com a reforma curricular de 1984, proporcionou um grande impulso a este profissional, o qual passou a se dedicar a mais uma emergente necessidade social: a reaproximação da natureza. Pois, fortemente marcadas pelo desenvolvimento urbano, as cidades mostram mutações de seu espaço, obrigando a sociedade a rever as relações entre suas construções e os elementos naturais do ambiente. A observação desses espaços evidencia a necessidade do uso da vegetação para o enriquecimento da paisagem e da qualidade do meio ambiente.

A busca pelo aumento da qualidade de vida urbana faz com que os cidadãos valorizem mais o ambiente em que vivem, sentindo interesse pelos elementos naturais, e buscando a composição de paisagens que lhes proporcione bem-estar. Além disso, a falta de segurança existente nos grandes centros faz com que invistam, cada vez mais, em criar espaços agradáveis, nos ambientes internos às construções, recompondo paisagens naturais e afáveis, distintas daquelas proporcionadas por muros e grades tão comuns.

O engenheiro agrônomo que se dedica à prática do paisagismo tem encontrado grandes oportunidades para a aplicação de seus conhecimentos, uma vez que não desenvolve, apenas, a elaboração dos projetos paisagísticos, mas constrói a paisagem a partir da implantação das áreas verdes nos ambientes urbanos. Efetua, ainda, a manutenção dessas paisagens, com a aplicação de seus conhecimentos relacionados aos diferentes aspectos da agronomia.

Apesar da crescente demanda pelos serviços de paisagismo, implantação e manutenção das paisagens, alguns desafios precisam ser superados pelos profissionais que se dedicam a esta prática, sendo alguns deles: o fortalecimento da área nas instituições de ensino superior, responsáveis por sua formação; a atuação do conselho profissional na fiscalização e autuação de profissionais inabilitados ou desabilitados; a determinação dos tipos de serviços oferecidos como “paisagismo”; a aplicação da técnica e ética nos serviços oferecidos, dentre outros que serão discutidos ao longo deste trabalho.

A observação e compreensão dos desafios da expansão e desenvolvimento do paisagismo, a partir de pesquisas e análises junto aos seus profissionais atuantes, fazem-se fundamentais para que a gama de serviços relacionados a ele seja, cada vez mais, promissora, favorecendo os profissionais habilitados que se dedicam a este mercado e, satisfazendo seus clientes finais.

Neste contexto, a presente dissertação intenciona estabelecer a visão das empresas de paisagismo sobre o mercado em que atuam, identificando os profissionais que oferecem tais serviços, e suas expectativas quanto à formação acadêmica para atender a este setor; identificar o perfil dos recém-formados em agronomia, seu interesse e visão quanto ao mercado de paisagismo no Estado; bem como analisar aspectos do ensino de paisagismo a estudantes de agronomia, em função do interesse e visão que os docentes, desta área, possuem quanto a este mercado.

Sua finalidade é proporcionar uma visão da situação do paisagismo no Estado de São Paulo, contribuir no processo de organização do ensino em paisagismo nas escolas de agronomia e, mais amplamente, ajudar os educadores a avaliarem suas práticas educacionais e utilizarem métodos eficazes na educação para o paisagismo.

Motivadores da pesquisa

A motivação central para este trabalho foi a observação do estado imaturo da educação para o paisagismo no Brasil, e a atuação desmedida de vários profissionais em seu oferecimento. Além disso, outro impulso a esta pesquisa foi dado pelo conhecimento sobre a legislação, atualmente vigente, referente às atribuições profissionais alusivas à atividade de paisagismo, sendo esta descrita na Resolução N° 1.010, de 22 de agosto de 2005 (CONFEA), a qual dispõe sobre a regulamentação da atribuição de títulos profissionais, atividades, competências e caracterização do âmbito de atuação dos profissionais inseridos no sistema CONFEA/CREA, para efeito de fiscalização do exercício profissional.

A presente resolução vem substituir a que até então vigorava quanto à discriminação das atividades, das diferentes modalidades profissionais, da engenharia, arquitetura e agronomia; sendo esta a Resolução N° 218, de 29 de junho de 1973 (CONFEA), que confirmava, segundo Geiser (1998), a desagradável surpresa dos agrônomos ao serem postos para fora, em 1964, da autorização para a prática de “paisagismo”, mas apenas “parques e jardins”. Uma realidade que marcou esses profissionais por muitos anos no Brasil.

Os artigos seguintes da referida resolução, regiam a natureza das atividades de qualificação profissional e, atribuíam o paisagismo e a arquitetura paisagística aos profissionais de arquitetura, uma vez que desenho urbano era parte integrante do grau de arquitetura no Brasil; entretanto, aos agrônomos foram atribuídos os parques e jardins, como declarado por Soares (1996), o que por muitos anos, esteve sujeito a várias interpretações e mal-entendidos pelos profissionais envolvidos em sua atuação.

A discussão sobre “quem deveria estar fazendo o que” é freqüentemente abordada em reuniões dos profissionais da paisagem, como se percebe, claramente, em conferências e periódicos organizados por vários profissionais no Brasil, além das revistas e boletins muitas vezes trazerem algum tipo de reflexão sobre este tema.

Nas atividades de paisagismo nota-se, ainda, que a idéia de paisagem não é compartilhada pelos profissionais que se dedicam à sua realização, sendo ainda mais evidentes suas divergências, no que tange às funções que essas paisagens deveriam

cumprir no contexto em que são inseridas. A tensão existente, quando se busca a associação das funções estéticas e ambientais da paisagem, tem sido fortemente relacionada, principalmente, às formações dos profissionais de arquitetura e agronomia.

Neste contexto de atribuições profissionais, um novo passo em direção à elucidação dos conflitos foi dado, quando em 1º de julho de 2007 passou a vigorar a nova resolução, que atualmente rege as atribuições profissionais, como citado anteriormente. A Resolução Nº 1.010, de 22 de agosto de 2005, estabelece um ponto de partida para que profissionais de arquitetura e agronomia atuem nesta atividade profissional, agora igualmente habilitados por seu conselho profissional.

De acordo com esta resolução, torna-se estabelecido um tópico comum em campos de atuação profissional de categorias distintas, o que antes não era encontrado em outras resoluções. Como, por exemplo, edificações, instalações, e planejamento urbano, são listadas em modalidades da engenharia e na categoria da arquitetura; da mesma maneira o paisagismo, encontra-se entre as categorias de agronomia e arquitetura. A existência desses tópicos comuns permite, até certo ponto, romper as barreiras estabelecidas pelo artigo 9º, da referida resolução, o qual limita a extensão de atribuições iniciais à mesma categoria.

Esta nova abertura de atuação profissional oferece, aos engenheiros agrônomos, a oportunidade de se firmarem na atividade de paisagismo, de forma madura e preparada, visando atender de forma satisfatória o mercado emergente neste setor de serviços, e dedica esforços à estruturação das instituições de ensino que educam para o paisagismo.

Compreender este mercado e buscar formas de analisar a situação dos agrônomos, no contexto desta atividade profissional, faz-se fundamental para ampliar a visão e identificar possíveis ações e medidas, que tornem esse profissional eficaz no mercado de paisagismo.

Relevância da pesquisa ao paisagismo e aos agrônomos no Estado de São Paulo

A literatura brasileira sobre a história de parques e jardins tem crescido, recentemente, em qualidade e quantidade, e nestes estudos constata-se que o Estado

de São Paulo tem participação fundamental, e contribuição ímpar, no que se refere à formação de profissionais de paisagismo, muitos com seus nomes ecoados nas paisagens brasileiras atuais, e na composição das mesmas, em sua abrangência, como identificado por Zuin (2002).

Com a crescente necessidade urbana referente à construção de paisagens vegetadas - numa tentativa de resgate dos valores ecológicos em ambientes predominadas por construções, vias e concretos - o Estado mais populoso do país tem observado um grande número de pessoas se dedicando ao oferecimento dos mais diversificados serviços e produtos no atendimento a esta necessidade eminente de reconciliação com a natureza.

Em função dessa necessidade, a sociedade vem se adaptando, criando novas áreas de conhecimento e novos procedimentos para aquelas já exploradas (BUARQUE, 2003), uma vez que esse conhecimento está sendo cada vez mais procurado por aqueles que percebem o próspero mercado de serviços que atendem a esta necessidade social. Assim, a formação para o paisagismo torna-se algo independente e bastante diversificado, desprovido de estruturação e, ainda mais, carente de melhorias para atender às expectativas dos clientes finais. Esta realidade tem distanciado aqueles que se dedicam ao oferecimento de serviços de paisagismo da ética e do profissionalismo que esta atividade exige.

Ampliam-se as perspectivas para o mercado de paisagismo, cresce o número de matérias jornalísticas enfocadas pelo setor, seja na televisão, rádio, jornais, revistas de decoração. Percebe-se, também, o surgimento de várias novas revistas especializadas, despertando o interesse dos mais diversos segmentos da sociedade pelo assunto. Assim como afirmam Lima e Sandeville (1997), na década de 80, o paisagismo cresceu em reconhecimento, através de maior solicitação teórica e prática.

Segundo pesquisa realizada por Zuin (2002), constata-se que a região sudeste do Brasil é indicada como responsável pela instrução, em paisagismo, de 69% dos paisagistas brasileiros, destacando que o Estado de São Paulo se encarrega de 47%; diante deste panorama, a instrução para o paisagismo deve ser observada como forma de processo educacional em desenvolvimento, nas diferentes instituições de ensino que se estabelecem no Estado. No que se refere à engenharia agrônômica, o presente

trabalho mira uma visão mais ampla quanto às diversas instituições de ensino que oferecem esse curso, destacando as expectativas e visões daqueles que estão inseridos em seu contexto, atuando de forma decisiva e com papel ativo no paisagismo do Estado (alunos e docentes).

Compreender as limitações dos engenheiros agrônomos para dedicação efetiva a este mercado, bem como identificar as possíveis bases para saltos ousados nesta atividade profissional, poderá auxiliar na formulação de estratégias educacionais e, de acordo com Zuin (2005), deverá proporcionar mais do que ensinar paisagismo, mas ensinar – e aprender – a pensar como paisagista.

Definições dos termos utilizados na pesquisa

A flexibilidade e, às vezes, inconstância na utilização de termos e nomenclaturas, tem sido um desafio, quando nos deparamos com debates e consultas sobre assuntos importantes; sendo assim, para evitar mal-entendidos, alguns dos termos envolvidos neste trabalho serão estipulados e referenciados para fins de utilização nesta dissertação, garantindo coerência ao trabalho apresentado. Não há pretensão de oferecer definições absolutas, pois, estes termos são dinâmicos. As definições aqui propostas são, portanto, operacionais.

Agronomia e Engenharia Agrônômica

Os termos de referência ao curso superior, analisado neste trabalho, são duplos e, algumas vezes, compreendidos de maneiras diferenciadas ou, até mesmo, são interpretados como sendo cursos onde diferentes habilidades e atribuições serão desenvolvidas, o que na verdade não ocorre, pois, de acordo com as diretrizes curriculares, apresentadas na Resolução nº 01, de 02 de fevereiro de 2006, o Ministério da Educação trata indistintamente os cursos de agronomia e de engenharia agrônômica, no Brasil.

Desta forma, ambas as nomenclaturas são adequadas a este curso de graduação, pois, independentemente da nomenclatura adotada pela Instituição de

Ensino, o currículo deverá seguir a mesma descrição e orientação da resolução referida anteriormente, garantindo que o profissional seja plenamente formado pela instituição, não sofrendo variações em função da nomenclatura adotada.

Seguindo a não diferenciação dos termos pela legislação brasileira, este trabalho utilizará ambas as nomenclaturas como referência ao curso que forma Agrônomos ou Engenheiros Agrônomos, sem que haja conflitos ou divergências entre eles, assim como tem sido adotado pelo MEC.

Agrônomos e Engenheiros Agrônomos

A titulação do profissional que se apresenta ao mercado, após conclusão do curso de graduação, acaba também sofrendo variação em sua nomenclatura, sendo apresentados os termos agrônomos e engenheiros agrônomos que se originam da duplicidade de termos referentes ao curso do qual derivam.

Isto poderia causar dúvidas quanto a possíveis diferenciações de atribuição e atividades profissionais, mas a Resolução 1.010/05, estabelecida pelo sistema CONFEA/CREA, o qual fiscaliza e orienta o profissional formado em cursos regulares de agronomia ou engenharia agrônômica, esclarece que não diferencia este profissional e que, independentemente da nomenclatura adotada, deverá seguir a mesma orientação deste sistema, para fins de fiscalização quanto à atribuição de títulos profissionais, atividades, competências e caracterização no âmbito de atuação dos mesmos.

Da mesma maneira apresentada para os termos de referência ao curso superior, esse trabalho utilizará ambos os termos, agrônomos e engenheiros agrônomos, ao longo de seu desenvolvimento, para referir-se ao profissional, sem que haja conflitos ou divergências entre eles.

Instituição de Ensino Superior (IES)

No Brasil, de acordo com o Ministério da Educação, uma instituição de ensino superior é aquela que promove educação em nível superior, regulamentada pela Lei Nº

9.394 de 1996, e que, de acordo com sua organização acadêmica, poderá ser credenciada como:

- Faculdade;
- Centro Universitário;
- Universidade.

Para iniciar o oferecimento de um curso de graduação, a IES depende de autorização do MEC. A exceção são as universidades e centros universitários que, por terem autonomia, independem de autorização para funcionamento de curso superior. No entanto, essas instituições devem informar à secretaria competente os cursos abertos para fins de supervisão, avaliação e posterior reconhecimento.

Tendo isto em mente, esta dissertação utilizará o termo instituição de ensino superior para referir-se as três categorias de credenciamento, estabelecidas pelo MEC, como descrito, não considerando sua organização acadêmica, e sim, seu objetivo final, de formar profissionais em cursos superiores regulares. Este trabalho irá basear-se e considerar, para fins de pesquisa, apenas instituições de ensino superior devidamente cadastradas e autorizadas, para o oferecimento do curso regular.

Atribuições de Títulos Profissionais

Quanto aos termos referidos para fins de atribuições e títulos profissionais, este trabalho adota as definições, estabelecidas na Resolução 1.010/05, para referência ao longo de sua discussão e pesquisa.

- Atribuição profissional - ato específico de consignar direitos e responsabilidades para o exercício da profissão, em reconhecimento de competências e habilidades derivadas de formação profissional obtida em cursos regulares;
- Título profissional - título atribuído pelo sistema CONFEA/CREA a portador de diploma expedido por instituições de ensino para egressos de cursos regulares,

correlacionado com o(s) respectivo(s) campo(s) de atuação profissional, em função do perfil de formação do egresso, e do projeto pedagógico do curso;

- Atividade profissional - ação característica da profissão, exercida regularmente;
- Campo de atuação profissional - área em que o profissional exerce sua profissão, em função de competências adquiridas na sua formação;
- Formação profissional - processo de aquisição de competências e habilidades para o exercício responsável da profissão;
- Competência profissional - capacidade de utilização de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários ao desempenho de atividades em campos profissionais específicos, obedecendo a padrões de qualidade e produtividade;
- Curso regular - curso técnico ou de graduação reconhecido, de pós-graduação credenciada, ou de pós-graduação senso lato considerado válido, em consonância com as disposições legais que disciplinam o sistema educacional, e devidamente registrado no sistema CONFEA/CREA.

Profissional que se dedica ao paisagismo no Brasil

As atividades, serviços e produtos oferecidos, relacionados às paisagens, evoluíram em ritmos diferentes no Brasil, e a formação de suas linguagens, termos e traduções utilizadas, podem ser capciosas, e muitas vezes não proporcionarem a real visão quanto à abrangência que as mesmas devem contemplar em seus significados.

Isso é notado quando busca-se uma nomenclatura que defina o profissional que se dedica a esta atividade. No Brasil, tem-se a atribuição de um título profissional àquele que é portador de diploma expedido por IES, e habilitado por seu conselho profissional; no que se refere ao paisagismo, isto não ocorre, assim como será apresentado, quando nos capítulos deste trabalho.

Desta forma, o paisagismo não se configura como uma profissão regulamentada no Brasil, e seus termos e nomenclaturas são adotados de acordo com preferências e conveniências. Sendo assim, os mais comuns são arquiteto paisagista e paisagista, justificados, a seguir, quanto a sua adoção, ou não, neste trabalho.

Arquiteto Paisagista é o equivalente literal de landscape architect; contudo, este termo é usado quase que exclusivamente por arquitetos, e pode significar, para a maioria das pessoas, um arquiteto que faz projeto de paisagem, e isso limitaria em muito a compreensão abrangente desta atividade.

Paisagista é o termo geralmente utilizado no Brasil como tradução de landscape designer, termo comumente utilizado em diversas regiões do globo. Esta nomenclatura tem sido atualmente melhor aceita por aqueles que se dedicam a esta atividade, agradando a todas as vertentes de profissionais que desenvolvem paisagens.

Tendo em mente que este trabalho deverá ampliar os horizontes do paisagismo, e auxiliar engenheiros agrônomos a se firmarem, com maturidade e competência, nesta atividade profissional, o termo paisagista será adotado como referência ao profissional que desenvolve o paisagismo no Brasil, independentemente de sua formação acadêmica.

A escolha por este termo também é semelhante na Espanha, onde “paisajista” é comumente usado, ao invés de “architecto paisajista”, em decorrência de restrições estabelecidas pela associação profissional dos arquitetos, por determinar exclusividade no uso do termo “architecto” (Holden, 2001).

Método de pesquisa

Com a finalidade de proporcionar uma visão abrangente quanto aos aspectos do paisagismo no Estado de São Paulo, e cumprir com os objetivos propostos nesta pesquisa, o presente trabalho buscou analisar três diferentes focos de estudo, os quais, de forma direta ou indireta, exercem influência nesta atividade profissional. São eles: prestadoras de serviço de paisagismo; estudantes de engenharia agrônoma, em fase final de formação acadêmica; e docentes que lecionam em disciplinas de paisagismo nos cursos de graduação em engenharia agrônoma, no Estado.

A análise desses focos de estudo proporcionou o contato, e extensão deste trabalho, com um rico universo de profissionais, estudantes e educadores relacionados ao paisagismo, no Estado de São Paulo, e o método utilizado, para a coleta e análise dos dados, foi o contato direto, e a realização de entrevistas semi-estruturadas, com o propósito de estabelecer o perfil de cada um dos analisados, bem como determinar suas expectativas e visões quanto ao paisagismo; no que se refere à aplicação prática, quando em empresas, e em sua forma teórica e pedagógica, quando nas instituições de ensino. Como meios de gerar tais informações, vários procedimentos foram utilizados, sendo alguns deles:

- Revisão Bibliográfica;
- Observação direta;
- Entrevistas pessoais, via telefone e e-mail;
- Pesquisas na Web.

Observar esses três componentes que interferem na atividade profissional de paisagismo, torna possível a coerência no trabalho apresentado, uma vez que permite observar os que atuam neste mercado, aqueles que buscam conhecê-lo, apenas em teoria, e aqueles que precisam ensinar a pensar como paisagista. Para que isto seja apresentado de forma clara, foram desenvolvidos capítulos específicos que tratarão sobre cada uma dessas realidades, visando entender as partes e ligando-as a um todo.

Objetivos

O objetivo geral dessa pesquisa consiste em proporcionar uma visão da situação do mercado de paisagismo no Estado de São Paulo, contribuir no processo de organização do ensino em paisagismo nas escolas de agronomia, e auxiliar os educadores a avaliarem suas práticas educacionais, na instrução para o paisagismo.

Como objetivos específicos, pode-se elencar os seguintes:

1º Capítulo - Estabelecer a visão das prestadoras de serviços de paisagismo sobre o mercado em que atuam, identificando os profissionais que oferecem tal realização e suas expectativas quanto à formação acadêmica para atender a este setor emergente.

2º Capítulo - Identificar aspectos do ensino de paisagismo a estudantes de agronomia, em função do interesse e visão que possuem quanto a este mercado.

3º Capítulo - Identificar aspectos do ensino de paisagismo a estudantes de agronomia, em função da visão que os docentes, desta área, possuem quanto a este mercado.

Estrutura da Dissertação

Para atender aos objetivos propostos, esta dissertação está estruturada em três capítulos. Após esta parte introdutória, segue o primeiro capítulo onde são abordadas as questões relacionadas ao mercado de paisagismo no Estado, na visão de suas empresas atuantes. No segundo capítulo é apresentada a visão dos estudantes de engenharia agrônoma, em fase de egresso da IES, no Estado; enquanto que o terceiro capítulo aborda a visão dos formadores desses profissionais, os docentes, que atuam nas áreas relacionadas ao paisagismo nas instituições que oferecem cursos de agronomia. Para encerramento desta dissertação são apresentadas as discussões relevantes, baseadas nas principais experiências obtidas, as limitações da pesquisa, bem como recomendações para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Resolução Nº 1.010, de 22 de agosto de 2005. Brasília: Publicada no Diário Oficial da União de 4 de setembro de 2006 – Seção 1 Pág. 116 a 118.

BRASIL. Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Resolução nº 218, de 29 de junho de 1973. Rio de Janeiro: Publicada no Diário Oficial da União de 31 de julho de 1973.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 1, de 2 de fevereiro de 2006. Publicada no Diário Oficial da União de 03 de fevereiro de 2006, seção I, pág. 31-32.

BRASIL. O Presidente da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Publicada no Diário Oficial da União de 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/lei9394.pdf>>

BUARQUE, C. A Universidade na Encruzilhada. In: MEC (Ed.) A Universidade na Encruzilhada. SEMINÁRIO UNIVERSIDADE: PORQUE E COMO MUDAR? 2003. Brasília. **Anais...**, UNESCO, 6-7 Ago 2003. p. 23-66.

GEISER, R. Depoimento para Abertura da Reunião Técnica de Engenheiros Agrônomos que Atuam em Paisagismo. In Grupo de Engenheiros Agrônomos Paisagistas do Estado de São Paulo, 1998, **Anais...** São Paulo: GEAPESP/AEASP.

HOLDEN, R. EFLA Education Committee Paper – Europe-wide recognition of landscape architecture degrees and professional qualifications. 2001. Disponível em: <<http://www.efla.org>>. Acesso em: Nov. 2009.

LIMA, C.C.; SANDEVILLE, E. Por um projeto contemporâneo de paisagismo. In DOURADO, G.M., **Visões de paisagem** — Um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil. São Paulo: ABAP, 1997. p. 17-20. p. 15-39.

SOARES, M.S. **Ética e exercício profissional**. Brasília, DF. ABEAS, 1996. 174p.
ZUIN, A.H.L. **A conjoint study towards transformative landscape architectural education in Brazil**. 2002. 323 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Edinburgh College of Art/ Heriot-Watt University, Edinburgh, 2002.

ZUIN, A.H.L. Aprender e aprender a educar para o paisagismo: saber o quê?. In: CBCEARA:45 CBOlericultura/ 15 CBFloricultura e Plantas Ornamentais/2 CB CTecidos de Plantas, 2005, Fortaleza - CE. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 23, p. 553-554, 2005.

2 SERVIÇOS DE PAISAGISMO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Resumo

Para obter dados que traduzem a realidade da prestação de serviços em paisagismo, o presente trabalho compõe-se da realização de entrevistas, com prestadoras de serviços de paisagismo, nas cinco regiões metropolitanas e administrativas do Estado de São Paulo que representam a geração de 85,2% do PIB paulista. Para fins de amostragem, foram consideradas as cidades-sede dessas regiões: São Paulo, Campinas, São José dos Campos, Sorocaba e Santos; nas quais realizou-se a identificação do universo de empresas, a partir do serviço de divulgação prestado pela empresa Publicar - líder no segmento de guias e listas de serviços à população – disponíveis no Guia Mais, em sua versão on-line. A partir deste levantamento pouco mais de 20% da população encontrada foi analisada, somando 50 empresas que contribuíram com os dados desta pesquisa. A partir dos resultados obtidos, pôde ser comprovada a visão de que os trabalhos de paisagismo são associados à jardinagem, em suas mais diversas formas. Identificou-se, ainda, a heterogeneidade das áreas de formação dos profissionais envolvidos nos trabalhos de paisagismo, sendo os arquitetos (25%) e agrônomos (23,33%) os que mais se destacam nesta atividade; porém, a atuação desses profissionais, segue superada por aqueles sem habilitação para esta atividade profissional (51,57%). Este fato confirma a idéia de que o mercado de paisagismo não tem tido muitas regras e orientações ou, pelo menos, não as tem cumprido de forma legal. Demonstra que, apesar de todos os desafios, os empreendedores em paisagismo (96%) têm projetado investimentos em seus mercados, visando ampliá-los, para os próximos anos; entretanto, é percebido que os recém-formados que se oferecem, para o desenvolvimento desses trabalhos, estão despreparados para realizá-los de forma satisfatória (88%).

Palavras-chave: Mercado de paisagismo; Empresas de paisagismo; Habilitação profissional; Jardinagem

LANDSCAPING SERVICES IN THE STATE OF SÃO PAULO

Abstract

To obtain data that reflects the reality of services in landscaping, this work consists of interviews with providers of landscaping services in the five metropolitan and administrative areas of the State of São Paulo who together represent the generation of 85.2% of the GDP in São Paulo. For sampling purposes, we considered the host cities of these regions: São Paulo, Campinas, São Jose dos Campos, Sorocaba and Santos, in which was done the identification of the universe of companies, based on the disclosure service provided by the company Publicar – leader in segments of guides and lists of local services - available in the Guia Mais, its online version. From this survey a little over 20% of the population found was analyzed, summing a total of 50 companies who contributed to the research data. From the results obtained, it could be proved the view that the landscaping works are associated with gardening, in its various forms. It could also identify the heterogeneity of the areas of formation of professionals involved in the work of landscaping, being architects (25%) and agronomists (23.33%) who stand out in this activity; however, the performance of these professionals is surpassed by those without professional qualification for this activity (51.57%). This fact confirms the idea that the landscaping market has not had many rules and guidelines or at least has complied to them in a legal form. It demonstrates that, despite all the challenges, entrepreneurs in landscaping (96%) have projected investments in their markets, aiming to extend them for the next few years; however, it is perceived that the recent graduates who offer services for the development these works are unprepared to perform them satisfactorily (88%).

Keywords: Landscaping market; Landscaping companies; Professional qualification; Gardening

2.1 Introdução

Repensar as associações feitas ao paisagismo, os tipos de serviços oferecidos, as perspectivas do mercado atual e a atuação profissional, a partir daqueles que oferecem esse serviço, é uma tentativa de propiciar maior aproximação, sintonia e profissionalidade a este emergente setor brasileiro.

Desta forma, o presente capítulo aborda os aspectos referentes ao paisagismo, no Estado de São Paulo, a partir das empresas que atendem às demandas deste mercado, identifica os profissionais atuantes como paisagistas, e destaca suas condições de formação e legalidade, para esta atuação profissional.

Esta identificação é motivada pela observação de alguns problemas no oferecimento dos serviços de paisagismo, despreparo daqueles que os realizam, e falta de qualificação e habilitação para esta atuação; tal realidade precisa ser melhor compreendida para que este setor, que ora se desponta como próspero, possa se desenvolver de forma consolidada e amadurecida, cumprindo com seus propósitos de contribuição à sociedade.

Embora lentamente, a compreensão da profissão de paisagista está evoluindo; cidadãos e governo aprendem como que os profissionais da paisagem podem ajudá-los a cumprir suas obrigações ambientais, e melhorar a vida, não para alguns, mas para todos; entretanto, a prosperidade desta atividade tem atraído indivíduos com formações diversas, ou sem qualquer formação, para atuação neste mercado, em função de suas perspectivas econômicas.

Observar a inexistência de registros confiáveis, quantos aos profissionais que atuam neste setor, bem como dos serviços oferecidos, aponta-se como um dos limitantes para a organização deste mercado; a compreensão desta realidade poderá auxiliar em decisões que favoreçam aqueles que seguem as orientações de capacitação e habilitação para o desenvolvimento de serviços relacionados ao paisagismo, como orientam os órgãos fiscalizadores das atividades profissionais.

Ressaltar as diferentes formas de atuação em paisagismo, e as visões relativas a este mercado, determinando as proporções e inter-relações de seus profissionais atuantes, deverá possibilitar um melhor entendimento da organização para esta atuação

e, ainda, proporcionar a tomada de medidas que promovam estímulos aos profissionais habilitados, para que possam ser efetivos na prestação desses serviços, além de auxiliar na formação daqueles que pretendem dedicar-se a esta atividade profissional.

Sendo assim, este capítulo objetiva estabelecer a visão que as prestadoras de serviços de paisagismo possuem quanto ao mercado em que atuam, identificando seus profissionais e suas expectativas quanto à formação acadêmica, para atender a este setor.

2.2 Desenvolvimento

2.2.1 Revisão bibliográfica

O paisagismo e sua vertente ambiental

A definição dos dicionários para o termo paisagem é citada por Paiva (2003), em que a define como aquele espaço de terreno que pode ser abrangido num lance de vista, resultante de um processo evolutivo que envolve clima, relevo e os seres humanos do lugar, em questão. Porém, Gonçalves (1992) ressalta que num lance de vista pode-se abranger um espaço geográfico diferente, em função da posição, da estatura e outras características do observador, sendo, portanto, uma definição insuficiente para descrever o objeto de estudo – a paisagem.

Segundo Macedo (1999) a paisagem é um produto, pois resulta de um processo social de ocupação e gestão de determinado território. O autor a considera como um sistema, porque qualquer ação que seja impressa sobre a paisagem, terá uma reação correspondente, a qual equivale ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total. Ainda, afirma que todo ambiente é constituído por diferentes paisagens, porém nem todas as paisagens formarão um ambiente por completo.

Sabe-se que a paisagem é o objeto de estudo e trabalho do paisagismo, e entende-se, também, a partir de Paiva (2003), que o paisagismo é uma atividade multidisciplinar de ciência e arte, que tem como objetivo planejar e administrar o espaço exterior, em relação ao homem e demais seres vivos.

De acordo com Cesar (2003), a classificação do paisagismo contemporâneo toma como base algumas vertentes que concentram visões de mundo e práticas profissionais diversas, assim abarcando vários modelos e tendências, cada uma. A primeira vertente concentra o paisagismo com ênfase na arquitetura da paisagem, cujo enfoque vê todos os espaços como arquitetura, sendo a vegetação também elemento de composição. Valoriza a prática de organização do espaço. A segunda vertente é o paisagismo com ênfase na percepção que explora aspectos sensoriais e psicológicos. Tem papel relevante em relacionar o espaço ao atendimento das expectativas sociais. A terceira vertente concentra o paisagismo ambiental, englobando várias práticas mais voltadas à preservação, que servem de pré-requisito ao desenvolvimento sustentável. Valoriza os aspectos ecossistêmicos.

Neste contexto, percebe-se a paisagem com a utilização da vegetação, o que, segundo Drumond (2005) não é obrigatoriedade para concretização de um projeto paisagístico. Porém, no Brasil, um país onde há abundância de uma vegetação exuberante, os projetos, na maioria das vezes, estão diretamente associados ao uso de espécies vegetais, visto que estas desempenham várias funções que podem melhorar significativamente os locais tratados.

As origens do paisagismo no Brasil misturam-se com o surgimento de um novo papel da horticultura, a partir de 1850, o qual era relacionado ao plantio de massas vegetais com a finalidade de embelezamento urbano e, principalmente, melhoria das condições de salubridade nas cidades (DOURADO, 1997).

De acordo com Medeiros (2008), no fim da década de 60, a importância dos processos ecológicos no paisagismo estava se firmando como linha projetual para os trabalhos, o que posteriormente ocasionou o surgimento de frentes divergentes de desenho da paisagem, sendo possível identificar a consolidação de duas linhas projetuais – uma “orientação ambientalista” e uma visão de “paisagem como arte”.

Na década de 1960, Ian McHarg, paisagista e planejador urbano, influenciou imensamente o movimento ambientalista com o lançamento do livro “Design With Nature” (1969), em que analisa os sistemas biofísicos e socioculturais, de um dado lugar, para revelar aonde devem ser estabelecidos os usos específicos do solo (BATISTELA, 2007).

Neste contexto, Medeiros (2008) destaca que o paisagismo, nas últimas décadas do século XX, começou a assumir uma visão interdisciplinar, procurando uma compreensão harmônica e dinâmica dos processos naturais. Cada vez mais os projetos paisagísticos com um enfoque ambientalista, ganham espaço, enfatizando a conservação dos recursos naturais e sua importância para o meio ambiente, havendo assim, uma compatibilização entre as várias orientações, de forma a privilegiar, tanto a questão relativa ao uso dos seres humanos que vão usufruir o ambiente construído, quanto da sustentabilidade do meio ambiente em que estão inseridos os projetos.

Podemos considerar que, se o desenvolvimento de uma vertente ecológica alcançou as áreas do conhecimento que abarcam o urbanismo e o planejamento urbano e regional, então este mesmo desenvolvimento reflete-se no paisagismo, pois a tradição metodológica do mesmo está inserida nas práticas urbanas. (CESAR, 2003).

Conforme Vieira (2007), a arquitetura paisagística contemporânea está calcada sobre valores relacionados à proteção e à manutenção do meio ambiente, à maneira de pensar globalizante e ao entendimento das trilhas intelectuais do passado.

Seguindo pesquisa realizada por Zuin (2002), adquiri-se uma boa ilustração para a compreensão geral do termo paisagismo no Brasil, uma vez que o autor identifica, a partir de análises em web sites brasileiros, que tratam sobre paisagismo, as abordagens referidas pelos mesmos, em seus conteúdos; demonstrando que a associação do paisagismo com a jardinagem é predominante, sendo destaque em 69% dos web sites analisados, como apresentado na Figura 1.1.

Figura 1.1 - Postagens brasileiras sobre paisagismo e suas abordagens, na internet
Fonte: Adaptado de Zuin, 2002.

Na visão de Medeiros (2008), o paisagismo no Brasil passa, recentemente, a incorporar, de maneira mais contundente, as preocupações ecológicas e por isso também, é mais demandado a fazer parte de construir e pensar as cidades. Devido a falta de espaços de lazer no contexto urbano, aumenta-se a possibilidade de se projetar parques ecológicos ou espaços onde se possa entrar em contato com a natureza. A crescente preocupação com a questão da degradação dos recursos naturais, no contexto das áreas metropolitanas, tem direcionado novas iniciativas no campo do paisagismo.

O paisagismo nos centros urbanos

A década de 1960 viu expandir as críticas e protestos generalizados sobre a qualidade de vida do ambiente urbano que vinha sendo produzido, tanto pelo poder público, quanto pela iniciativa privada. Criticava-se tanto o impacto dos empreendimentos sobre o meio ambiente e a vida das comunidades, quanto a própria qualidade dos espaços urbanos e da arquitetura. Essas críticas surgiram,

principalmente, da população afetada, além de pesquisadores e acadêmicos de ponta e da imprensa em geral. (RIO, 1990)

Um processo rápido de urbanização aconteceu na segunda metade do século XX, e, como Dourado (1997) levantou, o país agrícola dos anos 1950 transformou-se em um país cuja população vive, principalmente, nas cidades, que formam aglomerações como a megalópole de São Paulo. Com tendência crescente, as pessoas em todo o mundo se organizam em cidades. É preciso, então, tentar satisfazer os múltiplos interesses humanos das mais variadas formas, o que significa levar em consideração que muitas pessoas não querem viver somente em espaços cercados por construções, mas também em espaços livres, onde possam encontrar-se para as mais diversas atividades e onde possam vivenciar a presença de plantas e animais crescendo e vivendo ao ar livre.

Segundo Spirn (1995), a cidade não é nem totalmente natural, nem totalmente artificial, e a desconsideração dos projetos naturais na cidade é, e sempre será, tão custosa quanto perigosa. Desta forma, o paisagismo, no contexto urbano, tem papel conciliador proporcionando melhorias sociais e ambientais às cidades, atendendo à emergente necessidade que ora se aponta.

O atendimento real a esta necessidade crescente, pode ser, em muitos casos, questionada, já que muitas vezes a paisagem, como salienta Arendt (2005), adquire uma imagem que perpassa a fábula, o romântico e a cultura, que vai além da materialidade da paisagem, e que fica totalmente imbricada de valor monetário, financeiro, valor simbólico e real, adquirindo um caráter mundano, atrelado a um mundo movido por um motor hegemônico – o capitalismo.

Nota-se um grande envolvimento do mercado imobiliário na construção ou manutenção das paisagens, nos centros urbanos e, segundo Harvey (2000), especuladores, procurando maximizar seus ganhos a partir do aumento da renda da terra, por exemplo, estão atualmente reformando e reformatando ambientes metropolitanos de Xangai e Moscou, bem como de Londres e Nova Iorque.

De acordo com Wendel (2006), no período histórico atual, em várias cidades do Brasil e do Mundo, qualquer objeto associado a uma idéia de natureza torna-se sinônimo de qualidade de vida e transforma-se em valor econômico, aumentando os

preços dos apartamentos, casas, condomínios e edifícios. Do ponto de vista geográfico, definem-se territórios excludentes, que vendem desde a idéia de natureza até a de segurança. Outras, propagam a idéia de uma natureza nos antigos modelos das cidades do interior, como um parque temático (HARVEY, 2001).

A promoção do paisagismo, movido por interesses econômicos, tem reforçado a visão de Franco (1997) que afirma que este tem sido amplamente considerado, do ponto de vista da arquitetura da paisagem, como um tratamento cosmético do exterior, o que acaba por perpetuar a idéia excludente de que o paisagismo é considerado como um luxo para poucos.

O perigo eminente, da relação do paisagismo aos interesses econômicos, é a realização desta atividade sem os adequados conhecimentos necessários à sua realização, e a exclusão da ética, em seu processo de criação, em seus 3 subtemas básicos: ética ambiental, ética profissional e ética social, como destacado por Zuin (2005), trazendo prejuízos aos centros urbanos.

Profissionais atuantes em paisagismo

O Rio de Janeiro e São Paulo foram os dois principais centros urbanos, já no início do século XX, onde a crescente urbanização criou um lugar onde a paisagem profissional pôde aparecer. A criação de espaços públicos urbanos exigia pessoas que pudessem planejar a paisagem. Embora ainda projetassem sob os padrões importados, eles fizeram uso abundante da exuberante vegetação tropical, lado a lado com as plantas de uso tradicional na Europa (ZUIN, 2002).

Seguindo Zuin (2005), apesar do paisagismo abranger um campo de conhecimento relativamente jovem na academia, é, entretanto, uma atividade cuja origem remonta aos primórdios da humanidade. Sua organização formal, enquanto profissão, é também evento recente em vários países, sendo que em muitos, como no caso do Brasil, ainda é processo corrente.

Em sua discussão sobre o mercado de trabalho de paisagismo no Brasil, Pettan e Gonçalves (1998) levantaram a inexistência de um banco de dados de profissionais e chamaram a atenção para a dificuldade de coleta de informações e de profissionais

atuantes em seu contexto. Este tem sido um dos reais desafios ao desenvolvimento do paisagismo brasileiro, uma vez que, a visão de que não se conhecem aqueles que atuam nesta atividade, afirma a deficiência quanto à orientação desses profissionais e, ainda, na supervisão de seus trabalhos.

Na visão de Barbosa (1989), a prática do paisagismo em mãos inábeis acaba por deturpar suas finalidades principais, muitas vezes transmutando-o em mera mercantilização do verde. Faz-se necessário entender que paisagismo é o meio pelo qual o ser humano pode conseguir restabelecer parte do equilíbrio rompido da natureza. É preciso conscientizar as pessoas da importância do planejamento e projeto paisagístico.

Como apresentado anteriormente, a associação do paisagismo com os interesses econômicos tem despertado o empenho de muitas pessoas para o desenvolvimento desta atividade. De acordo com Zuin (2002), a última década foi pródiga na oferta de espetáculos e exposições de arquitetura, com flores e design de interior, o que impulsionou a popularidade de paisagistas, criando oportunidades de trabalho para a nova classe média alta, e deu a esta atividade um estatuto de uma carreira desejável e próspera. Como resultado, os cursos de paisagismo germinaram, tornando-se uma indústria lucrativa. Segundo levantamento realizado por este autor, os cursos livres de paisagismo contam com público heterogêneo, que inclui, juntamente com profissionais já atuantes, alunos de nível primário, médio, estudantes e formados em cursos superiores correlacionados ao paisagismo, que buscam complementação de sua formação. Muitos, ainda, são provenientes de áreas mais distantes e buscam, em muitos casos, mudança de rumo profissional; tal situação reproduz, rotineiramente, a formação de paisagistas no Brasil, seguindo a lenda de Burle Marx, como um profissional auto-didata.

Neste contexto, Zuin (2002) estabeleceu três grupos para os profissionais que se dedicam ao paisagismo no Brasil, destacando que a engenharia agrônoma, a arquitetura e engenharia florestal são os cursos superiores que devem incluir, formalmente, algum grau de instrução em paisagismo, como parte do seu currículo acadêmico. Depois, os diplomados nestes cursos passam por seu conselho profissional, neste caso, o mesmo para ambas as categorias profissionais,

(CONFEA/CREA), e estes deverão compor o primeiro grupo de profissionais da paisagem: aqueles legalmente habilitados para a prática da atividade em questão.

Estabelece que, num segundo grupo, existem aqueles que praticam paisagismo sem respaldo legal, embora tenham algum tipo de instrução no qual baseiam a sua prática. Tais profissionais vêm de outros cursos, onde a disciplina de paisagismo não é diretamente mencionada no currículo, mas têm um ponto de contato com o meio campo da ecologia, construção, estética, design, ou o estudo do espaço e da paisagem, como entidades físicas. Este grupo, portanto, inclui a biologia, geografia, artes, engenharia, em muitas de suas formas, como civil, agrícola e agrimensura.

O terceiro grupo estabelecido é composto pela clientela dos abundantes cursos de paisagismo oferecidos no país, com duração e conteúdos variáveis, que não conferem graus e não emitem diplomas. Estes cursos, muitas vezes são ministrados por paisagistas experientes, ou novatos com alguns conhecimentos teóricos, os quais cobrem uma multiplicidade de aspectos relacionados ao paisagismo, em diferentes níveis. Os cursos são o ponto de partida para muitos, no que se refere à prática ou ao comércio de bens e serviços relacionados ao paisagismo.

Diante desta realidade, prefere-se idealizar, de acordo com Dias (2004), o paisagista brasileiro como um profissional que necessita amadurecer e assumir importantes papéis na sociedade contemporânea, para integrar-se efetiva e consistentemente, na construção de um mundo mais equilibrado.

Serviços de paisagismo

O paisagismo residencial, institucional ou cívico sempre foi, e ainda é, a grande demanda dos escritórios. Basicamente, ocupa-se do entorno das edificações e de cenários urbanos - logradouros, parques, monumentos. Porém, a década de 60 assistiu à afirmação de um pensamento mais ligado ao planejamento em São Paulo, com os paisagistas participando desses planos, elaborados por escritórios e órgãos públicos (SANDEVILLE, 1997).

As crescentes demandas por serviços de paisagismo têm sido fortemente notadas e os empresários do ramo de paisagismo são unânimes em afirmar que o

mercado está em expansão. Com a estabilização da economia, os preços dos serviços baixaram, atraindo uma parcela maior de consumidores e, conseqüentemente, fizeram com que a atividade se tornasse uma opção atraente para os empreendedores (SEBRAE/CE, 1996).

Em sua pesquisa realizada em web sites brasileiros, na busca por paisagismo, Zuin (2002) revela que 72% anunciam e oferecem algum tipo de serviço, seja ele de projetos, manutenção ou, ainda, relacionado com a construção de paisagens, o que demonstra que este mercado está buscando atender demandas crescentes indicadas pelas necessidades de reconciliação com a natureza, e identificadas anteriormente.

A busca por paisagens afáveis se infundiu tão grandemente nos ambientes urbanos, em consequência de seus benefícios, que se torna destaque de vários autores. Seguindo Lucchesi (2005), a utilização das plantas nos ambientes de trabalho é defendida, com base em estudos feitos nos Estados Unidos, os quais mostram que o aumento da produtividade e criatividade dos funcionários é uma das principais vantagens deste procedimento.

Esta realidade demonstra a crescente busca por esses serviços nas cidades atuais, uma demanda que, segundo pesquisa realizada por Zuin (2002), apresenta distribuição geográfica que era, à primeira vista, proporcional à concentração regional da atividade econômica no Brasil, sendo o Estado de São Paulo o que mais apresenta profissionais dedicados ao oferecimento desses serviços.

2.2.2 Material e métodos

Área de estudo

A demanda por serviços relacionados ao paisagismo é considerada como um consumo de luxo entre a população brasileira, exigindo relativo capital para investimentos. Sendo assim, esta pesquisa considerou, para fins de análise e representação, o Estado de São Paulo, o qual localiza-se na região sudeste do Brasil, e tem uma contribuição ímpar em sua economia. (Figura 1.2)

Figura 1.2 - Representação do Estado de São Paulo no contexto brasileiro

Fonte: Adaptado de IBGE, 2007.

São Paulo, o Estado mais rico do Brasil, com o segundo maior PIB per capita da Federação e um dos maiores pólos econômicos da América do Sul, possui uma economia diversificada, cuja base, de acordo com o IBGE (2007), responde por 33,9% do PIB brasileiro (equivalente a R\$ 727,053 bilhões). Além disso, o Estado oferece boa infra-estrutura para investimentos, devido às condições satisfatórias de parte considerável das rodovias.

Uma vez associado os serviços de paisagismo com as condições econômicas do Estado analisado, considerou-se para fins deste estudo, suas divisões estabelecidas como regiões metropolitanas e administrativas, o que possibilitou uma visão ampla, e uma análise mais concisa, quanto à contribuição econômica que cada uma delas desempenha no contexto paulista.

Para representação das regiões mencionadas, as mesmas são demonstradas na Figura 1.3, seguindo as divisões apresentadas pelo IGC (2009), cuja missão é promover o conhecimento do território paulista, através da produção cartográfica, com

detalhe e precisão, e dos estudos geográficos relacionados à divisão administrativa e territorial do Estado de São Paulo.

Figura 1.3 - Regiões Administrativas e Metropolitanas do Estado de São Paulo, com as respectivas cidades-sede

Fonte: Adaptado de IGC, 2009.

Cada uma dessas regiões metropolitanas e administrativas representa uma contribuição ao capital gerado pelo Estado, e nesta pesquisa, optou-se por amostrar aquelas que mais contribuem com o PIB paulista.

Para estabelecimento dessa contribuição, utilizou-se de informações disponíveis pelo SEADE (2008), que realiza o cálculo do PIB dos municípios paulistas em projeto de âmbito nacional, coordenado pelo IBGE. Esse cálculo baseia-se em uma metodologia desenvolvida conjuntamente pelo próprio IBGE, e pelos órgãos estaduais de estatística, e consiste basicamente no rateio, entre os municípios, do valor adicionado das principais atividades econômicas contidas no PIB do Estado, por meio de indicadores pertinentes a cada uma delas.

Na pesquisa realizada pelo SEADE (2008), a Região Metropolitana de São Paulo responde por mais da metade do PIB total do Estado (56,1%). Entre as regiões administrativas paulistas, a maior é a de Campinas (15,4%), seguida pelas de São José

dos Campos (5,2%), Sorocaba (4,7%) e Santos (3,8%), que formam o entorno da RMSP e delimitam uma extensa área de grande desenvolvimento econômico.

Em conjunto, estas cinco regiões identificadas respondem pela geração de 85,2% do PIB paulista (Figura 1.4), demonstrando um ligeiro aumento da concentração da atividade econômica nessa área, uma vez que em 2002 o conjunto dessas regiões representava 84,6% do PIB paulista. Este aumento vem sugerindo possibilidades de desenvolvimento nessas regiões, e ainda maior crescimento econômico.

Figura 1.4 - Distribuição do PIB Paulista dentre as regiões administrativas e metropolitanas do Estado

Fonte: Adaptado da Fundação SEADE, 2008.

Considera-se que estas cinco regiões representam a demanda mais significativa quanto à solicitação de serviços relacionados ao paisagismo, no Estado, uma vez que têm uma contribuição ímpar em sua economia; por esta mesma razão, acredita-se, ainda, que seja esta a área do Estado onde se localiza a maior parte das empresas que oferecem esses serviços.

Tendo como base as cinco regiões selecionadas, optou-se pela investigação e amostragem nas cidades-sede de cada uma delas, que são: São Paulo, Campinas, São José dos Campos, Sorocaba e Santos (Figura 1.5). Com esta amostragem, acredita-se

que as investigações realizadas possam representar o Estado no que se refere ao oferecimento de serviços relacionados ao paisagismo.

Figura 1.5 - Localização das cidades-sede amostradas, dentro da região à qual pertencem
 Fonte: Adaptado de IGC, 2009.

População e amostra

Nas cidades-sede selecionadas, buscou-se realizar o levantamento referente ao número de empresas que prestam serviços e oferecem produtos relacionados ao paisagismo, para viabilizar a identificação de sua população, para análise.

Para tal realização, optou-se por seguir duas estratégias, sendo a primeira delas a identificação das prestadoras de serviço a partir de registros, junto às prefeituras e órgãos administrativos municipais. Como segunda opção, para levantamento dessa população, considerou-se conhecer as empresas existentes, aproveitando suas próprias estratégias de divulgação, com base em fontes de informações que promovem e divulgam o oferecimento de seus serviços ao público em geral.

Com o propósito de realizar o levantamento, de acordo com a primeira opção prevista por esta pesquisa, foram contatados os órgãos municipais para averiguação de

seus registros, bem como das possibilidades de torná-los disponíveis a esta pesquisa. Caso essa alternativa não se viabilizasse, a mais adequada fonte para determinação do universo de empresas da área analisada, seria considerar a listagem obtida a partir de levantamentos, junto ao serviço de divulgação prestado pela empresa Publicar, a qual disponibiliza guias e listas de serviços à população.

De acordo com Gasparin (2006) esta empresa, pertencente ao grupo latino-americano Carvajal, opera no Brasil há mais de duas décadas, sendo líder no segmento de listas e guias. A Publicar está presente em todas as regiões do país, e já possuía as marcas Editel, Encontre e Compre, Guia Aqui, Listel e Lista On-line e, em 2007, incorporou a marca líder do segmento em São Paulo e no Rio de Janeiro, o Guia Mais, com as versões impressa, disk e on-line.

Para análise direcionada aos serviços de paisagismo seria utilizado o serviço oferecido pelo Guia Mais, em seu formato on-line, disponível no site www.guiamais.com, pois isto viabilizaria o levantamento e identificação das empresas, juntamente com a coleta de informações referentes aos seus dados de atendimento, para o estabelecimento de contatos futuros. O levantamento das empresas deveria ser realizado a partir da busca, disponível nos serviços do Guia Mais, por “paisagismo”, nas cidades de São Paulo, Campinas, São José dos Campos, Sorocaba e Santos.

Depois de realizada a identificação das empresas, nas cidades determinadas, considerou-se, para fins de amostragem, que 20% delas efetivamente deveriam oferecer dados a esta pesquisa, sendo este percentual distribuído de forma proporcional, em função do número de prestadoras de serviço listadas em cada uma das cidades analisadas. Esta prática proporciona uma amostragem estratificada, seguida de por uma amostragem aleatória simples, onde são escolhidas ao acaso aquelas que oferecerão dados para análise.

Forma de coleta dos dados

Com a listagem das empresas a serem amostradas aleatoriamente, inicia-se o estabelecimento de contato com as mesmas, via telefone, para identificar aquelas cujos profissionais ou responsáveis estivessem dispostos a fornecer informações a esta

pesquisa. Estes contatos deveriam ser realizados até que se alcançasse o número pretendido para amostragem (20%), quando então se considera que todas as demais foram representadas.

A coleta das informações dá-se a partir de entrevista individual, via telefone, de forma semi-estruturada, com questões de múltipla escolha para os questionamentos expostos, devido às suas vantagens para o processamento dos dados recolhidos, porém, permitindo a anotação de possíveis comentários adicionais.

Para a estruturação do questionário exposto, buscou-se a observação de trabalhos publicados com esta mesma estratégia para coleta de dados. Dentre os trabalhos encontrados, muitos contribuíram para a visão de como poderiam ser elaboradas questões para alcance dos objetivos propostos nesta análise, porém nenhum deles ofereceu efetiva utilização de seus questionamentos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Diante desta realidade, um questionário próprio foi elaborado para a coleta dos dados pretendidos. Seguindo Günther (2003), a elaboração do questionário partiu da reflexão quanto ao objetivo da pesquisa em termos dos conceitos a serem pesquisados e da população-alvo. Utilizou-se, como base de desenvolvimento as experiências do pesquisador, o contato com a população a ser amostrada, a visão literária do assunto pretendido e as visões do orientador e colaboradores desta pesquisa.

O questionário preparado e utilizado como roteiro para a entrevista realizada foi composto de três áreas de investigação, a saber: questões para caracterização das empresas entrevistadas (Figura 1.6); aspectos relativos à visão quanto ao mercado de paisagismo no Estado (Figura 1.7); e aspectos da formação dos profissionais para atuação em paisagismo. (Figura 1.8).

1. Há quanto tempo a empresa oferece serviços de paisagismo?
2. Quais são os serviços, relacionados ao paisagismo, oferecidos pela empresa?
3. Qual é a formação do(s) profissional(is) que oferece(m) esses serviços?
4. Qual é a situação do mercado de paisagismo para a empresa neste momento?
() Ótima () Boa () Regular () Ruim () Péssima

Figura 1.6 - Questões elaboradas para caracterização das empresas entrevistadas

As questões apresentadas na Figura 1.6 têm o propósito de estabelecer o perfil das empresas atuantes em paisagismo no Estado, visando obter respostas objetivas, sem possibilidade de comentários adicionais.

Cada uma destas questões intenciona uma possibilidade de análise, a saber: questão 1, determinar o tempo de atuação das empresas paulistas no mercado analisado; questão 2, proporcionar uma visão quanto aos serviços que atualmente são oferecidos como paisagismo, o que pode determinar as associações desses serviços pelas empresas prestadoras; questão 3, identificar a formação e capacitação recebida por aqueles que oferecem serviços de paisagismo nas empresas analisadas, e estabelecer a participação das diversas áreas de atuação profissional com envolvimento neste mercado; questão 4, identificar a situação do mercado de paisagismo no momento em que a pesquisa foi realizada.

5. Acredita que os trabalhos com paisagismo são promissores no Estado?

() Sim () Não

6. Acredita ser importante a participação de mais de um profissional na construção de paisagens? () Sim () Não | Quais deveriam ser os profissionais envolvidos?

() Arquiteto

() Biólogo

() Engenheiro Agrônomo

() Engenheiro Florestal

() Geógrafo

() Outros.

7. Acredita ser necessária a regulamentação da profissão de paisagista?

() Sim () Não

Figura 1.7 - Questões relativas à visão quanto aos serviços de paisagismo no Estado

As questões oferecidas na Figura 1.7 intencionam identificar a visão das empresas atuantes em paisagismo quanto a este mercado, no Estado de São Paulo, apresentando questões cuja resposta seria “Sim” ou “Não”, sendo então abertas para possíveis comentários adicionais.

Para fins de análise, suas questões visam: questão 5, estabelecer as perspectivas e expectativas, dos empresários do ramo de paisagismo, quanto a promessa deste mercado, dimensionando possibilidades de investimentos futuros; questão 6, compreender a visão que as empresas de paisagismo têm quando aos trabalhos de multiprofissionais na construção das paisagens e, ainda, identificar as áreas de formação, que as mesmas observam como importantes para o oferecimento de seus serviços, expondo alternativas que determinam as origens acadêmicas mais frequentes dos paisagistas brasileiros, como determinado por Zuin (2002); questão 7, analisar a visão, daqueles que atuam em paisagismo, quanto à regulamentação dessa profissão.

-
8. Sente que os recém-formados têm interesse por trabalhos de paisagismo?
() Sim () Não
9. Sente que os recém-formados foram devidamente capacitados pelas instituições de ensino superior, para o oferecimento de serviços relacionados ao paisagismo?
() Sim () Não

Figura 1.8 - Questões quanto aos aspectos da formação dos profissionais para atuação em paisagismo

A Figura 1.8 apresenta questões com o propósito de identificar a visão das empresas, quanto à formação de profissionais, para a prática do paisagismo, com possibilidades de respostas “Sim” ou “Não”, oferecendo abertura para comentários adicionais.

Estas questões foram elaboradas com a finalidade de: questão 8, identificar se os recém-formados têm buscado aproximação com as empresas do setor de paisagismo, se buscam formas de se inserirem neste mercado, diretamente com empresários do ramo; questão 9, identificar a visão quanto a inserção dos recém-formados no mercado de paisagismo, analisando se os mesmos apresentam-se capacitados para atenderem suas necessidades, de forma satisfatória.

2.2.3 Resultados e discussões

Com o propósito de obter o levantamento referente ao número de empresas que prestam serviços e oferecem produtos relacionados ao paisagismo, buscou-se realizar a identificação das mesmas, a partir de registros, junto às prefeituras e órgãos administrativos municipais; entretanto, esta realização não foi possível, em função de registros desatualizados e, principalmente, pelo não registro das empresas como sendo prestadoras de serviços relacionados ao paisagismo; muitas delas, apesar de oferecerem esses serviços, estão registradas com outras descrições, o que impossibilitou uma visão real da população a ser amostrada.

Frente a esta realidade, a pesquisa seguiu com sua segunda opção, que foi utilizar os serviços da empresa Publicar, procurando por “paisagismo” na opção de busca do Guia Mais, em seu formato on-line, nas cidades de São Paulo, Campinas, São José dos Campos, Sorocaba e Santos. A partir desta busca, identificou-se uma população de 230 empresas que oferecem serviços de paisagismo, nas cidades selecionadas para esta pesquisa, como segue apresentado na Tabela 1.1.

Tabela 1.1 - Número de empresas identificadas a partir de busca por “Paisagismo”, realizada no site www.guiamais.com, Acesso em: 19 abr 2009

Cidades paulistas	Nº de empresas identificadas
São Paulo	136
Campinas	52
São José dos Campos	20
Santos	14
Sorocaba	08
Total	230

Para determinação do número amostrado de empresas que, efetivamente, poderiam representar a região de maior influência econômica no Estado, através das chamadas “cidades-sede”, considerou-se, um mínimo de 20% do número total de empresas encontradas em cada uma delas, resultando no que é demonstrado pela Tabela 1.2.

Tabela 1.2 - Número de empresas amostradas em cada uma das cidades-sede selecionadas do Estado de São Paulo

Cidades-sede	N° de empresas amostradas
São Paulo	28
Campinas	11
São José dos Campos	4
Santos	4
Sorocaba	3
Total	50

Em função do percentual amostrado, calculou-se que, para análise dos resultados das questões apresentadas, o erro amostral é de 15,62%, com 90% de probabilidade.

A listagem das empresas identificadas possibilitou, ainda, a obtenção de uma pequena descrição de seus serviços oferecidos, telefones de contato e endereços; tais informações viabilizaram o contato para coleta dos dados.

Procurando não induzir respostas mas, contudo, dispor as questões de maneira tal que houvesse uma sequência nas informações a serem obtidas, as respostas ao questionário são discutidas, a seguir, na ordem em que foram apresentadas.

Questões para caracterização das empresas entrevistadas

1. Há quanto tempo a empresa oferece serviços de paisagismo?

As respostas desta questão foram agrupadas em intervalos, de anos, como demonstrado na Tabela 1.3.

Tabela 1.3 - Tempo de atuação das empresas de paisagismo amostradas, no Estado de São Paulo

Tempo de atuação das empresas (em anos)	Frequência (N° de empresas)	Percentual (%)
0 a 5	11	22
6 a 10	10	20
11 a 15	15	30
16 a 20	4	08
Acima de 20	10	20
Total	50	100

Os resultados apresentados demonstram que, no mercado de paisagismo, podem ser encontradas empresas que são iniciantes no ramo, aquelas com longa data no mercado e, ainda, as intermediárias no oferecimento desses serviços. Tal fato acaba por constatar que a atuação neste mercado não é recente, mas vem recebendo investimentos, para abertura de novos empreendimentos, ao longo dos últimos anos. Esta realidade é principalmente observada pelos valores referentes às empresas com idade entre 0 e 5 anos e acima de 20 anos de atuação, que correspondem a 22% e 20% do total, respectivamente.

Destaca-se a atuação de prestadoras de serviços de paisagismo há mais de 10 anos no mercado, cujo percentual é de 58%. A partir de uma análise geral, constata-se que as empresas, que oferecem serviços de paisagismo, apresentam um tempo médio de atuação de 13,27 anos.

A observação desses dados confere maior segurança quanto à representação desta pesquisa, no que se refere a sua abrangência entre as empresas inseridas no mercado de paisagismo, uma vez que demonstra seu alcance em todos os intervalos estabelecidos, para fins de coleta dos dados posteriores.

2. Quais são os serviços, relacionados ao paisagismo, oferecidos pela empresa?

Os resultados desta questão constata que os serviços oferecidos como paisagismo estão diretamente relacionados a jardins e utilização de plantas ornamentais, como pode ser observado na Tabela 1.4.

Tabela 1.4 - Serviços relacionados ao paisagismo oferecidos pelas empresas amostradas

Serviços oferecidos	Frequência (N° de empresas)	Percentual (%)
Reforma de jardins	50	100
Implantação de jardins	48	96
Manutenção de jardins	48	96
Elaboração de projetos paisagísticos	35	70
Venda de plantas ornamentais	32	64
Venda de mudas arbóreas	32	64
Venda de flores de corte	21	42

A Tabela 1.4 oferece uma boa ilustração daquilo que é chamado de serviço de paisagismo pelas empresas, comprovando a visão de que os trabalhos de paisagismo são associados à jardinagem; assim com verificado por Zuin (2002), quando da pesquisa em web sites brasileiros sobre paisagismo, identificou que, 69% destes, faziam referências e mantinham uma predominância, nos assuntos relacionados à jardinagem.

Dentre os serviços apresentados, o que recebe destaque é a reforma de jardins, oferecido por todas as empresas, representando 100% nesta análise, e evidenciando que este seja um dos mais efetivos trabalhos neste mercado. Esta realidade vem a demonstrar a insatisfação dos clientes quando da busca por esse serviço, o que talvez possa ser justificado pelo oferecimento e implantação de projetos mal configurados e fadados à condenação. Este fato tem sido observado na construção de paisagens com

o uso de espécies vegetais inadequadas às condições físicas, ambientais e às necessidades dos clientes finais.

Muitas empresas também realizam a comercialização de espécies vegetais, associando os serviços de paisagismo à floriculturas e viveiros de mudas, como demonstrado pela venda de plantas ornamentais, mudas arbóreas e flores de corte, o que representou 64% para as duas primeiras e 42% das empresas, para a última. Este fato evidencia que, em um país tropical, nada mais adequado na construção de paisagens do que o uso de vegetação exuberante e diversificada.

O que pôde ser observado, quando da associação de paisagismo com a venda de plantas ornamentais e flores de corte, é que este oferecimento conjunto seja uma estratégia para atrair e conquistar clientes neste mercado. A venda de plantas e ornamentos para os jardins tem se mostrado como um atrativo para a efetiva contratação dos serviços para elaboração, implantação e manutenção das paisagens. Esta estratégia tem reafirmado a visão de associação do paisagismo com a jardinagem.

A elaboração de projetos paisagísticos, pelas empresas amostradas, pôde ser analisada como um serviço oferecido de forma intermediária, uma vez que encontra-se em percentual inferior àqueles mais oferecidos, diretamente voltados a jardins; porém, prevalece quanto à comercialização de espécies vegetais. Neste contexto vale a pena ressaltar a observação de Dourado (1997) quando identificou que, a partir dos anos 70, alguns paisagistas passaram a dedicar-se, apenas, à concepção de projetos, e não mais a todas as etapas de implantação e manutenção das paisagens. Em seu trabalho, o autor concluiu que a execução e manutenção de projetos paisagísticos foi uma forma eficiente e comum de inserção do profissional no mercado de trabalho, em especial daqueles em cuja base técnica predominam os conteúdos agrícolas.

Esta realidade nos possibilita observar que este mercado de serviços, com tanta abrangência de atividades, tem uma forte ligação com as ciências agrárias, em suas mais diversas formas, uma vez que amplia possibilidades, desde a produção das mais variadas espécies vegetais, até o combate a pragas e doenças, em parques e áreas vegetadas, compreendendo a grandeza da composição das paisagens e sua manutenção, para a posteridade.

3. Qual é a formação do(s) profissional(is) que oferece(m) esses serviços?

Como resultado a esta questão foram identificados 60 profissionais atuantes como paisagistas, sendo os mesmos originários de diferentes formações, o que pode ser notado na Tabela 1.5.

Tabela 1.5 - Formação dos profissionais que oferecem serviços de paisagismo nas empresas amostradas

Formação dos profissionais identificados	Frequência (N° de profissionais)	Percentual (%)
Arquitetura	15	25,00
Cursos livres de paisagismo	15	25,00
Engenharia Agrônômica	14	23,33
Técnico Agrícola	5	8,33
Ensino Médio	4	6,66
Técnico em Edificações	3	5,00
Biologia	2	3,33
Matemática	1	1,66
Nenhum	1	1,66
Total	60	100

A partir deste levantamento, foi possível identificar que ocorre heterogeneidade quanto às áreas de formação dos profissionais envolvidos nos trabalhos de paisagismo, o que pode justificar as diversas visões desta mesma atividade profissional, e os constantes conflitos e mal-entendidos verificados, como citado na introdução desta dissertação.

Um mercado tão diversificado quanto à formação de seus profissionais, encontra vários desafios a serem superados; neste caso, reforça-se a idéia de que a compreensão quanto ao conceito de paisagem e suas funções, não apresentam

harmonia e coerência entre seus profissionais, uma vez que cada um traz, para sua atuação, visões diferenciadas quanto aos serviços que prestam.

Alguns reforçam seus conhecimentos artísticos e estéticos nos trabalhos realizados (oriundos da arquitetura); outros lidam com paisagismo à semelhança da própria agricultura que é um sistema, heterogêneo e inter-relacionado, de água, solo, planta, animal e ambiente (formados em engenharia agrônômica); outros aplicam seus conhecimentos botânicos (tendo destaque a formação em biologia). Alguns confiam em suas experiências de vida (quando em cursos livres de paisagismo), enquanto há aqueles que acreditam em seus talentos, e dons inatos, para esta realização (dentre os que não possuem formação ou instrução nesta área).

Para prosseguir com as análises dos dados apresentados por esta questão, optou-se por seguir a proposta de Zuin (2002), quanto à divisão dos profissionais de paisagismo em 3 grupos distintos. O primeiro grupo, composto por profissionais da paisagem legalmente habilitados para esta prática, segundo a Resolução N° 1.010/05 (CONFEA); num segundo grupo, aqueles que praticam paisagismo sem respaldo legal, mas receberam algum tipo de instrução relacionada, no qual baseiam a sua prática; o terceiro grupo, composto pela clientela dos cursos de paisagismo, os quais não conferem graus e não emitem diplomas. A este último grupo foram adicionados aqueles que decidiram mudar sua área profissional, e os demais atuantes que apresentam apenas formação escolar básica. Os três grupos, e seus componentes, seguem apresentados na Tabela 1.6.

Tabela 1.6 - Divisão dos profissionais encontrados nesta pesquisa, entre os grupos descritos por Zuin (2002)

Grupos	Formação dos profissionais identificados	Frequência (N° de profissionais)
1o.	Agronomia e Arquitetura	29
2o.	Técnico Agrícola , Biologia e Técnico em Edificações	10
3o.	Cursos livres de paisagismo , Ensino Médio , Matemática e nenhum	21

A partir dessa divisão, observa-se que ocorre a representação de todos os grupos descritos por Zuin (2002), sendo, na Figura 1.9, dimensionada a participação de cada um deles no mercado de paisagismo, em função de seus percentuais.

Figura 1.9 - Percentual dos grupos de profissionais em paisagismo identificados nesta pesquisa

Estes dados indicam que os diferentes grupos têm atuado no mercado de paisagismo, sendo cada um deles representado de forma bastante expressiva no Estado de São Paulo, reafirmando a idéia de que este mercado não tem tido muitas regras e orientações quanto aos profissionais atuantes, falhando quanto à ética e responsabilidade técnica nos serviços oferecidos.

Dentre os grupos estabelecidos, apenas o primeiro apresenta respaldo legal para a atividade profissional de paisagismo, representando menos da metade dos profissionais no mercado (48,33%). Neste primeiro caso, os profissionais são diplomados em cursos superiores e fiscalizados por seu conselho profissional (CONFEA/CREA), o qual os habilita a atuarem em paisagismo. Essa realidade de fiscalização possibilita a identificação e acompanhamento quanto aos serviços prestados por esses profissionais, dando um primeiro passo para o cumprimento da ética e responsabilidade técnica sobre os trabalhos realizados.

O segundo grupo, com 16,67%, apresenta profissionais, também formados em cursos superiores regulares, que seguem seus conselhos profissionais, porém não são autorizados, pelos mesmos, para exercerem a atividade profissional de paisagismo. Essa situação não garante o cumprimento desses serviços com a confiabilidade que os mesmos necessitam, uma vez que a fiscalização e registro não são praticados nos serviços oferecidos.

Analisando a representação do 3º grupo, no mercado de paisagismo, o qual concentra 35% dos profissionais, nota-se que, mesmo não pertencendo a conselhos profissionais e sem órgão fiscalizador, atua de forma expressiva, não garantindo, aos clientes finais, qualquer responsabilidade técnica sobre os trabalhos realizados. A falta de conhecimentos técnicos aliados à não fiscalização dos trabalhos pode acarretar uma série de desafios ao desenvolvimento do setor de paisagismo.

Vale a pena ressaltar que os conselhos profissionais têm a missão de proteger a sociedade contra o risco a que estaria exposta pela execução de atividades técnicas por leigos ou, ainda, pelo mau exercício profissional, garantindo ao mesmo tempo, mercado de trabalho para os profissionais legalmente habilitados. Para a sociedade, essa atuação significa segurança nas obras e serviços prestados. (CREA-MG, 2005)

Sem o cumprimento da ética no oferecimento dos serviços de paisagismo, toda a sociedade sofre os seus prejuízos, o que é realmente preocupante, quando identifica-se que a maior parte dos profissionais atuantes, neste mercado, 51,57%, não estão em condições favoráveis a este cumprimento, representados pelo 2º e 3º grupo analisado nesta pesquisa.

Para melhor compreender a aplicação da ética nestes trabalhos oferecidos, segue-se Zuin (2005), quando descreve que a ética no paisagismo envolve três subtemas básicos: 1. Ética ambiental, relativa ao grau de alteração dos habitats naturais e construídos, à introdução de contaminantes biológicos como plantas ornamentais, à utilização indiscriminada de plantas “nativas”, ao uso pouco criterioso de adubos, pesticidas, água e energia; 2. Ética profissional, relacionada com as práticas e processos do programa à execução, com o critério de seleção de plantas e de fornecedores, com o estabelecimento de preços dos serviços, com a responsabilidade técnica associativa, política e na formação de outros profissionais; 3. Ética social, que

resgata da posição de dispendiosa e supérflua ação cosmética uma profissão que é capaz de transformar e qualificar espaços, tornando-os lugares de crescimento e saúde individual, interação e inclusão social, vivência e integração entre o humano e o ambiente.

4. Qual é a situação do mercado de paisagismo para a empresa neste momento?

As respostas desta questão são apresentadas na Tabela 1.7 e identificam que as empresas consideram como bom o mercado em que estão inseridas, demonstrando seguimento de suas atividades e serviços, no período de realização da pesquisa. Esperava-se que tal situação pudesse não ter sido evidenciada, uma vez que o ano de 2008 seguiu com uma crise financeira internacional, a qual permeou seus impactos na economia brasileira, ocasionando instabilidade aos investimentos.

Tabela 1.7 - Visão quanto à situação do mercado de paisagismo nas empresas amostradas, no período de realização da pesquisa

Situação do mercado	Frequência (N° de empresas)	Percentual (%)
Ótima	5	10
Boa	24	48
Regular	18	36
Ruim	3	6
Péssima	0	0
Total	50	100

No contexto de uma crise financeira, os efeitos da instabilidade econômica poderiam exercer influências negativas no desenvolvimento das empresas de paisagismo, seja pela redução de mercado ou, ainda, pela falta de recursos para investimentos. Porém, nota-se que, dentre os cenários de crises financeiras

internacionais, muitos economistas, assim como Kanitz (2009), afirmaram que, neste período, o Brasil encontrou-se numa posição bem mais confortável para enfrentar essa tempestade mundial do que em situações anteriores.

Com este trabalho, tal assertiva pôde ser confirmada pelas respostas satisfatórias dos empreendedores de paisagismo, os quais demonstraram que, para suas empresas, a crise não afetou os investimentos e demandas, como poderíamos acreditar.

Quando da relação dos dados da situação de mercado (Tabela 1.7) com os grupos profissionais atuantes em paisagismo, apresentados na Tabela 1.6, identificou-se que, dentre aqueles que consideraram o mercado em situação ótima, contam-se apenas as empresas que atuavam com profissionais do 1º e 2º grupo. A realidade desta relação poderia ser justificada por uma atuação satisfatória desses profissionais no mercado de paisagismo, seja em função de suas qualidades técnicas de formação ou, ainda, pela condição de assumirem responsabilidade técnica sobre seus serviços.

A análise desta relação também evidenciou que, as respostas que relataram uma situação ruim de mercado envolveram apenas as empresas que atuavam com profissionais do 3º grupo; ainda este grupo, também foi responsável por 50% das respostas que consideraram como em situação regular o mercado analisado.

Os percentuais envolvendo os grupos de profissionais, em função das respostas obtidas por este questionamento, são apresentados na Figura 1.10.

Figura 1.10 - Percentual de representação, dos grupos de profissionais, em cada uma das alternativas obtidas como resposta à questão 4

Nota-se que as empresas que atuam com profissionais do 1º e 2º grupos têm encontrado situação de mercado mais favorável do que aquelas cujos profissionais não apresentam formação em curso superior, ou vêm de uma mudança de rumo profissional. Esta situação pode ser procedente de um mercado mais consciente, que busca os serviços de paisagismo de forma mais exigente, estabelecendo um mínimo de qualificação para a realização desses serviços.

Com esta análise pode-se sugerir uma tendência do mercado de paisagismo para a busca por profissionais melhor qualificados, e em condições favoráveis para a regulamentação de seus serviços prestados, garantindo a estes uma situação mais favorável de atuação.

Visão das empresas quanto aos serviços de paisagismo no Estado de São Paulo

5. Acredita que os trabalhos com paisagismo são promissores no Estado?

Os dados desta questão comprovam que os trabalhos com paisagismo têm sido promissores para seus investidores, os quais projetam uma abertura ainda maior de mercado neste setor de serviços, como demonstrado pelas respostas da Tabela 1.8.

Tabela 1.8 – Expectativa de crescimento do mercado avaliado nas empresas de paisagismo amostradas

Mercado promissor	Frequência (N° de empresas)	Percentual (%)
Sim	48	96
Não	02	04
Total	50	100

Os resultados apresentados constataam que os empresários mostraram-se otimistas quanto ao desenvolvimento do paisagismo no Estado, uma vez que 96% deles afirmaram que o mercado é promissor. Esta visão oferece a possibilidade de dimensionar aceitáveis ampliações deste mercado, nos próximos anos, com possibilidades de investimentos futuros.

Quanto aos comentários adicionais, 20 empresas manifestaram-se e, de alguma forma, falaram sobre o assunto apresentado. Para melhor expor os comentários obtidos, os mesmos foram relacionados e incorporados dentre aqueles citados com maior frequência.

- 1- Valoração Imobiliária - expressa a situação de crescimento deste mercado como sendo uma consequência do valor que o paisagismo agrega aos imóveis no contexto urbano.
- 2- Qualidade de vida - acredita que as pessoas estão buscando a qualidade de vida que o paisagismo pode proporcionar investindo em ambientes agradáveis.

- 3- Prosperidade de condomínios - este mercado poderá crescer ainda mais em função da demanda de condomínios fechados.
- 4- Reaproximação da natureza - acredita que as pessoas estão em busca de uma reaproximação com os elementos naturais.
- 5- Melhor em outros Estados - observa que outros Estados brasileiros são ainda mais promissores quanto a este mercado.
- 6- Poderia ser melhor - acredita que poderia ser melhor se tivesse profissionais bem formados para atuação.

Para melhor observar a representação dos comentários obtidos nesta questão, segue a Figura 1.11 com os percentuais, cujo cálculo foi baseado no número total de empresas que se manifestaram.

Figura 1. 11 - Percentual de comentários adicionais relacionados à questão 05

Os comentários analisados com maior destaque para esta questão seguem alinhados com a visão apresentada por Phillips (2000) quando destaca que a paisagem tem um importante valor econômico agregado, por conta de sua qualidade e diversidade, e que, de fato, o papel da paisagem para o incremento de qualidade de vida urbana é extremamente importante para a sua população.

6. Acredita ser importante a participação de mais de um profissional na construção de paisagens? Quais deveriam ser os profissionais envolvidos?

Nesta questão obteve-se um percentual de 82% de empresas que optaram pela resposta “Sim”, evidenciando que as mesmas acreditam em trabalhos multiprofissionais para o desenvolvimento do paisagismo. (Tabela 1.9)

Tabela 1.9 – Importância da participação de mais de um profissional na construção de paisagens nas empresas amostradas

Vários profissionais	Frequência (N° de empresas)	Percentual (%)
Sim	41	82
Não	09	18
Total	50	100

Tal resultado corrobora com Zuin (2005) quando destaca que, se elencadas, as áreas de conhecimento necessárias ao exercício do paisagismo constituem uma listagem tão extensa, quanto multidisciplinar, indo do “A” da apreciação artística, e podendo chegar ao “Z” da zoobiologia. Assim, é virtualmente impossível que um único profissional domine todo o corpo de conhecimento relativo ao paisagismo.

Entretanto, quando os resultados apresentados são comparados com aqueles obtidos na questão 3, nota-se que, apesar de 82% das empresas acreditarem ser importante o envolvimento de mais de um profissional, na construção de paisagens, apenas 26% delas, efetivamente, utilizam desta estratégia para o oferecimento de seus serviços.

Admite-se que as empresas de paisagismo estão cientes da abrangência de áreas do conhecimento que os serviços oferecidos por elas englobam; porém, ainda não atuam com diferentes profissionais para atender a todas elas. Esta situação pode ocorrer, seja em função do encarecimento dessa estrutura operacional ou, até mesmo, pela falta de profissionais que saibam trabalhar em equipe. O fato é que, mesmo acreditando na importância desta forma de construção de paisagens, as empresas não têm oferecido esta opção aos seus clientes finais.

A partir dos dados, procedentes da segunda parte desta questão, puderam ser identificadas as origens acadêmicas dos profissionais que deveriam estar envolvidos em trabalhos de paisagismo, segundo as empresas do setor. A realidade desta participação pode ser observada na Figura 1.12.

Figura 1.12 - Percentual de respostas obtidas, nas empresas amostradas, quanto à necessidade, ou não, de profissionais cujas origens acadêmicas são mais frequentes dentre os paisagistas brasileiros

Observa-se destaque para a aceitação dos trabalhos desenvolvidos por arquitetos e agrônomos, identificados por 86% e 84% das empresas, respectivamente. Apesar de apresentarem esta visão quanto a atuação de arquitetos e agrônomos, vale a pena destacar que, dentre as empresas analisadas, apenas 10% trabalham com esses dois profissionais atuando, conjuntamente, no oferecimento de seus serviços.

Relativo aos comentários adicionais para esta questão, merece destaque a observação feita pelas empresas, quando da referência aos profissionais de engenharia florestal e geografia. O comentário que seguiu esta escolha, como sendo positiva, acrescentou que isso caberia quando em projetos de grande porte, em sua maioria em áreas rurais, e não urbanas (70% dos respondentes).

7. Acredita ser necessária a regulamentação da profissão de paisagista?

Os resultados desta questão demonstram que a maioria das empresas (78%) sente a necessidade de regulamentar esta atividade profissional, como demonstrado pela Tabela 1.10.

Tabela 1.10 - Visão das empresas analisadas quanto à regulamentação da profissão de paisagista

Necessidade de regulamentação	Frequência (N° de empresas)	Percentual (%)
Sim	39	78
Não	11	22
Total	50	100

Assim como tem sido constantemente evidenciada, como foco de discussões, em encontros e eventos científicos que promovem o paisagismo no Brasil, a realidade da regulamentação do paisagismo também é enfatizada pelos seus empreendedores.

Os comentários adicionais, oriundos desta questão, atingiram o número de 18 empresas, e foram agrupados de acordo com suas relações e frequências.

- 1- Melhoria da qualidade e valorização dos trabalhos - acredita que a regulamentação desta profissão exercerá influência direta na qualidade dos trabalhos oferecidos e na valorização dos mesmos pelos clientes finais.
- 2- Favorecimento de bons profissionais - a regulamentação se faz necessária para que os bons profissionais sejam valorizados e sejam eliminados os oportunistas deste mercado.
- 3- Formação de preços justos - faz-se necessária a regulamentação para o estabelecimento de uma concorrência justa e que possibilite a formação de preços imparciais aos clientes.

- 4- Curso específico de paisagismo - esta regulamentação tornaria possível a criação de cursos para formação de paisagistas, reduzindo a atuação de áreas de formação tão diversificadas, neste mercado.
- 5- Desenvolvimento deste mercado - acreditam que a regulamentação desta profissão promoverá uma maior demanda por serviços de paisagismo.

Dentre os comentários apresentados, maior destaque é dado para o referente à melhoria da qualidade e consequente valorização dos trabalhos. Este comentário sugere que o cumprimento à regulamentação da profissão tornaria o mercado mais organizado, com regras que estabelecessem preços compatíveis, serviços éticos e duradouros, com procedente valorização da área e dos profissionais envolvidos. Os percentuais de cada comentário obtido foram calculados, a partir do número total de empresas que se manifestaram, e seguem na Figura 1.13.

Figura 1.13 - Percentual de comentários adicionais relacionados à questão 7

Os comentários apresentados remetem à reflexão de que, a regulamentação da profissão de paisagista, tem sido encarada como forma de proteger os clientes, com a melhoria dos trabalhos realizados; retirando deste mercado os leigos e, ainda, aqueles que praticam o mau exercício profissional. Também garantiria bons mercados para atuação com segurança, aos profissionais legalmente habilitados. Tais metas que deveriam ser estabelecidas pelo conselho profissional, que legisla sobre este campo de

atuação, garantindo o desenvolvimento e a expansão do paisagismo, da maneira como tem sido potencializada pelas demandas da sociedade atual.

Desta forma, observar a associação destes comentários, básicos na organização da atividade profissional, com a regulamentação da profissão de paisagista, tem se mostrado equivocada, uma vez que aquilo que se espera da regulamentação já deveria estar sendo cumprido, pois, existe a Resolução Nº 1.010/05 (CONFEA), a qual dispõe sobre a regulamentação da atribuição de títulos profissionais, atividades, competências e caracterização do âmbito de atuação dos profissionais inseridos no Sistema CONFEA/CREA, para efeito de fiscalização do exercício profissional. A presente resolução oferece esclarecimentos quanto à atuação dos profissionais em atividades de paisagismo, estabelecendo aqueles que podem ser legalmente habilitados para esta atuação, bem como as exigências necessárias a esta prática.

Como referido anteriormente, o conselho profissional tem por missão proteger a sociedade contra a atuação de leigos inabilitados, assim como dos habilitados sem ética; tal procedimento deve ser feito pela fiscalização técnica, em conformidade com os regulamentos determinados por lei, garantindo qualidade e segurança aos serviços prestados, avalizando bons mercados aos seus profissionais.

Diante desta realidade, nota-se que, a visão de necessidade da regulamentação desta profissão, pode ser oriunda do desconhecimento da função dos conselhos profissionais, no contexto da organização da atuação nas atividades de paisagismo, seguido de sua ineficácia de atuação; em outras palavras, parece haver mais falhas na fiscalização pelos conselhos profissionais, que necessidade de regulamentar a profissão de paisagista, uma vez que esse campo de atuação profissional já apresenta legislação específica. Tal fato pode ser evidenciado pela análise dos dados da questão 03, desta entrevista, quando da observação dos grupos profissionais atuantes em paisagismo, sendo sua maioria não habilitado para esta atuação (Figura 1.9).

Visão das empresas quanto aos aspectos da formação dos profissionais para atuação em paisagismo

8. Sente que os recém-formados têm interesse por trabalhos de paisagismo?

A análise dos dados obtidos por esta questão proporcionou a visão de que os recém-formados, em sua maioria, não têm buscado as empresas de paisagismo com interesse para atuação nesta atividade profissional. (Tabela 1.11)

Tabela 1.11 - Visão das empresas de paisagismo quanto ao interesse dos recém-formados por trabalhos de paisagismo

Recém-formados têm interesse	Frequência (N° de empresas)	Percentual (%)
Sim	18	36
Não	32	64
Total	50	100

Buscar esta visão fundamenta-se na idéia de que, uma das formas de medir o interesse dos recém-formados por um campo de atuação profissional, pode ser em função de sua procura por contato com profissionais atuantes na área. Esta busca pode ser para o desenvolvimento de estágios em empresas ou, até mesmo, para considerar oportunidades futuras de emprego.

A partir dos dados apresentados, entende-se que esta não tem sido uma estratégia utilizada pelos recém-formados, para inclusão em trabalhos com paisagismo; o que pode evidenciar duas situações, sendo elas: os recém-formados não sentem interesse por esta área para atuação profissional, ou há um distanciamento entre as empresas de paisagismo, e aqueles que estão em formação neste campo de atuação.

As informações que fundamentaram a segunda situação apresentada, seguem nas observações feitas por 15 empresas que comentaram a questão.

- 1- Desconhecimento do mercado - acredita que o principal motivo pelo qual os recém-formados não buscam trabalhos com paisagismo é consequência da falta de informação adequada sobre a área.

- 2- Procura por estágio - identificam que o contato que os recém-formados estabelecem com as empresas para o desenvolvimento de estágios é pequeno.
- 3- Profissionais mais interessados - dentre os recém-formados, os dos cursos de arquitetura e agronomia são os que mais procuram a empresa.

Para análise dos comentários, segue a Figura 1.14, a qual apresenta os percentuais de cada um deles.

Figura 1.14 - Percentual de comentários adicionais relacionados à questão 08

Nota-se que 47% das empresas, que comentaram esta questão, identificam que os recém-formados desconhecem o mercado de paisagismo, e por isso acabam não tendo interesse por este campo profissional; este fato também é evidenciado quando, na pesquisa realizada pelo CONFEA (2008), destaca-se o comentário das empresas com a preocupação na contratação de recém-formados, uma vez que os mesmos não têm conhecimento do mercado quando seguem para atuação profissional.

9. Sente que os recém-formados foram devidamente capacitados pelas instituições de ensino superior, para o oferecimento de serviços relacionados ao paisagismo?

Os resultados desta questão seguem na Tabela 1.12, e evidenciam o despreparo dos recém-formados para atuação em paisagismo, segundo as empresas do setor.

Tabela 1.12 - Visão que as empresas de paisagismo apresentam quanto à capacitação dos recém-formados para atuação em paisagismo

Recém-formados foram capacitados	Frequência (N° de empresas)	Percentual (%)
Sim	6	12
Não	44	88
Total	50	100

Esta observação confirma a visão de que os recém-formados estão despreparados para atenderem ao mercado de paisagismo, uma realidade importante para ser analisada, uma vez que seus empreendedores projetam expansão da atividade - como apresentado na questão 5 deste capítulo - o que demandaria bons profissionais para atuação.

De acordo com Gondim (2002), a organização universitária, como qualquer outra esfera da educação formal, está sendo convocada a assumir um duplo papel: o de educar – que se distingue da mera instrução – e o de preparar profissionais para atender às novas demandas do mercado de trabalho. Destaca, ainda, a crescente dificuldade enfrentada pelos responsáveis no recrutamento de pessoas, em conseguir no mercado de trabalho, profissionais habilitados a ocuparem as vagas disponíveis, colocando em discussão a eficiência no processo de formação e qualificação.

Dentre os comentários adicionais referentes a esta questão, 25 respondentes manifestaram-se, como organizado a seguir.

- 1- Falta de prática - identifica que os recém-formados não sabem apor os conhecimentos aprendidos de forma prática no paisagismo.
- 2- Capacitação mais específica - observa que as áreas de agronomia e arquitetura são aquelas que melhor preparam seus profissionais para atuação neste mercado.

Os comentários obtidos seguem apresentados, de acordo com seus percentuais na Figura 1.15.

Figura 1.15 - Percentual de comentários adicionais relacionados à questão 09

A análise dos comentários realizados demonstra que as empresas observam uma realidade de capacitação ineficaz, provavelmente advinda do distanciamento entre as instituições de ensino e as necessidades do mercado a ser atendido; tal fato também foi destacado pelo CONFEA (2008), em uma pesquisa que revelou que aquilo que as escolas ensinavam deixa muito a desejar com o atendimento das demandas do mercado de trabalho, ressaltando como principal queixa a falta da prática profissional.

2.3 Conclusão

No mercado de paisagismo, puderam ser encontradas empresas do setor, em três situações distintas, quanto ao tempo de permanência no mercado: aquelas que estão iniciando investimentos neste ramo (0 a 5 anos - 22%); outras, já estabelecidas no mercado, que projetam investimentos futuros (acima de 20 anos – 20%); e, ainda, as de tempo intermediário no oferecimento desse serviço (11 a 15 anos – 30%). No geral, esse mercado apresentou um tempo médio de atuação de 13,27 anos.

Os serviços oferecidos como paisagismo, apresentaram-se diretamente relacionados a jardins e utilização de plantas ornamentais, recebendo maior destaque aquele que trata de reforma de jardins, apresentado por todas as empresas analisadas.

A realidade da associação, entre os serviços prestados com jardinagem e plantas ornamentais, possibilita a observação de que este mercado tem uma forte ligação com as ciências agrárias. Porém, apesar desta ligação, constatou-se heterogeneidade quanto às áreas de formação dos profissionais envolvidos nos trabalhos de paisagismo, sendo os mesmos oriundos da arquitetura (25%), cursos livres de paisagismo (25%), engenharia agrônômica (23,33%), técnico agrícola (8,33%), ensino médio (6,66%), técnico em edificações (5%), biologia (3,33%), matemática (1,66%) e aqueles sem qualquer formação ou instrução escolar (1,66%).

Dentre os profissionais encontrados, menos da metade (48,33%) apresentaram respaldo legal para a atividade de paisagismo, sendo representados pelos arquitetos e engenheiros agrônomos. Destaca-se que 51,57% dos profissionais não estavam em condições favoráveis ao cumprimento de seus trabalhos com a ética e as responsabilidades técnicas necessárias a esta atividade.

A despeito desta realidade, os prestadores de serviço têm considerado como bom o mercado em que estão inseridas, e projetaram prosperidade, deste setor, como demonstrado por 96% de seus empreendedores.

Quanto ao desenvolvimento do paisagismo, em equipes multiprofissionais, 82% das empresas mostraram-se favoráveis a esta realização; porém, apenas 26% delas, efetivamente, utilizavam esta estratégia para o oferecimento de seus serviços. Destaca-se, ainda, que 78% das prestadoras de serviço sentiram a necessidade de regulamentar a profissão de paisagista, e que 64% delas observam que os recém-formados não as têm buscado, com interesse para atuação nesta atividade profissional. Por outro lado, evidenciou-se o despreparo dos recém-formados para atuação em paisagismo, por 88% das empresas.

Referências

- ARENDT, H. **A Condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. 352 p.
- BARBOSA, A.C.S. **Paisagismo, jardinagem & plantas ornamentais**. 6.ed.. São Paulo: Iglu, 1989. 232 p.
- BATISTELA, T.S. **O zoneamento ambiental e o desafio da construção da gestão ambiental urbana**. 2007. 146 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- BRASIL. Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. **Resolução Nº 1.010, de 22 de agosto de 2005**. Brasília: Publicada no Diário Oficial da União de 4 de setembro de 2006 – Seção 1 Pág. 116 a 118.
- CÉSAR, L.P.M. **Visões de mundo e modelos de paisagismo**. 2003. 270 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- CONFEA, Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Mercado de trabalho para o Engenheiro e Tecnólogo no Brasil. **Sumário Analítico**. CONFEA/CNI. Brasília-DF, 2008. doc., 45p. Disponível em: <<http://www.crea-sc.org.br/webcrea/webcrea2008/imagens/RelatoriodaPesquisaRevisado2008.pdf>>
- CREA-MG. **Cartilha do estudante: sonhar, aprender, construir**. Belo Horizonte, 2005. 27p. Disponível em: <http://www.crea-mg.org.br/imgs/cart_estudante.pdf>
- DIAS, L.B. **Água no Paisagismo**. 2004. 72p. Monografia (Lato-Sensu em Plantas Ornamentais e Paisagismo) - Departamento de Agricultura da Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2004.
- DOURADO, G.M. Paisagismo no Brasil: itinerário de uma profissão. In: DOURADO, G.M. **Visões de Paisagem** — Um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil. São Paulo: ABAP. 1997. p.8-16.
- DRUMOND, A.A.L., **Avaliação do perfil dos jardineiros e suas técnicas de jardinagem empregadas no paisagismo na cidade de Viçosa** 2005. 114 p. Tese (Obtenção do título de Magister Scientiae) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2005.
- FRANCO, M.A.R. **Desenho Ambiental**: uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico. São Paulo: Annablume, 1997. 224 p.
- GASPARIN, M.. Sercomtel vende empresa de call center para sanear contas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 4 fev. 2006. p. 19.

GONÇALVES, W. Paisagem: objeto de trabalho do arquiteto paisagista. In: _____
Paisagem e ambiente – Ensaios IV. São Paulo: FAUUSP, 1992. 10p.

GONDIM, S. M.G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, cidade, , v.7, n.2, p. 299-309, 2002. Disponível em:
 <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a11v07n2.pdf>>

GÜNTHER, H. **Como elaborar um questionário**. Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 01. Brasília, Laboratório de Psicologia Ambiental- UnB, 2003. Disponível em:<http://web.dv.utfpr.edu.br/www.dv/professores/arquivos/Thomas%20Newton%20Martin/MSc_PPGDR_questionario_04.pdf> Acesso em: 08 jan. 2010.

HARVEY, D. **Spaces of capital**: Towards a critical geography. New York: Routledge, 2001. 448 p.

HARVEY, D. **Spaces of hope**. Berkley: University of California Press, 2000. 303 p.
 IBGE. **Produto Interno Bruto dos Municípios 2002-2005**. Disponível em:
 <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2005/tab01.pdf>>
 Acesso em: 08 dez. 2009.

IGC. **Mapa das Regiões Administrativas e Metropolitanas do Estado de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.igc.sp.gov.br/copimapas.htm#regias>> Acesso em: 18 dez. 2009.

KANITZ, S. "**Vamos Definir Crise Corretamente**"- 15 de fevereiro de 2009. Disponível em: <<http://brasil.melhores.com.br/2009/02/vamos-definir-crise-corretamente-.html>> - Acesso em: 11 Mar. 2010.

LUCCHESI, C. Além da estética. **Revista Paisagismo e Jardinagem**, São Paulo, n. 53, p.18-21, fev. 2005.

MACEDO, S.S. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Coleção QUAPÁ, 1999. 144 p.

MEDEIROS, J.M.M. **Visões de um paisagismo ecológico na orla do lago Paranoá**. 2008. 200 p. Dissertação (Mestre em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PAIVA, P.D.O. **Paisagismo**. Lavras: Editora UFLA, 2003.128 p.

PETTAN, J.C.; GONÇALVES, V.A. Exposições, debates e proposições — Market. In GRUPO DE ENGENHEIROS AGRÔNOMOS PAISAGISTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. 1998, São Paulo. **Anais...** São Paulo: GEAPESP/AEASP. 1998. p. 113-119.

PHILLIPS, A. IUCN Commission on environmental Law. Landscape conservation Law: present trends and perspectives in International and comparative Law. Gland, Switzerland and Cambridge, UK. 2000. p. 17-25.

RIO, V.D. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990. 149 p.

SANDEVILLE, J.E.; LIMA, C.C. Por um paisagismo contemporâneo brasileiro. In: Dourado G.M. **Visões de paisagem - Um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil** São Paulo: ABAP, 1997. p. 17-20.

SEADE. **PIB dos Municípios Paulistas. Relatório de Divulgação**. São Paulo. Dez, 2008. Disponível em: http://www.seade.gov.br/produtos/pibmun/pdfs/PIBMunicipal_2006.pdf>Acesso em: 08 jan. 2010.

SEBRAE/CE. **Perfil de Negócios: Serviços de jardinagem e paisagismo**. Fortaleza: SEBRAE/Ce, 1996. 48p.

SPIRN, A.W. **O Jardim de granito: a natureza no desenho da cidade**. São Paulo: Edusp, 1995. 360 p.

VIEIRA, M.E.M. **O jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar**. São Paulo: Annablume, 2007. 254 p.

WENDEL, H. A cidade e a natureza: a apropriação, a valorização e a Sofisticação da natureza nos empreendimentos imobiliários de alto padrão em São Paulo. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n.20, p. 65 - 77, 2006.

ZUIN, A.H.L. **A conjoint study towards transformative landscape architectural education in Brazil**. 2002. 323 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Edinburgh College of Art/ Heriot-Watt University, Edinburgh, 2002.

ZUIN, A.H.L. Ética e paisagismo - contribuição ao debate. In: CBCEARA:45 CBOlericultura/ 15 CBFloricultura e Plantas Ornamentais/2 CB CTecidos de Plantas, 2005, Fortaleza - CE. **Horticultura Brasileira**. Brasília, v. 23. p. 554-554, 2005.

3 O PAISAGISMO NA VISÃO DOS ESTUDANTES DE ENGENHARIA AGRONÔMICA, NO ESTADO DE SÃO PAULO

Resumo

Com o propósito de analisar alguns aspectos do ensino de paisagismo, durante a formação acadêmica em engenharia agrônoma, e observar a visão dos estudantes quanto a este mercado emergente, a presente pesquisa utilizou-se da realização de entrevistas com alunos, de cursos regulares de agronomia, no Estado de São Paulo. Para fins de amostragem, os discentes entrevistados foram aqueles que haviam concluído as disciplinas obrigatórias de seu curso superior, encontrando-se em processo de egresso da instituição. Para identificação dos alunos, a serem amostrados, utilizou-se da divisão do Estado em três grandes áreas, contendo 19 instituições de ensino superior de natureza jurídica pública e privada, das quais 8 se dispuseram a colaborar com a pesquisa, totalizando a abrangência desta pesquisa a um número de 204 estudantes, que ofereceram informações para análise. A partir dos dados obtidos, pôde-se identificar que a maioria dos discentes, 55,4%, sentia-se satisfeita com o embasamento oferecido na disciplina obrigatória de paisagismo; porém, uma boa parte dos alunos não eram cientes quanto à possibilidade de prosseguirem sua capacitação, através de disciplinas optativas nesta área de atuação (28,92%). Desta forma, nota-se que 77,45% dos formandos não cursaram disciplinas optativas relacionadas ao paisagismo; porém, aqueles que cursaram, apresentaram um percentual de satisfação superior àquele observado para a disciplina obrigatória (76,08%). Constata-se que os recursos educacionais, vistos como mais importantes pelos estudantes, foram: “contato com profissionais da área” (87,75%), “situações reais para desenvolvimento de projetos” (79,9%) e “software para desenvolvimento de projetos” (73,04%). Entretanto, os mesmos identificaram que os mais utilizados foram: “materiais de desenho” (71,08%), “mesas próprias para desenho” (62,25%), “situações reais para desenvolvimento de projetos” (54,41%). Nota-se que grande parte dos discentes, não considerava-se capacitada para realizar trabalhos de paisagismo (58,33%), apesar de acreditar que esta seja uma boa área para o desenvolvimento profissional de agrônomos (95,10%), e observar que o Estado de São Paulo tem um mercado promissor (96,08%). Apesar dessa realidade, 22,55% dos entrevistados afirmaram pretender trabalhar com paisagismo, e 27,45% consideraram possível tal atuação.

Palavras-chave: Ensino de paisagismo; Disciplinas; Formação acadêmica; Recursos educacionais

LANDSCAPING IN THE VIEW OF STUDENTS OF AGRONOMY IN THE STATE OF SAO PAULO

Abstract

With the purpose of considering some aspects of the teaching of landscaping, during the academic formation in agronomy, and observe the students' view on this emerging market, this research held interviews with students in regular courses in agronomy in the State of São Paulo. For sampling purposes, the students interviewed were those who had completed all the compulsory subjects in their university and are in the egress process from the institution. To identify students to be sampled, we used the division of the state in three major areas, containing 19 institutions of higher education in the public and private sector, of which eight were willing to cooperate with the survey, comprising the scope of this research to a number of 204 students who offered information for analysis. From the data obtained, we could identify that most of the students, 55.4%, felt satisfied with the core ideas offered in the compulsory subject of landscaping, but a good part of the students were not aware of the possibility of continuing their education through elective courses in this area (28.92%). Thus, it is observed that 77.45% of the graduates did not attend elective courses related to landscaping, but those who attended, presented a higher percentage of satisfaction than that observed for the compulsory subject (76.08%). It appears that the educational resources, seen as the more important by students were: "contact with area professionals (87.75%)," real-life situations to develop projects "(79.9%) and" software for development of projects "(73.04%). However, they found that the most frequently used were "drawing materials (71.08%)," design appropriate desks" (62.25%) and "real-life situations to develop projects" (54.41%). Note that most of the students did not consider themselves qualified to perform landscaping work (58.33%), although believing that this is a good area of professional development for agronomists (95.10%), and observing that the State of São Paulo has a promising market (96.08%). Despite this fact, 22.55% of respondents said they want to work with landscaping, and 27.45% considered this activity a possibility.

Keywords: Teaching landscaping; Disciplines; Academic formation; Educational resources

3.1 Introdução

Observar as oportunidades que se apontam diante do profissional formado em agronomia, no contexto de globalização, versatilidade acadêmica e múltiplas habilidades e competência profissionais, tem se mostrado uma importante ferramenta no auxílio para o estabelecimento maduro e conciso dos agrônomos, no mercado de trabalho.

Cada vez mais, as oportunidades de atuação no meio urbano têm surgido para os profissionais das ciências agrárias, em suas mais diversas possibilidades, uma vez que este meio tem se projetado junto aos diversos elementos naturais que compõem o seu contexto. A visão de conciliação com a natureza, nos ambientes urbanos, tem aberto, para esses profissionais, um campo que necessita de solidez de formação e seriedade de atuação.

Em sua vertente ambiental, o paisagismo também tem se mostrado, aos agrônomos, como uma próspera atividade profissional, uma vez que engloba, em suas atividades, a aplicação dos conhecimentos relativos à projeção, implantação e manutenção de áreas verdes, parques, reservas ecológicas, praças, dentre outras necessidades urbanas, dedicadas à reaproximação da sociedade com a natureza.

Perceber e aproveitar as oportunidades que ora se apontam, não tem sido tarefa fácil, uma vez que a cultura educacional desses profissionais, voltada para o ambiente rural, e focada na produção agrícola, necessita adaptar-se às realidades de um mercado emergente: o paisagismo.

O ensino de paisagismo tem sido um grande desafio, em todo o contexto brasileiro e, nos cursos de agronomia, não se tem encontrado uma realidade diferente. Desta forma, entender a conjuntura do ensino de paisagismo aos engenheiros agrônomos, pode ser um passo à frente para contribuir com a organização das instituições que formam esses profissionais, bem como estabelecer melhorias para a efetiva atuação neste mercado.

Neste contexto, objetiva-se identificar aspectos do ensino de paisagismo, em cursos de engenharia agrônômica, a partir da visão de estudantes, estabelecendo seus interesses e visões, quanto a este campo de atuação.

3.2 Desenvolvimento

3.2.1 Revisão bibliográfica

Cenários da formação em cursos de agronomia

A primeira escola superior de agricultura teve início no Brasil, em 1877, com a instalação do curso de agronomia da Imperial Escola Agrícola da Bahia, na Fazenda Engenho de São Bento das Lages, Comarca de Santo Amaro. Os franceses, responsáveis pela organização da nova escola, trouxeram pronto, na bagagem, o currículo para o curso a ser implantado no Brasil. Assim, iniciou-se o primeiro curso de agronomia cujos registros se constituem na mais legítima certidão de nascimento da educação agrícola superior em nosso país. A agronomia brasileira nasceu francesa, pura de origem, e formou em 1880 a primeira turma, num total de 10 agrônomos. (SILVA, 2008)

De acordo com Silva (2008), a história moderna da educação agrícola superior teve início em 1961, com a promulgação da LDB (Lei 4.024/61), que criou as universidades, concedendo-lhes autonomia administrativa e didática, passando todo o ensino superior para a alçada do MEC. Outro grande acontecimento desse período foi a criação do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado no país, com os mestrados em Horticultura e Economia Rural, da UFV.

As décadas de 70 e 80 caracterizaram-se pela grande expansão da pós-graduação e o surgimento de novas carreiras, como a engenharia florestal, zootecnia, engenharias agrícola e de pesca, alimentos e outras que se desdobraram da agronomia e da veterinária que permaneciam absolutas até 1960. Os anos 90 apresentaram-se, aos agrônomos, com desafios para inserção no mercado de trabalho, despertando o empreendedorismo para o seguimento de uma carreira promissora, além de ter despontado um rápido aumento do número de instituições de ensino, oferecendo cursos de agronomia.

De acordo com dados da ABEAS (2003), o Brasil apresenta 90 instituições de ensino superior, com o oferecimento de cursos regulares de agronomia, espalhadas pelas 5 regiões brasileiras, como apresentado na Tabela 2.1.

Tabela 2.1 – Número de Instituições de Ensino Superior que oferecem curso de engenharia agrônoma, por região brasileira

Fonte: Adaptado de ABEAS, 2003

Região brasileira	Nº de IES	Percentual (%)
Sudeste	30	34,5
Sul	24	27,6
Nordeste	14	16,1
Centro-Oeste	13	14,9
Norte	6	6,9
Total	87	100

Na oferta de cursos de engenharia agrônoma, a região Sudeste recebe destaque, abrangendo 34,5% das IES. Seguindo o levantamento da ABEAS (2003), tem-se que São Paulo contempla 15 instituições, sendo este o Estado com maior oferecimento de agronomia no Brasil, representando 50% das IES de sua região. As IES encontradas podem ser, de acordo com o MEC (2008), classificadas conforme sua natureza jurídica, podendo ser: privada (sem ou com fins lucrativos) ou pública.

De acordo com as determinações do MEC (2006), seguindo a Resolução nº 01, de 02 de fevereiro de 2006, as diretrizes curriculares para o curso de engenharia agrônoma ou agronomia abrangem um núcleo de disciplinas constituídas por: Agrometeorologia e Climatologia; Avaliação e Perícias; Biotecnologia, Fisiologia Vegetal e Animal; Cartografia, Geoprocessamento e Georeferenciamento; Comunicação, Ética, Legislação, Extensão e Sociologia Rural; Construções Rurais, Paisagismo, Floricultura, Parques e Jardins; Economia, Administração Agroindustrial, Política e Desenvolvimento Rural; Energia, Máquinas, Mecanização Agrícola e Logística; Genética de Melhoramento, Manejo e Produção e Florestal. Zootecnia e Fitotecnia; Gestão Empresarial, Marketing e Agronegócio; Hidráulica, Hidrologia, Manejo de Bacias Hidrográficas, Sistemas de Irrigação e Drenagem; Manejo e Gestão Ambiental; Microbiologia e Fitossanidade; Sistemas Agroindustriais; Solos, Manejo e Conservação

do Solo e da Água, Nutrição de Plantas e Adubação; Técnicas e Análises Experimentais; Tecnologia de Produção, Controle de Qualidade e Pós-Colheita de Produtos Agropecuários.

Essas determinações só vêm afirmar a prerrogativa de que a formação em agronomia vai muito além do “lidar com a terra” e demonstra que este profissional, atualmente, recebe formação, em várias áreas, para aplicação técnica do conhecimento adquirido.

Formação de agrônomos no contexto da nova LDB

A nova LDB, determinada pela Lei 9.394/96, sancionada em 20 de dezembro de 1996, e suas subseqüentes normas, determinaram profundas modificações na educação superior, as quais seguindo Silva (2008) merecem destaque.

- Recomenda a extinção dos departamentos nas universidades.
- Extingue dos currículos mínimos.
- Introduz das Diretrizes Curriculares com:
 - Flexibilidade curricular/mobilidade acadêmica
 - Enfoque sistêmico e interdisciplinar
 - Criação dos ciclos básico e profissional
 - Enfoque nos conceitos básicos e postura científico-profissional/visão humanística abrangente e aplicada
 - Estímulo ao estudante: raciocínio crítico/analítico, trabalho em equipe, educação continuada/permanente
- Considera diploma/certificado acadêmico diferente de título profissional; não dá direito automático de exercício da profissão.
- Reduz da duração dos cursos: a graduação é considerada etapa inicial da formação, e deve ser complementada com a pós-graduação.
- Indica formação articulada/integrada à pós-graduação.
- Indica educação continuada e permanente, permitindo maior mobilidade no mercado de trabalho
- Permite a inserção de até 20% de EAD (disciplinas semi-presenciais)

- Introduz a avaliação institucional e de cursos – SINAES

A formação dos profissionais da área de ciências agrárias, que tem se pautado por critérios rígidos dos currículos mínimos, vigentes desde 1984, agora se encontra frente às novas diretrizes curriculares, aprovadas pelo MEC (2006), quando é chegada a hora de inovar para acompanhar os novos desafios deste século que se inicia.

O século passado caracterizou-se por profundas transformações na ciência e tecnologia, com significativo acúmulo de conhecimentos. A especialização do conhecimento concentra-se em determinada particularidade, cada vez mais limitada. Consequentemente desvia-se do foco global, com influência na concepção de seu modelo de ensino. Privilegiava-se a formação na graduação de forma especializada, com foco em partes do conhecimento. (SILVA, 2008)

Os novos paradigmas da educação superior incluem, dentre outros, o abandono da antiga concepção de ensino de origem francesa, centrada no professor, voltando, agora, o foco para o aluno, e sua inserção na aprendizagem do processo de produção científica e tecnológica, propiciando-lhe um sólido ensino científico e tecnológico, interdisciplinar e integrado.

Assim, a educação assume um papel de destaque, pois pode, e deve propiciar a formação do aluno e não, somente, a sua informação. O processo de ensino, para tanto, deve ser articulado, buscando romper as fronteiras disciplinares (AYPAY, 2003).

Neste contexto, Silva (2008) destaca que a responsabilidade educacional não recai somente sobre os dirigentes do ensino agrícola superior. Sem dúvida, a formulação do programa de ensino – o projeto pedagógico com a grade curricular, conteúdos e integralização, a qualidade do corpo docente e a infra-estrutura de ensino – tem maior peso, mas, a participação do aluno, o seu interesse pelo curso, desde o primeiro dia de aula, também são fundamentais.

Se o aluno não estiver motivado e buscar o máximo de desempenho em suas atividades acadêmicas e extracurriculares, de nada adiantará o esforço da instituição, oferecendo-lhe boas condições para o aprendizado. De qualquer modo, caberá às instituições de ensino, a desafiadora tarefa de modificar o perfil de seus cursos que, sob a égide da “Qualidade e Excelência”, deverão instituir uma formação profissional de

nível superior, calcada num processo contínuo, autônomo e permanente, com uma sólida formação básica e profissional fundamentada na competência teórico-prática, com flexibilidade curricular, autonomia e liberdade para inovar seus projetos pedagógicos de graduação, para atendimento às contínuas e emergentes mudanças, e para cujos desafios o futuro formando deverá estar apto. (SILVA, 2008)

Para Cooper e Evans (2005), os cursos de graduação em agronomia devem formar seus futuros profissionais com senso de responsabilidade, cidadania, e interdependência; a responsabilidade, para que os estudantes entendam o impacto das suas ações e os papéis que desempenham na sociedade. a cidadania, para a compreensão dos estudantes das relações com outros indivíduos, e como podem contribuir para uma sociedade melhor. Por último, a interdependência, para desenvolver nos estudantes as habilidades para resolver problemas de origem complexa e interdisciplinar.

De acordo com Silva (2008), a formação do profissional de hoje deverá se fundamentar na formação continuada, permanente, e como tal, deverá estar articulada com a pós-graduação. Esta deverá fazer parte da carreira de qualquer profissional que deseja estar em dia no mercado de trabalho e servirá, também, para inserí-lo no campo das inovações tecnológicas, tão necessárias ao desenvolvimento de nosso país. Por outro lado, a articulação do sistema de ensino com o sistema CONFEA / CREA deverá ser reforçada, sobretudo com o advento da Resolução Nº 1.010/05 (CONFEA) que prevê a expansão das atribuições profissionais para aqueles que se especializarem na profissão.

Como se vê, a nova LDB impõe uma série de mudanças na educação superior, criando novos paradigmas, seguindo as mesmas tendências já apontadas e em execução em muitos países desenvolvidos. As reformas, se executadas conforme previstas em lei, implicarão em profundas mudanças no processo de formação acadêmica.

Ainda estamos relativamente distantes das propostas que integram o ensino e extensão, ensino e pesquisa, graduação e pós-graduação, formação inicial e formação continuada. Parece-nos que o equívoco do senso comum, ao dizer que a "teoria na

prática é outra", reforçando o dualismo entre o racional e o real, permeia a educação (MONTEIRO, 2001)

Diante desta nova postura educacional, é preciso repensar e investir no modelo formador de recursos humanos, para o setor. Precisamos aproveitar a oportunidade para reestruturar e modernizar a formação na área da agronomia. (SILVA, 2008)

Os conhecimentos agronômicos e o paisagismo

De acordo com Cavallet (1999), no avanço dos direitos fundamentais do homem, em contraposição com a progressiva degradação das condições de vida nos grandes centros urbanos, o setor agrário apresenta-se, potencialmente, como um meio em que um novo modo de vida, com qualidade, pode ser desenvolvido.

Neste contexto, pode ser observado o paisagismo contemporâneo, o qual, de acordo com Cesar (2003), toma como base algumas vertentes. A primeira vertente, concentra o paisagismo com ênfase na arquitetura da paisagem, cujo enfoque vê todos os espaços como arquitetura, sendo a vegetação também elemento de composição; a segunda vertente é o paisagismo com ênfase na percepção que explora aspectos sensoriais e psicológicos; tem papel relevante em relacionar o espaço ao atendimento das expectativas sociais. A terceira vertente concentra o paisagismo ambiental, englobando várias práticas, mais voltadas à preservação, que servem de pré-requisito ao desenvolvimento sustentável; valoriza os aspectos ecossistêmicos.

Todo esse panorama ajuda a formar o contexto de atuação do agrônomo, evidenciando as exigências atuais e, conseqüentemente, a necessidade da formação de um profissional caracterizado por um perfil incorporador dessas novas tendências, uma vez que suas qualificações lhe possibilitam próspero desenvolvimento vertentes propostas.

Neste sentido, cabe ressaltar que o engenheiro agrônomo é um dos profissionais, dentre muitos, que assume papel de destaque na questão ambiental, não somente por ser parte integrante e dependente desta, mas também por ser um agente transformador do ambiente, contribuindo ativamente para as mudanças de natureza antrópica (BRIGGS, 2005).

As diretrizes curriculares, determinadas pelo MEC (2006), reforçam a atuação dos engenheiros agrônomos em paisagismo e estabelece seu núcleo de disciplinas abrangendo: paisagismo, floricultura, parques e jardins. Desta forma, a aplicação dos conhecimentos agrônômicos possibilita, ao profissional, não apenas projetar as paisagens, mas seguir além, com sua implantação e manutenção para a posteridade.

A realidade de formação dos agrônomos tem mostrado sua versatilidade e abrangência, o que pode favorecer sua atuação profissional, ou até mesmo refreá-la, em função de sua forma de concepção. Segundo Morin (2002), os diferentes saberes, estudados pelo aluno de agronomia, quando separados, fragmentados e compartimentalizados, impedem que este compreenda realidades cada vez mais polidisciplinares, transversais e globais.

Desta forma, o ensino de paisagismo no contexto agrícola, necessita ser realizado de forma madura e consistente, uma vez que a sociedade anseia por profissionais com um ângulo de visão mais amplo, eclético e, ao mesmo tempo, com um enfoque dos problemas, em profundidade, atualizados com o conceito e prática ambiental (BEKALO E BANGAY, 2002). Estes profissionais, certamente terão maior possibilidade de realizar as transformações tão necessárias para o progresso (ATCHOAREA E GASPERINI, 2005).

Como destacado por Pettan e Gonçalves (1998), no contexto de atuação em paisagismo, os agrônomos mostram-se, ainda, muito dispersos e isolados e, para seu fortalecimento, recomendam que a associação de engenheiros agrônomos do Estado de São Paulo invista na coleta de dados sobre seus profissionais atuantes, pois, conhecer as realidades para tal atuação, no mercado de paisagismo, deverá auxiliar, ainda mais, sua consolidação neste campo de atuação.

Um número expressivo de agrônomos trabalha com paisagismo, mas, assim como levantado por Geiser (1998), a sua dispersão através da imensidão do Brasil rural o torna fraco e menos evidente do que os arquitetos, que tendem a se reunir em centros urbanos. Como resultado disso, nota-se que a comunicação entre os agrônomos também é fraca, e o intercâmbio de informações, entre a academia e a prática, se torna deficiente para aqueles que atuam nesta atividade profissional.

3.2.2 Material e métodos

Área de estudo

No contexto do paisagismo no Brasil, a região sudeste tem sido evidenciada, de acordo com Zuin (2002), como sendo a responsável pela formação da maior parte dos profissionais atuantes como paisagistas, situação esta apresentada em sua pesquisa que discute os assuntos da educação para o paisagismo, no país. O autor destaca o Estado de São Paulo como sendo o maior responsável por esta formação, atribuindo a este Estado a capacitação de 47% dos profissionais atualmente ativos, como demonstrado na Figura 2.1.

Figura 2.1 - Percentual de contribuição dos Estados da Região Sudeste brasileira, quanto à formação de paisagistas
Fonte: Adaptado de Zuin, 2002.

O trabalho de Zuin (2002) reforça a importância da presente pesquisa para o Estado de São Paulo, e instiga a considerar a formação dos engenheiros agrônomos, neste contexto, visando conhecer suas realidades de ensino, em áreas voltadas ao paisagismo. São Paulo, de acordo com a ABEAS (2003), é o Estado que mais contempla cursos de agronomia, apresentando 15 instituições de ensino superior que

formam agrônomos, o que representa 17% dos cursos de agronomia oferecidos em todo o país.

Com o propósito de prover um levantamento mais atualizado, para fins de determinação das IES, que oferecem cursos de agronomia no Estado, considerou-se adequada a realização de uma nova listagem, baseada nos serviços de buscas disponíveis pelo MEC, em seu site oficial <http://portal.mec.gov.br>, na qual fossem identificadas as IES cadastradas e autorizadas, junto a este Ministério, para o oferecimento de cursos de graduação em agronomia ou engenharia agrônômica. O levantamento das IES, no Estado, oferece um panorama da dimensão quanto à procedência de sua população de interesse: os estudantes.

População e amostra

Seguindo a análise da relação de IES obtida, considerou-se que, por tratar-se de um número considerável de instituições, espalhadas pelo Estado de São Paulo, e, conseqüentemente, de um ainda maior de estudantes de agronomia, poderia recorrer-se a Turato (2003), o qual justifica que, nas pesquisas que envolvem seres humanos, é quase impossível atingir a todos os sujeitos, cabendo ao pesquisador isolar uma parcela da população desejada, determinando-a como sua amostra.

Para definição da amostra a ser avaliada, estabeleceu-se que seriam considerados os discentes que houvessem concluído todas as disciplinas obrigatórias, oferecidas em seu curso regular, encontrando-se em processo de egresso da IES. Esta determinação possibilita o contato com estudantes que seguirão para o mercado de trabalho, em data posterior à realização desta pesquisa.

Considerando as possibilidades do universo dos formandos ser elevado, e a não disposição de todas as IES a contribuírem com esta pesquisa, foi proposta uma divisão, para o Estado de São Paulo, em três áreas, para fins de amostragem. A divisão proposta foi baseada em critérios pré-estabelecidos, a saber: cada uma das áreas seria delimitada pelas regiões administrativas e metropolitanas do Estado, contemplando em seu alcance um número de 5 regiões; todas as áreas deveriam conter instituições de ensino de natureza jurídica privada e pública.

Para melhor atender às necessidades desta divisão, o Estado foi desmembrado, como segue apresentado na Figura 2.2, onde são representadas as regiões metropolitanas e administrativas, agrupadas no contexto de cada área considerada.

Figura 2.2 - Divisão do Estado de São Paulo em três áreas, contemplando 5 regiões metropolitanas ou administrativas, com IES de natureza jurídica privada e pública, para amostragem dos estudantes de agronomia

Em cada uma das áreas determinadas, deve-se amostrar alunos de instituições de natureza jurídica privada e pública, de forma aleatória, considerando as disposições das IES à pesquisa, no momento de sua realização. Considera-se, ainda, que no universo de instituições, seria adequada a realização da amostragem em 50% dos campi, com cursos regulares de agronomia ou engenharia agrônoma, que estiverem aptos a contribuir com dados para análise.

Seguindo esses critérios de amostragem, estabeleceu-se que, em cada um dos campi identificados, seria contatado o coordenador do curso de agronomia, ou sua secretaria responsável pela graduação, com o propósito de identificar o número de discentes, em processo de egresso, no semestre correspondente à pesquisa, e a disponibilidade dos mesmos em contribuir com este trabalho.

Após a identificação dos discentes aptos ao fornecimento de informações para análise, determinou-se que seriam, efetivamente, entrevistados 35% deles, uma vez que considera-se este percentual representativo para coleta dos dados.

Forma de coleta dos dados

Uma vez realizado o contato com os coordenadores dos cursos de agronomia, ou suas secretarias, nos campi das instituições listadas, seria observada a viabilidade de participação dos discentes, bem como agendadas visitas à instituição, para contato direto com os mesmos, visando o esclarecimento sobre a pesquisa, e entrega do questionário para coleta dos dados.

Por tratar-se de estudantes, em fase final de formação, esta pesquisa optou por realizar as entrevistas nos meses de novembro e dezembro para os anos de 2008 e 2009, dada a impossibilidade de abranger toda a amostra em um só período.

Para coleta dos dados, elaborou-se um questionário utilizado como roteiro da entrevista, baseado em informações julgadas necessárias para o alcance dos objetivos propostos. Nesta elaboração, foram consideradas as literaturas sobre o assunto, a experiência de profissionais e alunos, desta área de formação, bem como a visão do orientador e colaboradores desta pesquisa.

De acordo com Gil (2002), o maior desafio na elaboração de um questionário é transformar os objetivos da pesquisa em questões, uma vez que as respostas obtidas devem possibilitar a reflexão e o esclarecimento do problema estudado. O questionário constituiu-se, fundamentalmente, de questões fechadas, onde foram oferecidas algumas alternativas como respostas, dentre as quais os alunos deveriam optar por aquela que estivesse mais de acordo com sua realidade, com o seu ponto de vista, ou ainda, sua impressão; e mais uma única questão aberta, que apresentou-se com espaço em branco para livre expressão.

O questionário utilizado foi composto de quatro partes, a saber: questões para caracterização dos formandos (Figura 2.3); aspectos relativos ao ensino de paisagismo, durante a graduação (Figura 2.4); aspectos da visão dos estudantes quanto ao mercado

de paisagismo (Figura 2.5); e questão aberta, para expressão quanto ao que poderia ser melhorado na formação para atuação em paisagismo (Figura 2.6).

-
1. Ano de ingresso na instituição de ensino
 2. Sexo
 3. Idade

Figura 2.3 - Questões para caracterização dos formandos

As questões apresentadas na Figura 2.3 tiveram o intuito de caracterizar os estudantes entrevistados, e foram apresentadas sem a opção de múltipla escolha, caracterizando-se como levantamento de dados.

Cada uma destas questões intencionou uma possibilidade de análise, a saber: questão 1, identificar o período de ingresso dos alunos entrevistados, na instituição de ensino; questão 2, estabelecer a proporção quanto ao sexo dos entrevistados; questão 3, identificar, em números de anos, a distribuição etária dos entrevistados, estabelecendo a idade com que os mesmos se apresentam ao mercado de trabalho.

4. Como pode ser considerado o embasamento que recebeu na disciplina obrigatória de paisagismo, durante sua graduação?

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Péssimo

5. Sabe quais são as disciplinas optativas relacionadas ao paisagismo que sua instituição de ensino oferece?

() Sim () Não () Não foi oferecida

6. Kursou alguma disciplina optativa de paisagismo? O que achou com relação ao seu embasamento?

() Sim () Não

Se Sim: () Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Péssimo

7. Determine quais recursos educacionais acredita serem importantes em sua formação para atuar como paisagista.

- () Excursões
- () Contato com profissionais da área
- () Computadores
- () Softwares para desenvolvimento de projetos
- () Viveiro de plantas ornamentais
- () Situações reais para desenvolvimento de trabalhos
- () Análise de mercado e custos de materiais
- () Mesas próprias para desenho
- () Materiais para desenho

8. Identifique quais recursos educacionais foram utilizados no ensino de paisagismo em sua graduação.

- () Excursões
- () Contato com profissionais da área
- () Computadores
- () Softwares para desenvolvimento de projetos
- () Viveiro de plantas ornamentais
- () Situações reais para desenvolvimento de trabalhos
- () Análise de mercado e custos de materiais
- () Mesas próprias para desenho
- () Materiais para desenho

9. Sente-se capacitado para realizar trabalhos relacionados ao paisagismo?

() Sim () Não

Figura 2.4 - Questões quanto aos aspectos relativos ao ensino de paisagismo, durante a graduação

As questões oferecidas na Figura 2.4 buscaram identificar a visão dos alunos quanto às suas experiências, na assimilação de conhecimentos relacionados ao paisagismo, em cursos de agronomia, para que melhorias possam ser consideradas em seu contexto atual de formação.

Para fins de análise, suas questões visaram: questão 4, observar a visão dos alunos quanto a base estabelecida para seu futuro desenvolvimento profissional em paisagismo; questão 5, esclarecer quanto ao possível desconhecimento, por parte dos alunos, da existência, ou não, de disciplinas optativas de paisagismo em suas instituições; questão 6, analisar qual o interesse dos alunos na busca de conhecimentos relacionados ao paisagismo, durante a graduação em agronomia; questão 7, identificar os recursos educacionais que os alunos julgam importantes no processo de ensino e aprendizagem para atuação em paisagismo, a partir da exposição de alternativas que, segundo esta pesquisa, poderão ser utilizados no desenvolvimento das capacidades destacadas pela nova LDB; questão 8, identificar os recursos educacionais utilizados para a instrução de agrônomos, para trabalhos com paisagismo, seguindo as mesmas alternativas expostas na questão anterior; questão 9, estabelecer a visão que os alunos possuem de sua qualificação para atuação no mercado de trabalho.

10. Acredita que os trabalhos com paisagismo são promissores no Estado de São Paulo?

() Sim () Não

11. Acredita que o oferecimento de serviços relacionados ao paisagismo é uma boa oportunidade de trabalho para engenheiros agrônomos?

() Sim () Não

12. Pretende trabalhar com paisagismo?

() Sim () Não () Talvez

Figura 2.5 - Questões sobre os aspectos da visão dos estudantes quanto ao mercado de paisagismo

A Figura 2.5 apresenta questões elaboradas com o propósito de identificar a visão dos estudantes quanto ao mercado de paisagismo no Estado de São Paulo, além de identificar o seu interesse por este campo de atuação profissional. As questões 10 e 11 foram respondidas pela identificação das alternativas “Sim” ou “Não”, enquanto que, a questão 12 ofereceu uma alternativa adicional, com a possibilidade de optar por “Talvez”, em função de sua expectativa.

Estas questões foram elaboradas com a finalidade de: questão 10, identificar se os estudantes observam o mercado de paisagismo como sendo um bom campo para desenvolvimento de trabalhos e investimentos futuros; questão 11, analisar a visão que possuem quanto ao envolvimento de agrônomos neste campo de atuação profissional; questão 12, analisar a projeção, que os estudantes de agronomia, elaboram quanto à sua atuação no mercado de paisagismo.

13. O que acredita que poderia ser melhorado, em sua formação, para atuação em paisagismo?

Figura 2.6 - Questão para livre expressão quanto ao que poderia ser melhorado na formação para atuação no paisagismo

A questão referida na Figura 2.6 buscou proporcionar abertura para exposição de idéias, visando melhoria à sua formação, ampliando as possibilidades de análise e reflexão à esta pesquisa.

3.2.3 Resultados e discussões

Com o propósito de prover um levantamento atualizado, das IES que oferecem cursos de agronomia, no Estado de São Paulo, realizou-se, em novembro de 2008, a identificação de 19 instituições, que se estabelecem em 23 campi, as quais compõem a Tabela 2.2.

Tabela 2.2 - Instituições de Ensino Superior que oferecem cursos de agronomia no Estado de São Paulo, identificadas a partir de buscas no site oficial do MEC. Acesso em: 18 nov.2008

IES	Cidades dos campi
UNIPINHAL	Espírito Santo do Pinhal
UNIFEB	Barretos
CUML	Ribeirão Preto
ESALQ/USP	Piracicaba
ESAPP	Paraguaçu Paulista
FAFRAM	Ituverava
FAEF	Garça
FAIT	Itapeva
EDUVALE	Avaré
FAI	Adamantina
FIC	São Paulo
FIO	Ourinhos
ITES	Taquaritinga
UNICASTELO	Fernandópolis e Descalvado
UNIMAR	Marília
UNITAU	Taubaté
UNOESTE	Presidente Prudente
UNESP	Botucatu, Ilha Solteira, Jaboticabal e Registro
UFSCar	Araras

Depois de obtida a relação das IES, utilizou-se da divisão do Estado em três grandes áreas, como apresentado na Figura 2.2, e iniciou-se o processo de identificação dos campi, em cada uma delas.

Como resultado da abrangência dos campi, nas áreas determinadas, obteve-se: na área 01, 7 campi, sendo 6 de IES privadas e 1 pública (Tabela 2.3); na área 02, 10 campi, sendo 6 de IES privadas e 4 públicas (Tabela 2.4); na área 03, 6 campi, sendo 3 de IES privadas e 3 públicas (Tabela 2.5).

Tabela 2.3 – Campi de IES identificados na abrangência da área 01, determinada nesta pesquisa

IES	Natureza jurídica
UNIFEB	Privada
FAFRAM	Privada
CUML	Privada
ITES	Privada
UNICASTELO / Descalvado	Privada
UNICASTELO / Fernandópolis	Privada
UNESP / Jaboticabal	Pública

Tabela 2.4 - Campi de IES identificados na abrangência da área 02, determinada nesta pesquisa

IES	Natureza jurídica
UNIPINHAL	Privada
ESALQ / USP	Pública
ESAPP	Privada
FAEF	Privada
FAI	Pública
FIO	Privada
UNIMAR	Privada
UNOESTE	Privada
UFSCar	Pública
UNESP / Ilha Solteira	Pública

Tabela 2.5 - Campi de IES identificados na abrangência da área 03, determinada nesta pesquisa

IES	Natureza jurídica
FAIT	Privada
EDUVALE	Privada
FIC	Privada
UNITAU	Pública
UNESP / Botucatu	Pública
UNESP / Registro	Pública

Para fins de amostragem dos discentes, seguiu-se com a identificação dos campi disponíveis à pesquisa, quando de sua realização. Em resumo, 7 campi encontraram-se indisponíveis, para o fornecimento de dados, devido às justificativas:

- Os discentes em agronomia ainda estavam em formação, não apresentando nenhuma turma em processo de egresso da instituição - Situação encontrada em 3 IES privadas.
- Apesar de insistentes tentativas, não foi possível estabelecer contato com o coordenador do curso de agronomia, ou secretaria de graduação, da instituição - Situação encontrada em 1 IES privada.
- Apesar da disposição da instituição em participar da pesquisa, os alunos não estavam disponíveis no semestre em que foram contatados - as IES reservaram o último semestre do curso para atividades fora de seu campus - Situação encontrada em 2 IES privadas.
- O coordenador do curso de agronomia não permitiu que os alunos fossem contatados para participação nesta pesquisa - Situação encontrada em 1 IES privada.

Restando um número de 16 campi disponíveis à pesquisa, seguiu-se com a determinação de que 50% deles deveriam ser amostrados, mantendo o critério de que, dentro de cada área estabelecida, seriam contempladas, no mínimo, uma instituição pública e outra privada, atingindo 35% dos estudantes, em cada instituição.

Neste contexto, constatou-se que a área 02 envolveu o maior número de campi, no Estado, muitos dos quais estavam disponíveis para o fornecimento de dados à pesquisa. Desta forma, considerou-se adequada a amostragem de dois campi de instituições públicas e dois de instituições privadas, para fins de coleta dos dados nesta área, uma vez que esta realização manteria a relação estabelecida na metodologia, e ampliaria a amostra deste trabalho. Amostrar maior número de instituições, nas demais áreas estabelecidas, não foi considerado adequado, uma vez que, na área 01, contou-se apenas uma instituição pública e, na área 02, duas instituições privadas não estavam

disponíveis à pesquisa; estas situações inviabilizaram a ampliação das amostragens, as quais seguiram as condições mínimas estabelecidas na metodologia.

Sendo assim, atingiu-se um número de 204 estudantes que ofereceram informações à pesquisa. Com relação às instituições públicas de ensino, este trabalho atingiu 119 entrevistados, em 4 instituições e, em sua abrangência no ensino privado, contemplou 85 entrevistados, também em 4 instituições distribuídas pelo Estado.

Preservando as informações das instituições que forneceram dados a esta pesquisa, segue na Tabela 2.6 a distribuição de amostras dentro de cada uma das áreas determinadas.

Tabela 2.6 - Descrição quanto ao número de alunos de agronomia e instituições públicas e privadas amostrados nesta pesquisa

Área	Instituição pública	Instituição privada	Alunos amostrados
01	01	01	40
02	02	02	108
03	01	01	56
Estado de São Paulo	04	04	204

Em função do percentual amostrado, calculou-se que, para análise dos resultados das questões apresentadas, o erro amostral é de 7,66%, com 90% de probabilidade.

Seguindo a agenda de visitas programadas, aplicou-se o questionário aos estudantes, os quais receberam as questões, em mãos, com o propósito de respondê-las livremente. Os resultados obtidos, e as discussões sobre eles, são dispostos a seguir de forma ordenada, assim como apresentado aos discentes.

Questões para caracterização dos formandos

1. Ano de ingresso na instituição de ensino

Os resultados desta questão são apresentados na Tabela 2.7, e demonstram que o período de ingresso dos alunos, refere-se a um contexto histórico de amadurecimento das IES, uma vez que próximo a este período, as novas diretrizes curriculares do MEC, apresentadas na Resolução nº 01, de 02 de fevereiro de 2006, estabeleceram novos horizontes para formação acadêmica, e ampliou as descrições quanto ao perfil desejado dos egressos de cursos de agronomia.

Tabela 2.7 - Ano de ingresso nas IES, pelos estudantes amostrados

Ano de ingresso	Frequência (Nº de estudantes)	Percentual (%)
Anterior a 2004	11	5,39
2004	83	40,69
2005	63	30,88
2006	47	23,04
Total	204	100

A partir do espectro de que os alunos entrevistados estão em processo de egresso das IES, em um contexto de mudanças no processo de formação dos profissionais, a identificação de suas visões sobre aquilo que vivenciaram em suas experiências acadêmicas e, ainda, à projeção que conferem à sua atuação profissional, no mercado de paisagismo, se fazem fundamentais para a reflexão de ações futuras e melhorias desse processo.

A análise das condições de formação dos estudantes proporciona um repensar da educação para adequação a uma nova realidade formativa, garantindo uma situação madura para seus futuros colegas de trabalho.

2. Sexo

Os resultados desta questão seguem na Tabela 2.8, e identificam a proporção quanto ao sexo dos entrevistados, destacando a predominância masculina, no contexto analisado.

Tabela 2.8 - Identificação quanto ao sexo dos estudantes entrevistados

Sexo	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Feminino	69	33,82
Masculino	135	66,18
Total	204	100

De acordo com Paulilo (1999), nos países desenvolvidos, o número de mulheres e homens que se formam em agronomia é quase o mesmo; porém, no Brasil, um país em desenvolvimento, esta realidade não se faz presente. Seguindo dados do CREA-RJ (2010), hoje, embora com maior participação, ainda é tímida a presença feminina no sistema CONFEA/CREA; tal situação é exemplificada no Estado do Rio de Janeiro, onde, para a agronomia, existe um número de 1149 mulheres e 8243 homens inscritos em seu conselho.

Segundo dados do CREA-SP (2009), 2948 mulheres estavam registradas neste conselho, com nível superior em agronomia, enquanto que 15317 homens estavam inscritos com esta formação; tal realidade reafirma a predominância masculina no contexto das ciências agrárias e justifica o percentual observado quanto ao sexo dos entrevistados, nesta pesquisa.

3. Idade

Seguindo os resultados desta questão, puderam ser identificadas, em números de anos, as faixas etárias dos discentes entrevistados (Tabela 2.9).

Tabela 2.9 - Faixa etária dos estudantes entrevistados

Faixa etária	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
21 a 25 anos	166	81,37%
26 a 30 anos	30	14,71%
Acima de 30 anos	8	3,92%
Total	204	100

Os dados desta questão possibilitam identificar a idade com que os estudantes apresentam-se ao mercado de trabalho e, ainda, oferecerem uma visão quanto a idade que tinham ao optar por cursar agronomia.

Constata-se que os “recém-formados” apresentam-se ao mercado de trabalho com idade entre 21 e 25 anos, representando 81,37% dos estudantes entrevistados. Dentre as idades apresentadas, nesta faixa etária, pôde-se identificar que, aqueles com idade de 23 anos, apresentam-se em maior número, representando 31,32%.

A análise desses dados permite identificar que a faixa etária de ingresso desses alunos, nas IES, está definida entre 17 e 19 anos, para sua maioria, uma vez que o curso de agronomia tem se apresentado com duração entre 4 a 5 anos; tal situação tem sido evidenciada como uma prática comum na formação brasileira no ensino superior, ou seja, nesta faixa etária os jovens brasileiros têm optado por seguir uma carreira profissional.

A origem desses alunos, na idade observada acima, é o ensino médio, o qual não oferece uma visão ampla dos conhecimentos acadêmicos; sendo assim, o aluno vai estreitando a sua visão do mundo científico e social, buscando a profissão, antes mesmo de conhecer as ciências exatas, biológicas e sociais, conforme enfatizado no Parecer do CNE/CES nº 8/2007, o qual afirma que o brasileiro que vai à universidade precisa ter certeza sobre seu futuro profissional, sua escolha de campo de saber, ao qual dedicará maiores esforços, quando ainda nem finalizou adequadamente sua preparação para entender o mundo das distintas ciências, dos variados saberes.

O candidato à educação superior precisa saber que profissão terá, antes mesmo de claramente entender a complexidade do mundo do conhecimento. Esta realidade pode ocasionar frequentes escolhas erradas, consequentes desistências, além de formar um profissional sem objetivo e visão de atuação.

Questões quanto aos aspectos relativos ao ensino de paisagismo, durante a graduação

4. Como pode ser considerado o embasamento que recebeu na disciplina obrigatória de paisagismo, durante sua graduação?

Os dados obtidos por esta questão (Tabela 2.10) constataam que boa parte dos alunos, 40,69%, caracteriza o embasamento da disciplina como sendo “bom”; porém, esta alternativa é seguida por 25,49% dos que acreditam ser “ruim” a base auferida durante a disciplina obrigatória relacionada ao paisagismo.

Tabela 2.10 - Visão dos estudantes quanto ao embasamento da disciplina obrigatória, relacionada ao paisagismo, em sua formação acadêmica

Embasamento da disciplina	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Ótimo	30	14,71
Bom	83	40,69
Regular	38	18,63
Ruim	52	25,49
Péssimo	1	0,49
Total	204	100

A análise do embasamento oferecido na disciplina de paisagismo, neste contexto de mudanças para formação acadêmica, possibilita a observação quanto à instrução para o desenvolvimento profissional nesta área, o que deverá, de acordo com a nova

LDB, fundamentar-se na formação continuada e permanente, de forma consciente e amadurecida.

Os percentuais observados quanto a este questionamento demonstram que a maioria dos alunos, 55,4%, está satisfeita com o embasamento oferecido na disciplina obrigatória de paisagismo, em sua graduação, uma vez que o classificam como sendo “ótimo” e “bom”.

5. Sabe quais são as disciplinas optativas relacionadas ao paisagismo que sua instituição de ensino oferece?

Os resultados da questão 5 são apresentados na Tabela 2.11, e identificam que nem todos os alunos têm ciência quanto ao oferecimento de disciplinas optativas em paisagismo, por suas instituições.

Tabela 2.11 - Ciência, pelos discentes em agronomia, quanto às disciplinas optativas em paisagismo, oferecidas por sua instituição

Embasamento da disciplina	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Sim	109	53,43
Não	59	28,92
Não é oferecida	36	17,65
Total	204	100

Analisando os dados apresentados, nota-se que o percentual de alunos que não tem ciência quanto ao oferecimento, ou não, de disciplinas optativas relacionadas ao paisagismo, em sua IES, é de 28,92%; tal situação deveria ser nula, de acordo com a nova LDB, a qual projeta uma formação que proporciona, ao aluno, condições para “aprender a aprender” e a buscar o aperfeiçoamento contínuo e permanente em sua formação.

A realidade que deveria ser proporcionada pelo cumprimento das novas determinações educacionais, não condiz com aquela encontrada no contexto de formação para o paisagismo, onde uma boa parte dos discentes nem mesmo sabem quanto a existência de disciplinas complementares para sua formação.

Os resultados apresentados também possibilitam a identificação de discentes que não tiveram a oportunidade de complementar sua formação em paisagismo, em disciplinas optativas, fato que pode tê-los prejudicado num planejamento mais objetivo para esse mercado, ainda na graduação.

6. Cursou alguma disciplina optativa de paisagismo? O que achou com relação ao seu embasamento?

Os dados obtidos, pela primeira parte desta questão (Tabela 2.12) demonstram que, a maioria dos alunos de agronomia, não cursou disciplinas optativas em paisagismo.

Tabela 2.12 – Os estudantes e a conclusão de disciplina optativa em paisagismo durante a graduação, em engenharia agrônoma

Cursou disciplina optativa	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Sim	46	22,55
Não	158	77,45
Total	204	100

A partir dos resultados nota-se, que 77,45% dos estudantes não cursaram disciplina optativa, relacionadas ao paisagismo. Este alto percentual pode ser consequência do número de discentes que desconhecia o oferecimento da disciplina, ou ainda, pelo não oferecimento da mesma, pelas IES, que representaram 28,92% e 17,65%, respectivamente, de acordo com a questão 5, desta entrevista.

Este fato poderia também ser atribuído ao desinteresse dos alunos por esta área de atuação, situação que poderá ser melhor discutida, quando da análise das questões que buscam a visão dos estudantes quanto ao mercado de paisagismo (questões 10, 11 e 12).

Para análise da segunda parte desta questão, que seguiu para aqueles que responderam “Sim”, em função da conclusão de disciplina optativa em paisagismo, temos os dados que seguem na Tabela 2.13.

Tabela 2.13 - Visão dos estudantes quanto ao embasamento da disciplina optativa, relacionada ao paisagismo, em sua formação acadêmica

Embasamento da disciplina optativa	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Ótimo	19	41,3
Bom	16	34,78
Regular	8	17,39
Ruim	3	6,52
Péssimo	0	0
Total	46	100

O maior percentual apresentado (41,3%) refere-se ao embasamento da disciplina optativa como sendo “ótimo”, seguido pelo “bom” embasamento referido por 34,78% dos discentes. Estes valores podem ser advindos do interesse dos alunos em cursar a disciplina, de forma livre, e de acordo com seu planejamento de formação, levando 76,08% dos mesmos a sentirem-se satisfeitos com a base oferecida.

Neste cenário, não foram encontradas respostas como “péssimo”, e o percentual de respostas “ruim” (6,52%) foi realmente inferior, a este mesmo ponto, quando relacionado ao embasamento da disciplina obrigatória (25,49% de avaliação “ruim” - Tabela 2.10).

O oferecimento de disciplinas optativas proporciona a condição de estímulo e empenho, por parte daqueles que se interessam por paisagismo, que buscam cursar

disciplinas para complementar sua formação, permite que o processo de ensino-aprendizagem seja melhor desenvolvido; possibilita, ainda, um aprendizado ativo, diferentemente do que muitas vezes ocorre em disciplinas obrigatórias, quando nem todos os alunos se interessam pelo assunto apresentado.

7. Determine quais recursos educacionais acredita serem importantes em sua formação para atuar como paisagista.

Em função da presente questão, foram obtidos os dados da Tabela 2.14, cujo percentual está baseado no número total de estudantes entrevistados (204), apresentando os recursos destacados em ordem de preferência pelos alunos.

Tabela 2.14 - Visão dos estudantes quanto aos recursos educacionais importantes para o ensino de paisagismo

Recursos educacionais importantes	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Contato com profissionais da área	179	87,75%
Situações reais para desenvolvimento de projetos	163	79,90%
Softwares para desenvolvimento de projetos	149	73,04%
Viveiro de plantas ornamentais	147	72,06%
Excursões	140	68,63%
Análise de mercado e custos de materiais	139	68,14%
Computadores	129	63,24%
Mesas próprias para desenho	96	47,06%
Materiais para desenho	97	47,55%

Pode-se observar que o recurso educacional, visto como mais importante, é o “Contato com profissionais da área”, destacado por 87,75% dos respondentes. São, também, destacados os recursos de “Situações reais para desenvolvimento de

projetos”, considerado por 79,9% dos respondentes e, “Software para desenvolvimento de projetos”, representando 73,04% dos estudantes.

Observa-se que os três recursos educacionais, destacados como mais importantes, possibilitariam, aos formandos em agronomia, a oportunidade de aplicarem seus conhecimentos agrônômicos, em trabalhos de paisagismo. Tais recursos poderiam auxiliá-los neste mercado, uma vez que, na questão 9 do 1º capítulo desta dissertação, foi identificado, por 88% das empresas de paisagismo, que os recém-formados não apresentam-se devidamente capacitados para atuação; atribuem este despreparo à inabilidade dos formados em apor os conhecimentos aprendidos, de forma prática, no paisagismo.

8. Identifique quais recursos educacionais foram utilizados no ensino de paisagismo em sua graduação.

Os resultados desta questão são apresentados na Tabela 2.15, cujo percentual está baseado no número total de entrevistados (204), e apresenta os recursos, em ordem de utilização, como identificado pelos alunos.

Tabela 2.15 - Identificação dos estudantes quanto aos recursos educacionais utilizados, para o ensino de paisagismo, em sua graduação

Recursos educacionais utilizados	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Materiais de desenho	145	71,08
Mesas próprias para desenho	127	62,25
Situações reais para desenvolvimento de projetos	111	54,41
Viveiro de plantas ornamentais	106	51,96
Contato com profissionais da área	79	38,73
Análise de mercado e custos de materiais	78	38,24
Excursões	70	34,31
Computadores	45	22,06
Softwares para desenvolvimento de projetos	25	12,25

A análise dos resultados obtidos permite destacar os três recursos mais utilizados no ensino de paisagismo, em cursos de agronomia: “Materiais de desenho” (71,08%), “Mesas próprias para desenho” (62,25%), “Situações reais para desenvolvimento de projetos” (54,41%).

A utilização das mesmas alternativas expostas na questão 7, possibilitou relacionar a visão dos estudantes, quanto aos recursos importantes à sua formação em paisagismo, com aqueles que foram efetivamente utilizados durante o ensino, em sua graduação.

Merece destaque o fato de que os dois recursos, mais utilizados para o ensino de paisagismo, “Materiais de desenho” e “Mesas próprias para desenho”, serem destacados como menos importante para esta formação, de acordo com a visão dos estudantes.

Nota-se, ainda, que a alternativa apresentada como mais importante para o ensino em paisagismo, “Contato com profissionais da área”, não foi encontrada nem entre as três mais utilizadas para o ensino, durante a formação dos agrônomos,

demonstrando o distanciamento entre os estudantes e as prestadoras de serviços de paisagismo.

O afastamento evidenciado pôde, também, ser evidenciado no 1º capítulo desta dissertação, quando da análise sobre a visão das empresas, quanto aos aspectos da formação dos profissionais para atuação em paisagismo (questões 8 e 9); destacando que os recém-formados não têm interesse por paisagismo - situação apresentada por 64% das empresas - e identificando que 88% delas sentem que os recém-formados não foram devidamente capacitados, para o oferecimento de trabalhos em paisagismo.

A alternativa “Softwares para desenvolvimento de projetos” destaca-se como o terceiro recurso mais importante para o ensino, porém é listado como o último na escala dentre os utilizados para a formação em paisagismo, evidenciando a comprovação da pesquisa realizada pelo CONFEA (2008), onde identifica que as empresas têm reclamado da baixa qualificação dos recém-formados, quanto ao uso de softwares e ferramentas similares, para a realização de seus trabalhos.

9. Sente-se capacitado para realizar trabalhos relacionados ao paisagismo?

Quando da análise sobre a visão que os próprios discentes têm de sua capacitação para trabalhos em paisagismo, nota-se que, além das empresas não os considerarem capacitados, grande parte deles mesmos também não se considera, como identificado pelos resultados apresentados na Tabela 2.16.

Tabela 2.16 - Visão dos estudantes quanto à própria capacitação para a realização de trabalhos em paisagismo

Sente-se capacitado	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Sim	85	41,67
Não	119	58,33
Total	204	100

A situação de insegurança, quanto à capacitação, demonstrada por 58,33% dos estudantes, foi também evidenciada por Gondim (2002) quando, em sua pesquisa com recém-formados, identificou que as poucas oportunidades de exercício prático, oferecidas durante o processo de graduação, estão relacionadas com as dificuldades de se articular, de modo integrado, à formação científica e profissionalizante; tal fato contribui para o sentimento de insegurança experimentado pelo discente, o que prejudica a visualização de perspectivas concretas de inserção efetiva no mercado de trabalho.

De acordo com esta autora, o que parece ocorrer é que o estudante consegue identificar um perfil geral, que é transmitido pelos meios de comunicação, acerca do que é demandado pelo mercado de trabalho, mas não consegue identificar de que modo este perfil estaria ajustado às habilidades e competências próprias de sua área de atuação.

Questões sobre os aspectos da visão dos estudantes quanto ao mercado de paisagismo

10. Acredita que os trabalhos com paisagismo são promissores no Estado de São Paulo?

Os resultados da questão 10 seguem na Tabela 2.17.

Tabela 2.17 - Visão dos estudantes de agronomia quanto à promessa do mercado de paisagismo, no Estado de São Paulo

Mercado promissor	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Sim	196	96,08
Não	8	3,92
Total	204	100

A obtenção desses dados permite a comparação desta visão, com aquela advinda das prestadoras de serviço, que seguem no ramo de paisagismo, que também afirma a promessa deste mercado (Tabela 1.8), demonstrando que, assim como as empresas de paisagismo, os estudantes de agronomia também consideram este mercado como próspero, demonstrando que esta atividade tem sido projetada, por seus envolvidos diretos ou indiretos, de forma favorável e promissora.

11. Acredita que o oferecimento de serviços relacionados ao paisagismo é uma boa oportunidade de trabalho para engenheiros agrônomos?

Apesar do contexto das diversidades profissionais que atuam em paisagismo no Estado, como apresentado no 1º capítulo (Tabela 1.5), os estudantes acreditam que esta seja uma boa área para o desenvolvimento profissional dos engenheiros agrônomos, como segue apresentado na Tabela 2.18.

Tabela 2.18 - Visão dos estudantes quanto ao paisagismo como uma oportunidade para o desenvolvimento profissional de agrônomos

Oportunidade para agrônomos	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Sim	194	95,10
Não	10	4,90
Total	204	100

Alinhados com a visão das empresas paulistas de paisagismo, não apenas quanto à promessa deste mercado - como identificado na questão 10 - 95,10% dos formandos acreditam na boa oportunidade de envolvimento dos agrônomos na construção de paisagens. A visão favorável a este envolvimento também foi apresentada por 84% das empresas de paisagismo, quando no 1º capítulo desta dissertação (Tabela 1.12); tal realidade tende a confirmar a forte ligação dos trabalhos de paisagismo com as ciências agrárias.

12. Pretende trabalhar com paisagismo?

Os resultados desta questão concedem a visão de que os estudantes, apesar de seus desafios de formação em paisagismo, apresentam bom interesse para atuação neste mercado (Tabela 2.19).

Tabela 2.19 - Pretensão dos estudantes quanto à atuação em paisagismo

Pretende trabalhar	Frequência (N° de estudantes)	Percentual (%)
Sim	46	22,55
Não	102	50,00
Talvez	56	27,45
Total	204	100

No contexto de tantas diversidades de campos de atuação profissional, que se apresentam aos agrônomos, como destacado na introdução deste capítulo, poder-se-ia imaginar que paisagismo não fosse uma das áreas de interesse dos formandos, uma vez que em seu núcleo de disciplinas, apresentadas pelo MEC (2006), encontram-se 18 áreas, cada uma delas desenvolvendo atividades diversas no campo das ciências agrárias.

Obter o resultado de 22,55% dos alunos, interessados na atividade profissional de paisagismo, oferece a visão de que a seriedade na capacitação para este campo de

atuação faz-se necessária, e que disso dependerá a maturidade e aceitação desses profissionais no mercado de trabalho.

Nota-se, ainda, um percentual de 27,25% indeciso quanto à atuação neste mercado, representando que esta atividade tem sido considerada pelos alunos em suas escolhas, concedendo ainda maior significância à formação em paisagismo.

Werbel (2000) em sua pesquisa, sobre a busca efetiva de emprego entre graduandos, concluiu que, aqueles que conhecem o mercado, conseguem pensar em caminhos efetivos de empregos, pois comparam mais racionalmente o que está sendo requerido, no mercado, com as habilidades pessoais que dispõem.

Com base nesta informação, observa-se que a situação de interesse pela atuação em paisagismo, apesar do distanciamento do mercado - observado, tanto no 1º capítulo desta dissertação, como na análise dos recursos educacionais utilizados em disciplinas de paisagismo - pode ser consequência da visão que os estudantes possuem quanto à promessa deste setor e, ainda, pelos créditos que depositam quanto à prosperidade de agrônomos, neste campo de atuação. Esta visão pôde ser confirmada pelos resultados obtidos nas questões 10 e 11 desta entrevista.

Expressão quanto ao que poderia ser melhorado na formação para atuação em paisagismo.

13. O que acredita que poderia ser melhorado, em sua formação, para atuação em paisagismo?

Esta questão foi respondida por apenas 50 estudantes, dentre o total amostrado, uma vez que se apresentou seguida de espaço em branco, para livre expressão. A realidade do baixo retorno de respostas a esta questão, identificada pela ausência de resposta por 75,49% dos alunos, pode ser justificada de várias formas, sendo algumas delas a possível falta de interesse em contribuir com a pesquisa em questão, a provável condição de satisfação e não opções para melhoria ou, ainda, pela falta de habilidade dos alunos em expor suas idéias sobre uma visão crítica da situação em que estão inseridos.

Referente às três possíveis justificativas apresentadas, a última tem se mostrado como uma realidade, uma vez que também foi evidenciada em outros trabalhos realizados através de entrevistas com discentes, como o apresentado por Gondim (2002), o qual observou que, embora alguns alunos conseguissem mencionar habilidades gerais e específicas requeridas no mercado de trabalho, estas se apresentaram de modo fragmentado e isolado, não permitindo inferir um perfil global e consistente com a área de formação do estudante. A autora revela a dificuldade dos alunos em construir um perfil profissional que articule a formação acadêmica e as exigências do mercado de trabalho.

Seguindo esta justificativa, pôde ser observada a pesquisa realizada pelo CONFEA (2008), a qual identifica que o grau de atualização das escolas de engenharia do Brasil fica abaixo da média, e que as respostas às perguntas sobre o que poderia ser feito para melhorar o ensino de engenharia no Brasil, indicam que a universidade é pouco participante no processo de geração de inovação, além de ter dificuldades para acompanhar o mercado com propostas efetivas.

A realidade de não participação, no processo de melhoria da formação acadêmica, pelas IES, pode estar refletindo em seus próprios alunos, como constatado pela postura de ausência, frente a esta questão.

Os comentários daqueles que se manifestaram, e responderam ao questionamento, foram relacionados em alguns itens, citados com maior frequência, e explicados a seguir.

- 1- Disciplina exclusiva para paisagismo - há necessidade de ser oferecida disciplina que trate apenas sobre assuntos de paisagismo, não sendo o mesmo apresentado de forma parcial em disciplinas que englobam outras áreas do conhecimento, como fruticultura ou horticultura.
- 2- Atividade prática - é importante a realização das fases de planejamento e implantação de projetos, durante disciplinas nesta área, para garantir a aplicação prática dos conhecimentos aprendidos.

- 3- Ensino interdisciplinar - de modo geral, as disciplinas oferecidas não apresentam ligações com a área de paisagismo, que acaba sendo isolada no contexto da agronomia; apontam que, se as disciplinas forem mais bem relacionadas entre si, favorecerá a formação para atuação no mercado de trabalho.
- 4- Estudo de plantas ornamentais - o estudo de técnicas para produção e manejo de plantas ornamentais deveria ser melhor desenvolvido, uma vez que o enfoque para outras plantas é predominante na agronomia.
- 5- Atualização dos recursos educacionais - há deficiência na modernização dos recursos educacionais utilizados em disciplinas de paisagismo e, a atualização dos recursos poderá melhorar a formação acadêmica.
- 6- Maior carga horária - a disciplina de paisagismo deveria dispor de maior carga horária para apresentar seus conceitos e aplicações práticas; observa-se como pouco efetivo o tempo oferecido à disciplina atualmente.
- 7- Contato com empresas - faz-se importante o contato dos alunos com as empresas atuantes no setor, durante o processo de formação acadêmica e, o distanciamento entre ambos, prejudica a projeção no mercado de trabalho.
- 8- Seriedade dos docentes - os próprios docentes não olham para o paisagismo com a seriedade e maturidade que esta atividade profissional necessita, considerando como um hobby a atuação dos agrônomos nesta área, o que acaba por enfraquecer o ensino nas instituições.
- 9- Disciplinas optativas - as instituições deveriam oferecer disciplinas optativas aos alunos interessados em se desenvolver neste campo de atuação, aprimorando seus conhecimentos, ainda durante a graduação.

Para melhor observar a representação dos comentários obtidos nesta questão, segue a Figura 2.7 com os percentuais, cujo cálculo foi baseado no número total de estudantes que responderam a este questionamento (50).

Figura 2.7 - Percentual das respostas oferecidas à questão 13

3.3 Conclusão

A maioria dos alunos de cursos regulares de agronomia (55,4%) considerou-se satisfeita com o embasamento oferecido pela disciplina obrigatória de paisagismo, durante a graduação, uma vez que o classificaram como sendo “ótimo” (14,71%) e “bom” (40,69%). Constatou-se que o percentual de alunos não cientes quanto ao oferecimento, ou não, de disciplinas optativas relacionadas ao paisagismo, foi de 28,92%, e que 17,65% dos entrevistados eram conscientes de que não poderiam cursar disciplinas optativas, nesta área de atuação.

Referente à capacitação dos agrônomos, para o desenvolvimento de atividades em paisagismo, destaca-se que 77,45% dos alunos não cursaram disciplinas optativas relacionadas a esta área; porém, nota-se que, aqueles que cursaram, apresentaram um percentual de satisfação superior ao observado para a disciplina obrigatória, quando 76,08% consideraram como “ótimo” (41,30%) e “bom” (34,78%) o embasamento oferecido.

Constata-se que os recursos educacionais indicados como mais importantes, pelos estudantes, estão diretamente relacionados com a atuação prática no mercado de paisagismo, sendo eles: “Contato com profissionais da área” (87,75%), “Situações reais para desenvolvimento de projetos” (79,9%) e “Software para desenvolvimento de projetos” (73,04%). Apesar disso, identificou-se que os recursos educacionais mais utilizados foram: “Materiais de desenho” (71,08%), “Mesas próprias para desenho” (62,25%), “Situações reais para desenvolvimento de projetos” (54,41%). Observa-se que os dois recursos mais utilizados para o ensino de paisagismo, na agronomia são, também, aqueles destacados pelos alunos como os menos importantes para esta formação.

A alternativa vista como mais importante para o ensino em paisagismo, “Contato com profissionais da área”, não foi apresentada, nem entre as três mais utilizadas, durante a formação dos agrônomos, encontrando-se em quinta posição na escala dos recursos mais utilizados. Observa-se, ainda, que a alternativa “Softwares para desenvolvimento de projetos”, destacada como terceira dentre os recursos mais importante para o ensino, é listada como última na escala dos utilizados para tal formação.

Grande parte dos discentes não se considerou capacitada para realizar trabalhos de paisagismo (58,33%); contudo, 96,08% dos estudantes acreditavam que o mercado era promissor no Estado de São Paulo, e que este setor seria uma boa oportunidade de trabalho para os agrônomos, como apresentado por 95,10% deles. Apesar dessa realidade de ensino e insegurança dos estudantes, 22,55% dos entrevistados pretendiam trabalhar no mercado de paisagismo, e 27,45% consideraram possível esta atuação.

Referências

ABEAS, **Guia das Instituições de Ensino Superior de Ciências Agrárias**: graduação e pós-graduação. 11 ed. revista e atualizada. Brasília, ABEAS, 2003. 185 p.

ATCHOAREA, D.; GASPERINI, L. Education for rural development: towards new policy responses. **International Journal of Educational Development**, Oxford, v.25, n.180, p.173-188, 2005.

AYPAY, A. The tough choice at high school door: na investigation of the factors that lead students to general or vocational schools. **International Journal of Educational Development**, Oxford, v.23, n.142, p.517-527, 2003.

BEKALO, S.; BANGAY, C. Towards effective environmental education in Ethiopia: problems and prospects in responding to the environment- poverty challenge. **International Journal of Educational Development**, Oxford, v.21, n.130, p.35-46, 2002.

BRASIL. Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Resolução Nº 1.010, de 22 de agosto de 2005. Brasília: Publicada no Diário Oficial da União de 4 de setembro de 2006 – Seção I p.116 - 118.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2009.

BRASIL. MEC. Parecer CNE/CES: 8/2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces008_07.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2009

BRASIL. MEC. Resolução nº 1, de 2 de fevereiro de 2006 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces01_06.pdf> Acesso em: 19 nov. 2009.

BRASIL. O Presidente da República. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Brasília. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102346>

BRIGGS, S. Changing roles and competencies of academics. **Active Learning in Higher Education**, Englefield Green, v.6, n.3, p.256-268, 2005.

CAVALLET, V.J. **A Formação do Engenheiro Agrônomo em Questão**: a expectativa de um profissional que atenda as demandas sociais do século XXI. São Paulo: 1999. 142 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CÉSAR, L.P.M. **Visões de mundo e modelos de paisagismo**. 2003. 270 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

CONFEA. **Mercado de trabalho para o Engenheiro e Tecnólogo no Brasil**. Sumário Analítico. CONFEA/CNI. Brasília-DF. 2008. 45p. Disponível em: <<http://www.crea-sc.org.br/webcrea/webcrea2008/imagens/RelatoriodaPesquisaRevisado2008.pdf>>

COOPER, M.S.; EVANS, R. New agriculture curriculum incorporates ebooks and talking text. **The Agricultural Education Magazine**, Lubbock, v.78, n.2, p.11-16, 2005.

CREA-RJ. **Pesquisa no Crea-RJ mostra crescimento da participação da mulher**. Brasília, 12 mar 2010. Disponível em: <<http://www.confea.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8885&pai=8&sid=10&tpl=printerview>> – Acesso em: 30 mar. 2010.

CREA-SP. **Distribuição dos Profissionais do Sexo Feminino Registrados no Crea-SP por Câmaras**. junho 2009 - Disponível em: <http://www.creasp.org.br/internet_noticia.asp?area=1255>. Acesso em: 30 mar 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a11v07n2.pdf>>

GEISER, R. Depoimento para Abertura da Reunião Técnica de Engenheiros Agrônomos que Atuam em Paisagismo. In:GRUPO DE ENGENHEIROS AGRÔNOMOS PAISAGISTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1998, São Paulo: **Anais...** São Paulo: GEAPESP/AEASP. p. 15-39.

GIL, A.C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 171 p.

GONDIM, S.M.G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.7, n.2, p. 299-309, 2002.

MEC, **Instituições de Ensino Superior**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. <Acesso em 18. Nov. 2008>

MONTEIRO, S.B. Educação, epistemologia e a crise dos paradigmas. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 10, n. 18, jan-jun, 2001. p.79-90.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 128 p.

PAULILO, M.I.S. **Mulher e cidadania** - Palestra proferida em curso promovido pela AEMFLO- Associação Empresarial da Região Metropolitana de Florianópolis, Santa Catarina. junho de 1999. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n2_mulher.htm>. Acesso em: 30 mar. 2010.

PETTAN, J.C.; GONÇALVES, V.A. Exposições, Debates e Proposições — Market. In Grupo de Engenheiros Agrônomos Paisagistas do Estado de São Paulo, 1998. In: ENCONTRO ESTADUAL SÃO PAULO, 1., 1998. São Paulo.: **Anais...** São Paulo:GEAPESP/AEASP. p. 113-119.

SILVA, P.R. A Educação Agrícola Superior no Contexto da Nova LDB: A Reforma de Base. Texto referencial dos Seminários Regionais sobre Reestruturação Curricular da Modalidade Agronomia. ABEAS/CONFEA - 2008. 48 p.

TURATO, E.R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.** Petrópolis:Vozes, 2003. 688 p.

WERBEL, J.D. Relationships among career exploration, job search intensity and job search effectiveness in graduating college students. **Journal of Vocational Behavior**, Orlando, v. 57, Dec 2000. p. 379-394

ZUIN, A.H.L. **A conjoint study towards transformative landscape architectural education in Brazil.** 2002. 323 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Edinburgh College of Art/ Heriot-Watt University, Edinburgh, 2002.

4 O PAISAGISMO NA VISÃO DE DOCENTES EM CURSOS DE ENGENHARIA AGRÔNOMICA, NO ESTADO DE SÃO PAULO

Resumo

O trabalho buscou identificar aspectos do ensino de paisagismo a estudantes de engenharia agrônômica, em função do interesse e visão que os docentes, desta área, possuem quanto a este mercado. Para tanto, foi estabelecido contato, através de entrevistas, no período de novembro de 2008 a novembro de 2009, a partir da identificação de 23 campi que oferecem a formação de agrônomos, no Estado de São Paulo, de acordo com informações do Ministério da Educação (MEC). Neste contexto constatou-se que a população de docentes era equivalente ao número de campi, e esta pesquisa contemplou, em sua análise, 87% deste total. Para coleta dos dados desenvolveu-se um questionário semi-estruturado, apresentando questões que pudessem refletir a visão daqueles que ensinam paisagismo em cursos de agronomia, no Estado, procurando avaliar tal realidade. A partir dos dados obtidos, identificou-se a atuação de docentes com variados tempos de serviço nesta área, sendo que grande parte destes (45%) tem se dedicado a esta atividade de forma recente. Foram identificadas três áreas de formação, quanto à graduação dos mesmos: engenharia agrônômica (85%), engenharia florestal (10%) e ciências biológicas (5%); 100% desses profissionais cursaram pós-graduação para atuação no ensino superior, porém, em áreas distintas de formação. Constatou-se que os docentes responsáveis pelo ensino de paisagismo ministravam 37 diferentes disciplinas obrigatórias, sendo que 70% deles não lecionavam disciplinas optativas. Identificou-se que, em 85% dos campi com curso de agronomia, o ensino de paisagismo, floricultura, parques e jardins tem sido responsabilidade de apenas um docente, e que 75% dos entrevistados não desenvolviam trabalhos, desta área, em parceria com outros docentes. Encontrou-se unanimidade dos docentes na afirmativa de promessa do mercado de paisagismo no Estado e, ainda, na boa oportunidade que este mercado oferece aos engenheiros agrônomos; apesar disso, 65% dos respondentes consideraram que os alunos de agronomia não foram devidamente preparados pelas instituições, para atuação em paisagismo, e identificaram o desinteresse dos mesmos por disciplinas desta área. 50% dos docentes sugeriram o aumento da carga horária, no ensino de paisagismo, como uma das possíveis melhorias na formação dos agrônomos. Observou-se que, 70% deles, identificaram que as empresas deste mercado não oferecem seus serviços com o profissionalismo que esta atividade necessita e, 95%, consideraram necessária a regulamentação da profissão de paisagista, apesar de não expressarem argumentos que demonstrassem embasamento para tal afirmativa. Nesta mesma proporção, ofereceram visão favorável à atuação de equipes multiprofissionais em trabalhos de paisagismo, demonstrando preferência pela atuação de engenheiros agrônomos e arquitetos.

Palavras-chave: Agrônomos; Formação profissional; Ensino de paisagismo; Disciplinas de paisagismo

LANDSCAPING IN THE VIEW OF TEACHERS OF AGRONOMY IN THE STATE OF SÃO PAULO

Abstract

The study aimed to identify aspects of teaching landscaping to agronomy students, given the view and interest that teachers in this area have on this market. For this, contact was established through interviews during the period November 2008 to November 2009, from the identification of 23 campuses that offer the training of agronomists in the state of Sao Paulo, according to information from the Education Ministry (MEC). In this context it was found that the population of teachers was equivalent to the number of campuses, and this research looked in its analysis at 87% of this total. For data collection a semi-structured questionnaire was developed, presenting questions that could reflect the view of those who teach landscaping in agronomy courses in the state, seeking to assess such a reality. From the data obtained, we identified teachers working with varying times of service in this area, and most of these (45%) have devoted to this activity recently. We identified three areas of academic formation, in their own graduation: agronomy (85%), forest engineering (10%) and biological sciences (5%), 100% of staff have attained a post-graduate degree to work in the higher education area, however, in different fields of formation. It was found that the teachers responsible for teaching landscaping ministered 37 different compulsory subjects and 70% of them did not teach elective courses. It was identified that in 85% of campuses with the agronomy course, the teaching of landscaping, floriculture, parks and gardens have been the responsibility of only one teacher, and that 75% of the respondents did not develop work in this area, in partnership with other teachers. A unanimity was found from the teachers in the affirmative of promise in the landscaping market in the state and also in the opportunity that this market offers agronomists, despite this, 65% of the respondents felt that students of agriculture were not properly prepared by the institutions, to work in landscaping, and identified the students' indifference of disciplines related to this area. 50% of the teachers suggested an increase in the landscaping teaching workload, as one of the possible improvements in the training of agronomists. It was observed that 70% of them found that companies in this market do not offer their services with the professionalism that this activity deserves, and 95% deemed it necessary to regulate the profession of landscaping, although not expressing any arguments demonstrating a basis for such an affirmative. In the same proportion, they offered a favorable view for the performance of multidisciplinary teams to work in landscaping, showing preference for the activities of agronomists and architects.

Keywords: Agronomists, Vocational training, Landscaping teaching, Landscaping disciplines

4.1 Introdução

O ensino de paisagismo, nas instituições de ensino superior, tem apontado grandes oportunidades de desenvolvimento, tanto pela demanda crescente de alunos, cada vez mais conscientes desta oportunidade de capacitação e atuação no mercado de trabalho, como pela constante busca do mercado por profissionais capacitados, para atender a este setor emergente, na sociedade atual.

A realidade de um mercado próspero de paisagismo, juntamente com a perspectiva de efetivação dos engenheiros agrônomos, nesta área, tem despertado interesse na observação e exploração do contexto onde o ensino sobre a paisagem se desenvolve, uma vez que o contexto do dia a dia, em torno de alunos e professores, afeta a maneira como eles aprendem e ensinam.

No ensino das ciências agrárias, vários desafios na instrução para o paisagismo são encontrados ao longo do processo de formação profissional, alguns dos quais são oriundos das pressões do mercado, sobre as instituições de ensino que, muitas vezes, alocam educadores, que ensinam em outras áreas da agronomia, para o atendimento das necessidades desta capacitação.

Desta forma, identificar a visão dos docentes responsáveis pela formação de engenheiros agrônomos, para atuação em paisagismo, no Estado de São Paulo, caracterizá-los, bem como observar alguns aspectos do ensino neste campo de atuação profissional, fazem-se fundamentais para que melhorias, neste processo, possam ser consideradas e que a educação seja mais um instrumento de transformação, no contexto agrônômico.

Este capítulo, portanto, objetiva identificar aspectos do ensino de paisagismo, a partir da visão dos docentes quanto a este mercado, oferecendo elementos para análises, que possam ajudar as instituições de ensino superior a cumprirem o seu mandato de formação, bem como auxiliar seus docentes em uma atuação mais efetiva, na instrução dos agrônomos que objetivam o setor.

4.2 Desenvolvimento

4.2.1 Revisão bibliográfica

O paisagismo na academia

O ensino específico de paisagismo no Brasil, de acordo com Zuin (2002), parece embrionário, mas está em um rápido processo de desenvolvimento. A demanda decorrente, tanto das necessidades ambientais dos locais, como do número crescente de estudantes interessados em ingressar na disciplina, é premente para seu crescimento. Este mesmo autor afirma que, neste contexto, o ensino versado sobre paisagem, no Brasil é, em geral, fragmentado e disperso, como é o conhecimento sobre aqueles que praticam essa atividade.

De acordo com Maximiano (2006), a gestão e a formação profissional, em um ambiente altamente competitivo têm, sido apontados como os mais sérios desafios das organizações, na atualidade. Com relação ao paisagismo, a academia têm encontrado dificuldades de efetivação do conhecimento, em seus mais diversos aspectos.

A ênfase numa formação generalista e a ampliação das possibilidades de experiência prática, durante o curso superior, são avaliadas como alternativas para atender a exigência de um perfil multiprofissional e proporcionar a maturidade pessoal e a identidade profissional necessárias para agir em situação de imprevisibilidade, realidade a que estão sujeitas as organizações atuais. A dúvida, entretanto, é como isso está sendo concretizado na formação universitária. (GONDIM, 2002).

Cardoso (1995), afirma que, não somente o saber foi fragmentado em disciplinas estanques, como também o próprio trabalho tornou-se cada vez mais especializado, através dos departamentos, divisões, seções, numa imensa linha de montagem. Cada um, burocrática e roboticamente, se restringe a uma tarefa particularizada, sem consciência global do produto realizado.

Behrens (2005) aponta, ainda, a ênfase dada aos procedimentos burocráticos e a prática de um currículo influenciado por técnicas rígidas de planejamento, sem a devida articulação entre o saber, o pensar e o fazer, recaindo na técnica pela técnica. O planejamento, nesse contexto, elaborado de maneira autômata, individual e a partir da grade curricular, acaba por atrelar-se à cultura dominante, que nem sempre corresponde às necessidades sociais.

A fragmentação do conhecimento em conteúdos isolados, em diferentes disciplinas de uma grade curricular, desprovida de um projeto pedagógico que lhes dê conjunto, além de prejudicar o sentido daquilo que é ensinado para os alunos, serve, basicamente, para treinar ou adestrar o futuro profissional, dentro de objetivos específicos de determinados setores da sociedade (SANTOS, 1998). Sendo assim, segundo Grinspun (1994), torna-se urgente pensar numa forma de integrar esta interdisciplinaridade de conhecimentos nas propostas pedagógicas existentes, ou nas que surgirem.

A falta de material disponível, em português, é também um importante desafio a ser superado pela academia, durante a instrução em paisagismo. Evidencia-se, neste contexto, educadores que desenvolvem, e disponibilizam, seus próprios trabalhos para o ensino nesta área, como realizado por Demattê (1999), quando da publicação de material, voltado à estudantes, sobre os princípios do projeto da paisagem baseando-se em sua experiência na prática agrônômica e educação.

Quanto à produção de literatura nacional, no campo do paisagismo, observam-se sérias falhas, pois, de acordo com Segawa (2003), ao percorrer a seção de revistas de uma boa biblioteca especializada em arquitetura, urbanismo, paisagismo e design, ao mesmo tempo que um interessado encontrará uma coleção impressionante de publicações, tratando de inúmeros aspectos, em uma variedade de formatos, cores e acabamentos, um pesquisador, com um olhar mais acadêmico, terá dificuldade para identificar títulos que possam ser caracterizados como “periódicos científicos e técnicos”, como nos padrões consagrados em outras áreas de conhecimento.

Este autor destaca que, um frequente comentário, é que as publicações têm se voltado cada vez menos para a crítica rigorosa e honesta de projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo contemporâneos, e cada vez mais para a publicação promocional ou simples documentação.

Trabalhos como os de Macedo e Silva (1994) são pioneiros nos esforços para formar estudantes e professores com ferramentas específicas para a educação da paisagem. Numa época em que os computadores estavam apenas começando a serem mais disponíveis para as escolas e alunos, eles desenvolveram um software que

permitiu a experimentação de vegetação e de escala, na organização de espaços, ao ar livre (MACEDO E SILVA, 1994).

Adequando-se às realidades de formação, e necessidades profissionais para atuação em paisagismo, segue-se buscando superação para que se consolide o ensino deste conhecimento transformador e imperativo.

O ensino de paisagismo aos agrônomos

Numa cultura acadêmica que tradicionalmente valoriza mais resultados que processos, ensinar paisagismo torna-se uma instigante empreitada. Um campo em que não se medem investimentos, nem resultados, em toneladas por hectare, exige uma abordagem pedagógica que transcenda os limites do saber habitualmente buscado nas ciências agrárias (ZUIN, 2005).

Neste cenário de ensino do paisagismo, podemos citar Percy (2000), que afirma que, mais do que ensinar os futuros profissionais a racionalizar a aplicação de agrotóxicos, otimizar o uso da água na irrigação e a implementação de sistemas de tratamento de efluentes, é necessário um processo educativo mais completo, que possibilite, aos futuros engenheiros agrônomos, uma compreensão mais abrangente do mundo.

A ampla visão desses técnicos sobre as realidades do mundo atual, trarão percepções quanto ao seu próspero desenvolvimento profissional em paisagismo, estendendo as possibilidades de aplicação de seus conhecimento, em prol do benefício de toda uma sociedade, que busca a reaproximação com os elementos naturais em paisagens acolhedoras. Segundo Demattê (1998), o conteúdo dos cursos de graduação em agronomia no Brasil é um dos melhores na formação de um paisagista, e deve-se aproveitar tais habilidades adquiridas.

Deste modo, é fundamental o comprometimento dos docentes, incorporando atitudes de desafio em suas práticas pedagógicas, na busca de novas compreensões, rompendo com ações fragmentadas e desarticuladas, e partindo para um processo de ensino que assegure, ao futuro profissional, uma conduta de responsabilidade e comprometimento com o meio ambiente. Deste modo, os futuros agrônomos poderão compreender problemas que estão interligados ao meio ambiente, bem como a função

que estes futuros profissionais deverão assumir na sociedade. (CORRÊA E CORRÊA, 2007)

Cavallet (1999) sugere que, na formação em agronomia, tem-se uma realidade de treinamento para difusão de determinadas tecnologias, independente da realidade trabalhada. A superação dessa condição de dominação tecnológica necessita, além de outras variáveis, de uma formação que tenha, por princípio o desvelamento da realidade, além de propiciar um domínio metodológico pluralista, ao educando.

Diferentemente das escolas de arquitetura, que em seu documento geral de ensino e experiências, publicam trabalhos internos e externos, as escolas de agronomia têm poucos registros a esse respeito. Zuin (2005) levantou que as publicações, por acadêmicos de agronomia, com foco em paisagem são, principalmente, em aspectos da horticultura, botânica e ecologia da concepção prática, deixa em posição secundária, com quase nenhuma menção a educação.

De acordo com FELDER (1997), os indivíduos aprendem por meio de diversos processos cognitivos. Os estudantes, especificamente, aprendem, vendo, ouvindo, refletindo, agindo, raciocinando logicamente, memorizando, visualizando e estabelecendo analogias, construindo modelos matemáticos, de maneira contínua, sequencial e intermitente, em saltos; a medida de quanto um estudante aprende é determinada em função das habilidades do mesmo e de sua preparação anterior, e também, da compatibilidade entre o seu estilo de aprendizagem e o estilo de ensino do professor. Tal visão deverá permear as escolas de agronomia, quando do ensino de paisagismo.

Zuin (2002) afirma que os educadores da paisagem devem ser ajudados a analisar sua prática, avançar para uma posição de maior relevância no contexto, atuar como “facilitadores”, conceito que aponta para uma evolução no papel do professor, de forma a cumprir com as necessidades do paisagismo.

A prática docente

O ensino de paisagismo, como qualquer outra esfera da educação, de acordo com Gondin (2002), está sendo convocada a assumir um duplo papel: o de educar –

que se distingue da mera instrução – e o de preparar profissionais, para atender às novas demandas do mercado de trabalho.

As necessidades do paisagismo que ora apontam no cenário de globalização, necessitam entendimento e reflexão, o que se tornar-se-á possível a partir da atuação de docentes cientes e comprometidos com suas realidades.

Hoje, no entanto, com o avanço da ciência e a grande produção de novos conhecimentos e, ainda, com a velocidade na transmissão desses novos conhecimentos, por meios eletrônicos, o antigo professor catedrático, perdeu essa posição de único conhecedor/detentor do conhecimento. Essa nova realidade do mundo globalizado trouxe profundas transformações nos processos de ensino-aprendizagem. (SILVIO, 2008)

Neste contexto, os docentes desempenham um papel ainda mais fundamental: o de instruir no processo de busca e descoberta do conhecimento. Auxiliar no entendimento completo e conexo das várias informações que o mundo oferece, e transformá-las em conceitos adequados ao bom exercício profissional, é uma arte da prática docente, e deverá ser sempre procurada por aqueles que se comprometem com sua realização.

De acordo com Macedo (2004), no âmbito da atuação docente, a reflexão se refere à oportunidade de análise crítica das práticas dos professores, das teorias que ele próprio formula e das condições sociais que modelam as suas experiências de ensino. Além disso, expondo e examinando as suas teorias e práticas, para si próprio e para os seus colegas, o professor teria mais possibilidades de aperceber-se das suas falhas. Criar oportunidades de auto-avaliação é uma das mais efetivas formas de desenvolvimento para melhorias na prática docente.

Profissionalidade docente não se refere, apenas, ao desempenho do ofício de ensinar, mas, principalmente, a exprimir valores que se pretende alcançar no exercício da profissão; refere-se às qualidades da prática profissional dos professores, em função do que requer o trabalho educativo (CONTRERAS, 2002)

Neste sentido, como esclarece Behrens (1996), o docente do futuro deverá ser um hábil articulador dos saberes que a própria sociedade constrói. Este avanço para a

modernidade provoca a consciência de que o conhecimento é transitório, que ele se renova, se constrói, que está sempre em movimento.

4.2.2 Material e métodos

Área de estudo

O Estado de São Paulo apresenta importante contribuição à formação de profissionais para as práticas do paisagismo; neste contexto, visando enfocar a formação dos agrônomos, a presente pesquisa foi realizada junto aos docentes de paisagismo, em cursos de agronomia, no Estado.

Para listagem e determinação das IES, com cursos de agronomia, onde pudessem ser encontrados os docentes para esta análise, utilizou-se da mesma metodologia descrita no 2º capítulo desta dissertação, a saber: realizou-se um levantamento atualizado, quanto às instituições de ensino superior que oferecem cursos de agronomia no Estado, a partir dos serviços de buscas disponíveis pelo MEC, em seu site oficial (<http://portal.mec.gov.br>), onde puderam ser identificadas IES cadastradas e autorizadas para o oferecimento de cursos de graduação em engenharia agrônômica ou agronomia.

A busca descrita foi realizada em 18 de novembro de 2008, obtendo a listagem de 19 instituições de ensino superior, que se estabelecem em 23 campi espalhados pelo Estado (2º capítulo - Tabela 2.2). As cidades onde estão estabelecidos os campi que oferecem graduação para formação de engenheiros agrônomos, podem ser vistas na Figura 3.1.

Figura 3.1 - Cidades do Estado de São Paulo com campus de IES, que oferecem cursos de engenharia agrônoma

População e amostra

A partir da localização dos 23 campi das IES identificadas, buscou-se trabalhar com toda a população de docentes em paisagismo, determinada nesta área de estudo, não estabelecendo amostras para representação, uma vez que a realização de censo é considerada apropriada para a dimensão populacional identificada. A viabilidade de contato com os docentes nas instituições baseou-se na projeção de que, o número de docentes, em paisagismo, deva ser equivalente ao número de campi determinados, ou seja, dimensionou-se contatar 23 docentes para coleta de dados.

Com o propósito de abordagem dos professores, desenvolveu-se o contato presencial, ou via telefone, a fim de garantir um prévio esclarecimento quanto aos objetivos da pesquisa, suas contribuições e desenvolvimento. Após este contato inicial, fica a cargo do respondente a opção de envio das informações do questionário por telefone, e-mail ou correio.

Forma de coleta dos dados

Para possibilitar o alcance do objetivo proposto por esta pesquisa, desenvolveu-se um questionário semi-estruturado, apresentando questões que, além de refletirem a visão dos docentes, quanto ao paisagismo no Estado de São Paulo, retratavam, ainda, a realidade do ensino de paisagismo, aos futuros engenheiros agrônomos.

O presente questionário foi elaborado, utilizando-se, como base de desenvolvimento, as experiências do pesquisador, o contato com a população a ser amostrada, a visão literária do assunto pretendido e as visões do orientador e colaboradores desta pesquisa. Optou-se, também, por considerar Gil (1991), o qual destaca que, por utilizar-se de questionários para o conhecimento da realidade estudada, a pesquisa também adota um caráter de levantamento, uma vez que há uma interrogação direta feita para aqueles dos quais se tinham a intenção e a necessidade de conhecer.

Apesar da intenção de obter respostas objetivas, a partir do fornecimento de alternativas pré-estabelecidas, considerou-se, também, a abertura para comentários adicionais referente a vários dos questionamentos expostos. As questões utilizadas como roteiro compõem-se de três áreas de investigação, a saber: questões para caracterização dos docentes em paisagismo (Figura 3.2); aspectos relativos à visão dos mesmos quanto ao mercado de paisagismo, no Estado (Figura 3.3); e aspectos da formação de agrônomos para atuação em paisagismo (Figura 3.4).

1. Há quanto tempo leciona em disciplinas da área de paisagismo?
2. Qual sua área de formação? (graduação, mestrado, doutorado, especialização, outros)
3. Disciplina(s) obrigatória(s) e optativa(s) que ministra na instituição de ensino.
4. Quantos docentes estão voltados para as áreas de paisagismo, floricultura, parques e jardins na instituição de ensino que atua?
5. Desenvolve trabalhos, na área de paisagismo, em parceria com docentes de outras áreas?

() Sim () Não

Figura 3.2 - Questões para caracterização dos docentes entrevistados

As questões apresentadas na Figura 3.2 identificam as características dos docentes de paisagismo, em cursos de agronomia do Estado de São Paulo, apresentando-se, sem opções para comentários adicionais, com o caráter de levantamento de dados.

Estas questões foram elaboradas com a finalidade de: questão 1, identificar o tempo de atuação e experiência dos docentes, quanto ao oferecimento de disciplinas relacionadas ao paisagismo; questão 2, observar quanto às origens acadêmicas dos docentes que lecionam paisagismo aos futuros engenheiros agrônomos; questão 3, identificar as disciplinas ministradas pelos docentes entrevistados; questão 4, constatar a existência, ou não, de equipes de docentes que desenvolvem pesquisa, ensino e extensão nas instituições, na área; questão 5, observar o desenvolvimento de trabalhos conjuntos entre os docentes de agronomia, estabelecendo a efetividade da interdisciplinaridade em paisagismo.

6. Acredita que os trabalhos com paisagismo são promissores no Estado de São Paulo?

() Sim () Não

7. Acredita que o oferecimento de serviços relacionados ao paisagismo é uma boa oportunidade de trabalho para engenheiros agrônomos?

() Sim () Não

8. Sente que as empresas, que atualmente oferecem serviços de paisagismo, estão fazendo isso com o profissionalismo que esta atividade necessita?

() Sim () Não

9. Acredita ser necessária a regulamentação da profissão de paisagista?

() Sim () Não

10. Acredita ser importante a participação de mais de um profissional na construção de paisagens? () Sim () Não

Quais deveriam ser os profissionais envolvidos?

() Arquiteto

() Biólogo

() Engenheiro Agrônomo

() Engenheiro Florestal

() Geógrafo

() Outros.

Figura 3.3 - Questões sobre a visão dos docentes quanto ao mercado de paisagismo

Para atender a necessidade de identificar a visão dos docentes em paisagismo, quanto a este mercado, e identificar as projeções que fazem para os profissionais que formam para esta atuação, foram elaboradas as questões de 6 a 10 (Figura 3.3), as quais foram apresentadas, com as alternativas “SIM” ou “NÃO”, seguidas de abertura para comentários adicionais à resposta; sendo apenas a questão 10 limitada quanto ao registro de complementações.

Para fins de análise, suas questões visaram: questão 6, estabelecer as perspectivas dos docentes, quanto ao mercado de paisagismo no Estado; questão 07, analisar a visão que os docentes possuem quanto ao envolvimento de engenheiros agrônomos, neste campo de atuação profissional; questão 08, verificar a visão dos docentes quanto à maneira que os serviços de paisagismo estão sendo oferecidos à sociedade; questão 9, identificar a visão dos docentes quanto à regulamentação desta atividade profissional; questão 10, levantar a visão dos docentes quanto a atuação de equipes, compostas por diferentes profissionais, em paisagismo, e, ainda, identificar as áreas de formação, que observam como importantes para envolvimento nesta área, expondo alternativas que determinam as origens acadêmicas mais frequentes dos paisagistas brasileiros, como determinado por Zuin (2002).

11. Sente que os alunos de agronomia são devidamente preparados pelas instituições de ensino, no Estado de São Paulo, para oferecerem serviços relacionados ao paisagismo?

() Sim () Não

12. Sente que, de modo geral, os alunos de agronomia têm interesse por disciplinas voltadas ao paisagismo?

() Sim () Não

13. O que poderia ser melhorado na formação dos agrônomos para que atuem com maior efetividade no mercado de paisagismo?

Figura 3.4 - Questões relativas à formação de agrônomos para atuação em paisagismo

As questões apresentadas na Figura 3.4 foram apresentadas, aos respondentes, com alternativas pré-estabelecidas como resposta (SIM ou NÃO), permitindo, porém, comentários adicionais, para análise. Tem-se como exceção a questão 13, que mostrou-se livre para expressão dos docentes, sem alternativas para resposta.

Cada uma destas questões apresentadas intencionou uma possibilidade de análise, a saber: questão 11, observar a visão dos docentes quanto a capacitação dos

formandos, em agronomia, para atuação em paisagismo; questão 12, identificar o interesse dos alunos por disciplinas desta área; questão 13, oferecer abertura para exposição de idéias que contribuam com a formação dos engenheiros agrônomos, para que atuem com maior efetividade no mercado de paisagismo.

4.2.3 Resultados e discussões

O contato com os docentes de paisagismo, em cursos de agronomia, para esclarecimento quanto aos propósitos desta pesquisa e efetiva realização das entrevistas, deu-se no período de novembro de 2008 a novembro de 2009.

Desta forma, puderam ser analisadas as entrevistas de aproximadamente, 87% dos docentes de paisagismo, correspondendo a 20 questionários, não atingindo a totalidade pretendida (23), em função de inviabilidades, tais como: a IES oferecer o curso de agronomia há poucos semestres, e ainda não possuir docente responsável pela disciplina de paisagismo; o docente estar afastado da instituição por motivos de saúde; o docente não conceder a entrevista.

Apesar dos docentes poderem optar por responder a entrevista via e-mail, correio ou telefone, a grande maioria preferiu a última opção apresentada, uma vez que a consideraram como prática e eficiente para o fornecimento das informações; apenas uma pequena parcela respondeu via e-mail, e alguns poucos entregaram pessoalmente.

Questões para caracterização dos docentes

1. Há quanto tempo leciona em disciplinas da área de paisagismo?

Os resultados oriundos deste questionamento proporcionaram a visão de que, no oferecimento de disciplinas de paisagismo, encontram-se docentes com variados tempos de atuação e experiências nesta área do conhecimento. Os anos de atuação, no ensino de paisagismo, pelos docentes, seguem na Tabela 3.1.

Tabela 3.1 - Tempo de atuação dos docentes, em disciplinas de paisagismo, nos cursos de engenharia agrônômica, no Estado de São Paulo

Tempo de atuação em paisagismo	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
De 1 a 5 anos	09	45%
De 6 a 10 anos	04	20%
De 11 a 15 anos	02	10%
Acima de 16 anos	05	25%
Total	20	100

A observação desses dados constata que grande parte dos docentes que leciona paisagismo, em cursos de agronomia, têm se dedicado a esta atividade de forma recente, como demonstrado pelo percentual de 45%, com tempo de atuação entre 1 e 5 anos.

A realidade de recente atuação em paisagismo pode ser oriunda das adequações das IES às realidades de ensino determinadas, tanto pela nova LDB (Lei 4.024/61) como pela diretriz curricular estabelecida pelo MEC (Resolução nº 1, de 2 de fevereiro de 2006), as quais impulsionaram a consolidação do ensino de paisagismo aos engenheiros agrônomos, bem como de todas as demais disciplinas, uma vez que o diploma acadêmico passa a ser diferenciado do título profissional, e consolida-se a determinação de que, se não for capacitado, o profissional não receberá habilitação para atuação.

2. Qual sua área de formação?
(graduação, especialização, mestrado, doutorado, outros)

Uma vez reconhecida a visão de que os trabalhos com paisagismo têm envolvido profissionais de diversas áreas de formação, como apresentado no 1º capítulo desta dissertação, pode-se imaginar que os docentes de disciplinas relacionadas a esta atividade também sejam oriundos de diferentes áreas do conhecimento.

Seguindo este pensamento, os resultados desta questão identificam 3 áreas distintas de formação, quanto à graduação dos docentes que capacitam engenheiros agrônomos para as atividades de paisagismo, sendo elas: engenharia agrônômica, engenharia florestal e ciências biológicas (Tabela 3.2).

Tabela 3.2 - Áreas de formação dos docentes de disciplinas de paisagismo, nos cursos de engenharia agrônômica, no Estado de São Paulo

Graduação	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Engenharia agrônômica	17	85
Engenharia florestal	02	10
Ciências biológicas	01	05
Total	20	100

Nota-se o predomínio da formação em engenharia agrônômica para os docentes que lecionam paisagismo, em cursos para formação de agrônomos, representado por 85% dos entrevistados.

Seguindo a análise desta questão, foram identificados, quanto à pós-graduação (Stricto Sensu e Lato Sensu) dos docentes, os resultados que seguem na Tabela 3.3, cujo percentual baseia-se no número total de entrevistados (20).

Tabela 3.3 - Formação em pós-graduação (Stricto Sensu e Lato Sensu) pelos docentes de paisagismo, em cursos de engenharia agrônômica, no Estado de São Paulo

Pós – Graduação (Stricto Sensu e Lato Sensu)	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Especialização	04	20
Mestrado	18	90
Doutorado	14	70

Os dados apresentados conferem a visão de que 100% dos docentes têm formação em pós-graduação, para atuação nas instituições de ensino superior, sendo variável seu percentual de titulação, com predomínio de mestrado.

Dentre as diversas áreas de estudo, na pós-graduação, foram identificadas 3 áreas distintas para as especializações (Tabela 3.4), 9 áreas de formação para os docentes com mestrado (Tabela 3.5), e 6 para o diploma de doutor (Tabela 3.6), as quais representam a diversidade de formação daqueles que ensinam as técnicas de paisagismo, em cursos de agronomia.

Tabela 3.4 – Áreas de estudo da especialização (Lato Sensu) por docentes de paisagismo, nos cursos de engenharia agrônômica, no Estado de São Paulo

Especialização	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Paisagismo	02	50
Botânica	01	25
Floricultura	01	25
Total	04	100

Tabela 3.5 – Áreas de estudo do mestrado (Stricto Sensu) por docentes de paisagismo, nos cursos de engenharia agrônômica, no Estado de São Paulo

Mestrado	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Botânica	03	15
Fisiologia vegetal	01	05
Solos e nutrição de plantas	01	05
Sistemas de produção	02	10
Fitopatologia	01	05
Fitotecnia	07	35
Nematologia	01	05
Agrometeorologia	01	05
Entomologia	01	05
Total	18	100

Tabela 3.6 – Áreas de estudo do doutorado (Stricto Sensu) por docentes de paisagismo, nos cursos de engenharia agrônômica, no Estado de São Paulo

Doutorado	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Botânica	04	29
Fisiologia vegetal	03	21
Solos e nutrição de plantas	01	07
Fitotecnia	04	29
Nematologia	01	07
Estatística	01	07
Total	14	100

A diversidade de formação daqueles que lecionam paisagismo em cursos de agronomia, no Estado, é evidenciada pelos resultados apresentados, caracterizando a falta de foco na formação de profissionais para o ensino de paisagismo; demonstrando que, muitas vezes, os docentes que atuam nesta instrução são oriundos de outras áreas da agronomia, e acabam sendo levados a conduzir o ensino de paisagismo por motivos diversos, que podem ser institucionais, ou até mesmo pessoais.

3. Disciplina(s) obrigatória(s) e optativa(s) que ministra na instituição de ensino.

Os resultados desta questão conferem a visão de que os docentes de paisagismo não se dedicam, apenas, a disciplinas desta área, e demonstram que nem sempre têm o paisagismo como principal campo de atuação para o ensino.

No contexto das respostas oferecidas, foram identificadas 37 diferentes disciplinas obrigatórias, sendo ministradas pelos docentes, as quais variam desde Matemática Financeira, lecionada por 3 dos entrevistados, até Produção de Sementes, apresentada por 4 docentes (Tabela 3.7).

Tabela 3.7 – Disciplinas obrigatórias lecionadas por docentes que ministram paisagismo em cursos de engenharia agrônoma, no Estado de São Paulo
(Continuação...)

Disciplinas obrigatórias	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Adubação e Nutrição de Plantas	01	05
Agroecologia	01	05
Agrometeorologia	01	05
Avaliação de impacto ambiental	01	05
Biologia e manejo de plantas daninhas	01	05
Biotecnologia	01	05
Cálculo	01	05
Citologia e histologia vegetal	02	10
Estatística	01	05
Experimentação Agrícola	01	05
Fisiologia Vegetal	05	25
Fitopatologia	02	10
Fruticultura	02	10
Hidráulica	01	05
Horticultura Geral	02	10
Irrigação e Drenagem	01	05
Matemática Financeira	03	15
Mecanização Agrícola	01	05
Melhoramento genético	01	05

Tabela 3.7 – Disciplinas obrigatórias lecionadas por docentes que ministram paisagismo em cursos de engenharia agrônoma, no Estado de São Paulo

(Conclusão...)

Disciplinas obrigatórias	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Microbiologia	01	05
Morfologia vegetal	02	10
Nematologia	01	05
Olericultura, floricultura e paisagismo	02	10
Paisagismo e floricultura	10	50
Parques e jardins	02	10
Perícia e avaliação rural	01	05
Plantas fibrosas e leguminosas	01	05
Plantas medicinais e ornamentais	02	10
Produção de cereais	01	05
Produção de estimulantes	01	05
Produção de sementes	04	20
Produção Vegetal	02	10
Qualidade de sementes	01	05
Silvicultura	03	15
Sistemática vegetal	03	15
Tecnologia de produtos agropecuários	01	05
Tecnologia Pós-colheita	02	10

A ampla gama de atuação dos docentes envolvidos com paisagismo evidencia pouca especificidade em seu ensino, já que os mesmos acabam atuando em tantas áreas das ciências agrárias, que podem transcursar no não atendimento às necessidades existentes em cada uma delas. A sobrecarga em áreas tão distintas pode dever-se à falta de profissionais para lecionar em disciplinas de paisagismo nas instituições, ou até mesmo pela visão de que o ensino de paisagismo não necessita especificidade de conhecimento, como evidenciado pelas diversas áreas de formação dos docentes, na questão 2 desta pesquisa.

Quanto às disciplinas optativas, 14 docentes responderam que não as lecionam, representando 70% do total dos entrevistados, o que demonstra que as IES não estão oferecendo oportunidades para seus discentes quanto às escolhas para sua formação, durante a graduação.

A situação de não oferecimento de disciplinas optativas, pelos docentes de paisagismo, pode agora ser relacionada, apresentando uma parcela de contribuição ainda maior do que se imaginava, com a realidade de que 77,45% dos estudantes não terem cursado disciplinas optativas nesta área, como demonstrado no 2º capítulo deste trabalho (questão 6).

Apesar desta realidade, dentre as optativas lecionadas puderam ser encontradas 7 diferentes disciplinas, melhor relacionadas ao paisagismo, do que quando comparadas às obrigatórias. Para observação dos dados apresentados, segue a Tabela 3.8, cujo percentual é baseado no número de respondentes (6).

Tabela 3.8 – Disciplinas optativas lecionadas por docentes que ministram paisagismo em cursos de agronomia, no Estado de São Paulo

Disciplinas optativas	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Análise física do ambiente	01	17
Arborização urbana e paisagismo	02	33
Botânica econômica	01	17
Floricultura	01	17
Paisagismo	01	17
Paisagismo, parques e jardins	03	50
Solo e clima e suas relações com a Produção Agrícola	01	17

4. Quantos docentes estão voltados para as áreas de paisagismo, floricultura, parques e jardins na instituição de ensino que atua?

Nota-se que, para o desenvolvimento dos núcleos de disciplinas apresentados na resolução do MEC (2006), esperam ser encontradas equipes de docentes que desenvolvem pesquisas, ensino e extensão, trabalhando em apoio mútuo para a capacitação dos discentes. Nas realidades do ensino de paisagismo identificou-se que isto não ocorre, como apresentado pelos dados da Tabela 3.9.

Tabela 3.9 – Número de docentes envolvidos no núcleo de disciplinas que abrange paisagismo, floricultura, parques e jardins, em cursos de engenharia agrônoma, no Estado de São Paulo

Número de docentes envolvidos	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
01	17	85
02	03	15
Total	20	100

Esses dados demonstram que, na maior parte dos campi, o ensino deste núcleo de disciplinas, tem sido responsabilidade de apenas um docente, o qual, muitas vezes, deve contemplar seus conteúdos em apenas uma disciplina. Tal realidade pôde ser observada na questão 3, desta entrevista, quando constata-se a descrição de disciplinas tais como: Paisagismo e Floricultura; Parques e Jardins; Plantas Medicinais e Ornamentais; como sendo a única oferecida durante a graduação, na área de paisagismo.

Além desta realidade, nota-se, ainda, que alguns dos docentes precisam atender às necessidades deste núcleo em, apenas, poucas horas dentro de outras disciplinas oferecidas, como observado, na respostas de que o ensino de paisagismo, floricultura, parques e jardins está incluso em matérias, tais como Horticultura e Produção Vegetal, que atendem, também, a outros conhecimentos agronômicos.

Esta situação também pôde ser observada quando, no 2º capítulo desta dissertação (questão 13), 20% dos alunos que se manifestaram, destacaram a necessidade de ser oferecida uma disciplina exclusiva para os assuntos de paisagismo, não sendo adequada a apresentação do mesmo, de forma parcial, em disciplinas que englobam outras áreas do conhecimento.

5. Desenvolve trabalhos, na área de paisagismo, em parceria com docentes de outras áreas?

Uma vez que a realidade de equipes de docente, desenvolvendo os conhecimentos que envolvem o paisagismo, não é efetiva no Estado de São Paulo - como demonstrado pela questão 4 - a visão de desenvolvimento de trabalhos conjuntos, mostra-se ainda mais necessária para que a interdisciplinaridade possa ser concretizada neste processo educacional.

Apesar desta necessidade, os resultados desta questão demonstram que os docentes não têm realizado trabalhos em parceria, dentro de suas instituições (Tabela 3.10).

Tabela 3.10 - Número de docentes de paisagismo que desenvolve trabalhos em parceria com outros docentes, em cursos de engenharia agrônoma

Trabalhos em parceria	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Sim	07	35
Não	13	75
Total	20	100

A situação apresentada por esses dados reforça a idéia de que o paisagismo tem sido pouco expressivo no que tange à interdisciplinaridade, uma vez que 75% de seus docentes não desenvolvem trabalhos com professores de outras áreas.

Esta constatação reforça algumas necessidades apontadas pelos estudantes, uma vez que o 3º comentário, mais frequentemente citado por eles (2º capítulo - questão 13), refere-se a insatisfação quanto a falta da interdisciplinaridade no ensino de paisagismo. Os alunos destacam que as disciplinas oferecidas, em sua graduação, não apresentam ligações com a área de paisagismo, que acaba sendo isolada no contexto da agronomia; apontam que, se as disciplinas forem mais bem relacionadas entre si, favoreceria a formação para atuação no mercado de trabalho.

De acordo com Silva (2008), um novo conceito de formação deve ser adotado, o enfoque deve fundamentar-se em sólidos conceitos básicos, e na postura científica do futuro profissional, com visão abrangente e aplicada, de forma sistêmica e interdisciplinar, capacitando para o enfrentamento de problemas complexos, com senso crítico e visão transformadora. Uma formação que possibilitará, aos engenheiros agrônomos, observar no paisagismo a aplicação de seus conhecimentos.

Questões sobre os aspectos da visão dos docentes quanto ao mercado de paisagismo

6. Acredita que os trabalhos com paisagismo são promissores no Estado de São Paulo?

Os resultados desta questão (Tabela 3.11) demonstram que, além das empresas e dos estudantes afirmarem a promessa do mercado de paisagismo, como

apresentado nos capítulos 1 e 2 desta dissertação, os docentes desta área, também estão alinhados com esta visão, e acreditam no desenvolvimento desta atividade profissional.

Tabela 3.11 - Visão dos docentes em paisagismo quanto à promessa do mercado de paisagismo, no Estado de São Paulo

Mercado promissor	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Sim	20	100
Não	00	00
Total	20	100

Com 100% dos docentes respondendo “Sim” a este questionamento pode-se acreditar que esta seja a visão transposta aos seus discentes, quando em disciplinas relacionadas a esta área. Esta situação pôde ser percebida - pela análise da questão 10, do 2º capítulo desta dissertação - quando 96,08% dos alunos expuseram a visão de promessa do paisagismo no Estado de São Paulo, apesar do evidente distanciamento dos mesmos deste campo de atuação. Um distanciamento que pôde ser percebido quando as empresas afirmaram o desinteresse dos recém-formados, justificando tal postura em função do desconhecimento do mercado (1º capítulo - questão 8) e, ainda, quando a maioria dos estudantes não identificou o contato com profissionais da área, como um recurso educacional para o ensino durante sua formação acadêmica (2º capítulo - questão 8).

Quanto aos comentários adicionais referentes a esta questão, obteve-se um número de 13 docentes que se manifestaram, e que, de alguma forma, falaram sobre o assunto. Para melhor expor os comentários obtidos, os mesmos foram relacionados e incorporados dentre aqueles citados com maior frequência.

- 1- Observa a expansão das empresas - baseia sua resposta, de promessa do paisagismo, no contato que possui com as empresas do ramo, as quais têm apresentado otimismo e boas perspectivas para este mercado.

- 2- Maior promessa nos centros urbanos - o mercado de paisagismo tem apresentado crescimento mais intenso nos grandes centros urbanos, onde a busca por qualidade ambiental tem sido evidenciada.
- 3- Experiência particular - atua neste mercado, sozinho ou através de empresa própria, notando sua promessa.

A partir dos dados apresentados, nota-se que a maior parte dos docentes acredita neste crescimento em função do que observam nas empresas de paisagismo, no Estado. Para melhor analisar esses comentários, segue a Figura 3.5, a qual representa os percentuais de cada comentário, em função do número daqueles que se manifestaram sobre a questão (13).

Figura 3.5 - Percentual de comentários adicionais relacionados à questão 6

7. Acredita que o oferecimento de serviços relacionados ao paisagismo é uma boa oportunidade de trabalho para engenheiros agrônomos?

Os resultados desta questão são apresentados na Tabela 3.12, e demonstram que os docentes apostam no desenvolvimento profissional de agrônomos, neste campo de atuação.

Tabela 3.12 - Visão dos docentes quanto ao paisagismo como uma oportunidade para desenvolvimento profissional de agrônomos

Oportunidade para agrônomos	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Sim	20	100
Não	00	00
Total	20	100

A realidade desta afirmativa tem demonstrado as grandes oportunidades da aplicação dos conhecimentos das ciências agrárias, no desenvolvimento do paisagismo. Assim, como afirma o Jornal do Engenheiro Agrônomo (2009), no campo ou na cidade, são cada vez mais amplas as possibilidades de atuação para o engenheiro agrônomo. Nas cidades, o mesmo encontra oportunidades no planejamento da paisagem, por intermédio da ação em paisagismo e arborização, segmentos que estão em consolidação na zona urbana.

Comentários adicionais foram observados em 13 entrevistas, podendo ser os mesmos agrupados, como segue descrito, e demonstrados seus percentuais na Figura 3.6.

1. Diferencial em sua formação - o conhecimento agrônômico favorece o desenvolvimento de trabalhos com paisagismo, uma vez que se aplica na construção e na manutenção das paisagens.
2. Atuação profissional de ex-alunos - tem contato com ex-alunos que são bem sucedidos nesta atividade profissional, e com isso acredita que seja esta uma boa oportunidade de trabalho para agrônomos.
3. Bom profissional - apesar dos agrônomos competirem com “oportunistas” deste mercado, há boas oportunidades de trabalho para aqueles que atuam com seriedade e competência.

4. Atuação empreendedora - acredita que este campo de atuação profissional oferece a oportunidade para agrônomos desenvolverem-se como empreendedores.

Figura 3.6 - Percentual de comentários adicionais relacionados à questão 7

8. Sente que as empresas, que atualmente oferecem serviços de paisagismo, estão fazendo isso com o profissionalismo que esta atividade necessita?

Acredita-se que, como instrutores de muitos dos profissionais que seguirão a este mercado, os docentes tenham condições de observar suas atuações e identificar possíveis falhas de capacitação ou, até mesmo, visualizar os trabalhos daqueles que não foram capacitados nesta área, e concluir sobre os desafios decorrentes desse fato. Esta visão foi obtida a partir dos resultados desta questão, como segue na Tabela 3.13.

Tabela 3.13 - Visão dos docentes em paisagismo quanto à atuação com profissionalismo, por aqueles que atuam neste mercado

Profissionalismo	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Sim	06	30
Não	14	70
Total	20	100

Nota-se que, de acordo com os docentes, grande parte das empresas atuantes no mercado não oferece seus serviços com o profissionalismo que esta atividade necessita, sendo esta situação apresentada por 70% dos entrevistados. Esta realidade pode estar relacionada com a atuação de profissionais não habilitados nos trabalhos de paisagismo, como apresentado e discutido no 1º capítulo desta dissertação, reafirmando a idéia de que este mercado não tem tido muitas regras e orientações.

Esta relação é ainda mais evidente quando observados os comentários adicionais a este questionamento, o qual envolveu 14 docentes, que manifestaram suas visões.

1. Falta técnica e ética - as empresas têm oferecido seus serviços, sem condições técnicas e éticas para realizá-los.
2. Presença de “oportunistas” - nota-se o envolvimento de muitos oportunistas neste mercado, o que prejudica a seriedade quanto ao serviço oferecido.
3. Desconhece a atuação - está voltado para o ensino, e não tem muita certeza quanto a forma de atuação das empresas (apesar desta colocação, ofereceu resposta à questão).

Dentre os comentários realizados, a falta de técnica e ética recebeu destaque pelos docentes, as quais se fazem fundamentais no oferecimento de qualquer serviço ao mercado; seus percentuais de consideração são apresentados na Figura 3.7.

Figura 3.7 - Percentual dos comentários adicionais relacionados à questão 8

O comentário referente ao desconhecimento da atuação, evidencia o não envolvimento do docente com o mercado de paisagismo, que, quer seja por desinteresse ou pouca atuação na área, é fato bastante grave para quem participa do processo educacional para esta atividade profissional.

9. Acredita ser necessária a regulamentação da profissão de paisagista?

Os dados obtidos a partir deste questionamento são apresentados na Tabela 3.14, e demonstram que os docentes consideram necessária a regulamentação da profissão de paisagista.

Tabela 3.14 - Visão dos docentes em paisagismo quanto à regulamentação da profissão de paisagista

Necessidade de regulamentação	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Sim	19	95
Não	01	05
Total	20	100

A expressão de 95% dos docentes, quanto à necessidade de regulamentação da profissão de paisagista, instiga à reflexão quantos aos motivos que levam à observação de tal imperativo. Desta forma, os comentários que seguiram a questão fizeram-se fundamentais para esta análise, já que foram fornecidos por 19 docentes, ou seja, 95% dos entrevistados.

Para melhor expor os comentários obtidos, os mesmos foram relacionados e incorporados dentre aqueles citados com maior frequência, possibilitando a visualização quanto aos argumentos relacionados à afirmativa apresentada.

1. Proteção para os habilitados - são necessárias leis a serem cumpridas no oferecimento de serviços de paisagismo, garantindo proteção aos profissionais habilitados.
2. Organização e controle da qualidade - a regulamentação possibilitaria organização e controle dos serviços prestados, garantindo sua qualidade aos clientes finais.
3. Favorece os bons profissionais - a regulamentação tirará deste mercado pessoas desqualificadas, e sem condições técnicas para o oferecimento desses serviços.
4. Possibilita adequada formação - a regulamentação auxiliará na formação do profissional para o oferecimento desse serviço, uma vez que estará direcionado para esta atuação.

A manifestação que recebe maior destaque neste contexto é a que se refere à proteção aos profissionais habilitados, enfatizando a importância de que, mais do que a necessidade de legislações, faz-se necessário que as mesmas se cumpram no oferecimento de serviços de paisagismo. Este comentário, e os demais, são apresentados na Figura 3.8, a qual destaca os percentuais de cada um, em função do número de respondentes (19).

Figura 3.8 - Percentual dos comentários adicionais relacionados à questão 9

Como discutido e apresentado, no 1º capítulo deste trabalho, quando da análise deste mesmo questionamento às empresas de paisagismo (questão 7), constata-se que a regulamentação da profissão de paisagista tem sido associada e encarada como forma de proteger os profissionais habilitados, retirando deste mercado os leigos e, ainda, aqueles que praticam o mau exercício profissional; tem sido observada como forma de melhoria da qualidade dos trabalhos oferecidos e realizados, além de ser um meio pelo qual se espera garantir a formação de bons profissionais para atuação.

Desta forma, assim como as prestadoras de serviços, os professores de paisagismo têm atribuído à regulamentação da profissão de paisagista as melhorias de organização que este mercado necessita, e que deveriam estar sendo atendidas pelo conselho profissional que legisla sobre este campo de atuação.

As respostas apresentadas mostram-se favorável à regulamentação da profissão de paisagista no Brasil; porém, os comentários que seguiram a tal afirmativa não oferecem nenhuma base que possa justificar esta necessidade, uma vez que a regulamentação profissional, no Brasil, apresenta-se com critérios mínimos para aprovação. De acordo com o DIAP (2009), para que um projeto de lei de regulamentação de uma atividade profissional seja aprovado, é necessário observar os verbetes da CTASP, que orientam sobre o atendimento, cumulativamente, dos seguintes requisitos:

- a) Que a atividade exija conhecimentos teóricos e técnicos;
- b) Que seja exercida por profissionais de curso reconhecido pelo Ministério da Educação, quando for o caso;
- c) Que o exercício da profissão possa trazer riscos de dano social no tocante à saúde, ao bem-estar, à liberdade, à educação, ao patrimônio e à segurança da coletividade ou dos cidadãos individual;
- d) Que não proponha a reserva de mercado para um segmento em detrimento de outras profissões com formação idêntica ou equivalente;
- e) Que haja a garantia de fiscalização do exercício profissional;
- f) Que se estabeleçam os deveres e as responsabilidades pelo exercício profissional; e
- g) Que a regulamentação seja considerada de interesse social.

De acordo com esses critérios, os argumentos dos entrevistados mostram-se desalinhados com as realidades de regulamentação profissional, uma vez que suas insatisfações cabem à falta de uma boa atuação dos conselhos profissionais, os quais devem proteger a sociedade contra a atuação de leigos inabilitados, assim como dos habilitados sem ética; cumprindo com a fiscalização técnica, em conformidade com a legislação vigente, garantindo qualidade e segurança aos serviços prestados. É muito importante lembrar que, antes de lutar pela sua própria categoria, os conselhos profissionais foram criados para defender a sociedade.

A visão apresentada pelos docentes e pelas prestadoras de serviços, justifica a realidade oferecida por Nunes (2006 apud Silva, 2008) que afirma que há 43 profissões regulamentadas no Brasil, e que tramitavam no Congresso Nacional outras 73 propostas, e ainda, que 67% dos cursos de graduação estava vinculado a profissões regulamentadas.

Esta realidade vem, mais uma vez, sugerir o desconhecimento da função dos conselhos profissionais, no contexto da organização da atuação nas atividades de paisagismo, seguido de sua ineficácia de atuação.

10. Acredita ser importante a participação de vários profissionais na construção de paisagens? Quais deveriam ser os profissionais envolvidos?

As respostas da questão 10 oferecem a visão dos docentes quanto à importância da atuação de equipes multiprofissionais em trabalhos de paisagismo, como apresentado na Tabela 3.5.

Tabela 3.15 - Visão dos docentes em paisagismo quanto à importância da atuação de vários profissionais, na construção de paisagens

Vários Profissionais	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Sim	19	95
Não	01	05
Total	20	100

O percentual de 95% de respostas favoráveis à atuação multiprofissional em paisagismo alenta o estabelecimento desse tipo de estratégia para a elaboração das paisagens, mas, também, pode ser encarado como uma demonstração de incoerência entre o que se pratica, e aquilo que se destaca como importante. Esta realidade de contradição pode ser observada quando, na questão 5 (Tabela 3.10), 75% dos docentes afirmam não realizar trabalhos de paisagismo em parceria com outros docentes.

Acredita-se que o primeiro passo, em direção ao trabalho multiprofissional, deva ser o estímulo gerado pelo ambiente de formação acadêmica, o qual deve apresentar equipes que desenvolvem juntas as diversas áreas do conhecimento. A realidade de não cooperação para os trabalhos de paisagismo, no ambiente acadêmico, pode ser um refletido na constatação de que 82% das empresas de paisagismo acreditam em trabalhos multiprofissionais, para o desenvolvimento dos trabalhos, porém, apenas 26% delas, efetivamente, utilizam esta estratégia para o oferecimento de seus serviços (1º capítulo - questão 6).

Dando seguimento ao questionamento, os docentes identificaram as origens acadêmicas dos profissionais que acreditam ser importantes em trabalhos de paisagismo. A realidade desta participação pode ser observada na Figura 3.9.

Figura 3.9 - Percentual de respostas referente a visão dos profissionais que deveriam estar envolvidos em trabalhos de paisagismo

A partir desses dados, percebe-se que os docentes são favoráveis à atuação dos agrônomos neste mercado e que, também, destacam os arquitetos nesta atividade. Quanto às demais áreas de formação, apresentam inferior aceitação quanto ao envolvimento.

Segundo Tapie (1999 apud FABRICIO, 2007) a multidisciplinaridade é a soma de competências que envolve o projeto. Esse autor mostra que a atividade de arquitetos e engenheiros é cada vez menos autônoma, afirmando que a complexidade crescente dos empreendimentos de construção urbana, e as exigências de qualidade de produtos e serviços, colocadas pelos clientes e pelos empreendedores, favorecem a segmentação e a especialização, ao mesmo tempo em que obrigam permanentemente a arranjos de equipe para atender às necessidades de cooperação.

Questões relativas à formação de agrônomos para atuação em paisagismo

11. Sente que os alunos de agronomia são devidamente preparados pelas instituições de ensino, no Estado de São Paulo, para oferecerem serviços relacionados ao paisagismo?

A análise dos dados obtidos por esta questão proporcionou a visão de que a maioria dos docentes (65%) sente que os alunos de agronomia não são devidamente preparados pelas IES para oferecerem serviços relacionados ao paisagismo, como demonstrado na Tabela 3.16.

Tabela 3.16 - Visão dos docentes quanto ao preparo dos recém-formados para atuação em paisagismo

Recém-formados preparados	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Sim	07	35
Não	13	65
Total	20	100

A realidade deste despreparo também foi destacada quando 88% das prestadoras de serviço de paisagismo afirmaram a falta de capacitação dos recém-formados, para atuação neste setor (1º capítulo - questão 9).

Para melhor analisar ao que se atribuem esse despreparo seguem os comentários dos docentes, agrupados por sua semelhança e frequência.

1. Falta conhecimento específico e prática - o despreparo dos recém-formados é advindo da falta de conhecimento específico em paisagismo, e da ausência da aplicação prática dos conceitos, durante seu desenvolvimento acadêmico.
2. Necessidade de interdisciplinaridade - a falta de interação e desenvolvimento integrado das disciplinas, apresentadas nas ciências agrárias, com o paisagismo, ocasiona falhas no momento da aplicação deste conhecimento.
3. Carga horária insuficiente - a carga horária de disciplinas dedicadas ao ensino de paisagismo é insuficiente para uma efetiva aprendizagem para aplicação e desenvolvimento profissional nesta área.
4. Falta visão empreendedora - a prosperidade do mercado de paisagismo não tem sido vista, pelas instituições de ensino, como uma oportunidade para

inserção de seus alunos no mercado, o que acaba por não desenvolver, nos alunos, o espírito empreendedor para os trabalhos nesta área.

5. Falta de interesse - os trabalhos com paisagismo não tem sido alvo de interesse de instituições e alunos, o que acaba por comprometer o ensino nesta área de desenvolvimento profissional.

Figura 3.10 - Percentual dos comentários adicionais relacionados à questão 11

Alguns dos comentários obtidos podem ser relacionados com o distanciamento entre alunos de engenharia agrônoma e empresas de paisagismo, como pôde ser observado, ao longo das discussões dos capítulos anteriores, desfavorecendo a formação acadêmica para atuação neste mercado.

Em trabalho apresentado pelo CONFEA (2008), destaca-se que as áreas específicas em que as empresas sentem maior necessidade de complementação de formação são as de contato com clientes (80%) e conhecimento das necessidades do mercado (75%), demonstrando que o recém-formado se oferece ao mercado de forma isolado do mundo externo, no qual as empresa atuam.

Se o contato com as prestadoras de serviços, com o propósito de auxiliar os alunos na aplicação de seus conhecimentos, tem sido um desafio no processo educacional, pode-se então considerar o estímulo à formação de empresas juniores. De

acordo com Gondim (2002) esta estratégia é promissora, por duas razões: primeiro, por viabilizar a integração entre o aprendizado teórico e a prática, permitindo refletir sobre o substrato teórico que dá sustentação ao curso, e segundo, por garantir que a experiência profissional possa ser vivenciada, ainda no processo de formação, sem sofrer prejuízos por contato com empresas sem estruturação.

12. Sente que, de modo geral, os alunos de agronomia têm interesse por disciplinas voltadas ao paisagismo?

As respostas para esta questão são apresentadas na Tabela 3.17, e identificaram que a maioria dos docentes observa a falta de interesse dos alunos de agronomia por disciplinas voltadas ao paisagismo.

Tabela 3.17 - Visão dos docentes quanto ao interesse dos alunos de agronomia por disciplinas de paisagismo

Alunos interessados	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Sim	07	35
Não	13	65
Total	20	100

Para melhor expor os argumentos de resposta a esta questão, expressados por 18 docentes, os mesmos foram relacionados e incorporados dentre aqueles citados com maior frequência.

1. Poucos têm grande interesse - em sua maioria, os alunos, não tem interesse por paisagismo. Porém, aqueles que são interessados, o são bastante, mesmo sendo minoria, normalmente se dedicam à área.
2. Interesse após a formação - evidencia-se retorno e grande procura pela disciplina de paisagismo por ex-alunos, principalmente quando os mesmos percebem que o mercado de paisagismo é promissor.

3. Preconceito - a maioria dos alunos é do sexo masculino, e têm preconceito com o desenvolvimento de trabalhos com paisagismo, não enxergam com seriedade este mercado, já que não adquirem visão técnica da área durante a graduação. Isso é atribuído, em parte, pela postura próprios professores e até da instituição.
4. Predomínio de outras áreas na agronomia - o predomínio do ensino focado às grandes culturas, no curso, tem inibido os alunos de observarem outras áreas de atuação, deixando os mesmos sem visão de mercado quanto ao paisagismo.

Figura 3.11 - Percentual dos comentários adicionais relacionados à questão 12

Os comentários apresentados a esta questão reforçam a visão apresentada na questão anterior, uma vez que o argumento referente ao interesse após a formação, evidencia o desconhecimento do mercado de paisagismo, durante a formação acadêmica. De acordo com Gondim (2002), alguns alunos não conseguem delimitar sua identidade profissional, tendo em vista a ausência de clareza das habilidades e competências adquiridas e a escassa diferenciação da demanda de cada profissão, no mercado de trabalho.

13. O que poderia ser melhorado na formação dos agrônomos para que atuem com maior efetividade no mercado de paisagismo?

Esta questão apresentou-se sem opções de alternativas, para que, livremente, os docentes pudessem expressar suas opiniões. A seguir são descritos os comentários oriundos deste questionamento, agrupados de acordo como sua frequência.

1. Maior carga horária para o ensino de paisagismo - sente a necessidade do ensino de paisagismo possuir maior carga horária, visto que o tempo dedicado a esta área do conhecimento tem sido insuficiente para boa capacitação do profissional que chegará ao mercado.
2. Estabelecimento de disciplinas optativas - muitas das IES não têm oferecido nenhuma disciplina optativa em paisagismo, o que compromete a continuidade da capacitação, durante a graduação, daqueles que se interessam por esta atividade.
3. Estímulo ao empreendedorismo - os alunos deveriam ser melhor envolvidos com atividades práticas de paisagismo, conhecendo suas realidades e atuando de forma participativa em seu mercado, pois isto deverá auxiliá-lo na criação de uma visão empreendedora.
4. Eliminar os pré-conceitos quanto a esta atividade profissional - percebe que, no contexto agrônomo, o paisagismo sofre com os pré-conceitos, sendo um dos seus principais motivos, a formação de alunos, predominantemente, do sexo masculino, observadores do paisagismo como uma atividade feminina, além de não enxergarem a aplicação de seus conhecimentos neste campo de atuação profissional.
5. Legislação eficiente e cumprimento da fiscalização - são necessárias leis que permitam uma boa formação aos paisagistas, cumpridas no oferecimento de seus serviços, e que não permitam a atuação sem habilitação. Um mercado mais organizado acabará por estimular os alunos, e a instituição de ensino, a se dedicarem, com mais empenho, a este campo de atuação profissional.
6. Promover trabalhos acadêmicos e disponibilizar literatura - percebe a carência de trabalhos científicos relacionados ao paisagismo nas ciências agrárias e,

ainda, a falta de literatura disponível sobre este assunto, em escolas de agronomia.

7. Relacionar as disciplinas com as práticas de paisagismo - nota a inexistência da interdisciplinaridade no que se refere às práticas de paisagismo, e acredita que o estabelecimento de relações entre as áreas do conhecimento agrônomo e o paisagismo deve ser contemplado nas disciplinas acadêmicas.
8. Atualizar os métodos de ensino - percebe que as técnicas de ensino utilizadas nas IES estão ultrapassadas e não condizem com as realidades e necessidades do mercado de paisagismo; tal situação deve ser revista, com a introdução de ferramentas de trabalho utilizadas neste mercado, como novas estratégias para ensino.
9. Docentes melhor qualificados - a atuação de docentes nas atividades de paisagismo não tem apresentado coerência quanto às suas áreas de formação, o que faz com que esses profissionais não tenham a qualificação necessária para ensinar paisagismo àqueles que têm esta possibilidade de atuação.
10. Formação de grupos de estudo - percebe que deveria ser mais estimulado o estudo conjunto entre os alunos que têm interesse por esta área profissional, uma vez de sua capacitação quando o aluno procura desenvolver sua formação numa área específica. Este estímulo não tem sido oferecido pelas IES, que parecem não valorizar trabalhos nesta área.

Para melhor análise quanto à representação dos comentários referidos, a Tabela 3.18 demonstra suas frequências e percentuais.

Tabela 3.18 - Visão dos docentes quanto ao interesse dos alunos de engenharia agrônômica por disciplinas de paisagismo

Respostas obtidas	Frequência (N° de docentes)	Percentual (%)
Maior carga horária para o ensino de paisagismo	10	50
Estabelecimento de disciplinas optativas	7	35
Estímulo ao empreendedorismo	7	35
Eliminar os pré-conceitos quanto a esta atividade profissional	5	25
Legislação eficiente e cumprimento da fiscalização	4	20
Promover trabalhos acadêmicos e disponibilizar literatura	4	20
Relacionar as disciplinas com as práticas de paisagismo	4	20
Atualizar os métodos de ensino	3	15
Docentes melhor qualificados	2	10
Formação de grupos de estudo	2	10

Neste contexto de sugestões, nota-se que a necessidade de maior carga horária para o ensino de paisagismo, recebe destaque dentre os demais, constatando que o tempo dedicado a esta área do conhecimento tem sido insuficiente para boa capacitação do profissional

A pesquisa realizada por Demattê (1998), em consulta com seis escolas no Estado de São Paulo, levantou que o número real de horas dedicadas às especificidades de paisagismo variam de três a trinta, por parte de cursos obrigatórios, e sessenta horas de disciplinas optativas em duas escolas. Esta realidade demonstra a desuniformidade quanto ao tempo dedicado à instrução para atuação em paisagismo, e a constatação do tempo insuficiente para tal realização.

4.3 Conclusão

No contexto do ensino de paisagismo, em cursos regulares de agronomia, no Estado de São Paulo, puderam ser encontrados docentes com variados tempos de atuação no oferecimento de disciplinas desta área, sendo que grande parte destes (45%) leciona paisagismo de forma recente, na faixa entre 1 e 5 anos. Foram, ainda, identificadas 3 áreas distintas de formação, quanto à graduação dos docentes que capacitam agrônomos para as atividades de paisagismo, sendo elas: engenharia agrônômica (85%), engenharia florestal (10%) e ciências biológicas (5%), dando destaque no predomínio da formação em agronomia pelos docentes que lecionam paisagismo na formação de agrônomos.

Quanto a pós-graduação, 100% dos docentes seguiu nesta formação, para atuação no ensino superior; porém, apresentaram diversificadas áreas de estudo, dentre as quais puderam ser identificadas 3 áreas distintas para a especialização, cursada por 20% dos entrevistados; 9 áreas para o mestrado, cursado por 90% dos docentes; e 6 doutorado, cursado por 70% dos respondentes.

A diversidade de formação dos docentes é refletida nas diversas disciplinas obrigatórias que os mesmos lecionavam, uma vez que foram identificadas 37 diferentes disciplinas obrigatórias, sendo ministradas pelos 20 professores, variando desde Matemática Financeira, até Produção de Sementes. Quanto às disciplinas optativas, 70% dos docentes afirmaram que não as lecionavam; entretanto, os demais 30% apresentam 7 diferentes disciplinas optativas, aparentemente melhor relacionadas ao paisagismo, se comparadas às obrigatórias.

Constatou-se que, na maior parte dos campi que oferecem curso regular de agronomia (85%), o ensino do núcleo de disciplinas que abrange paisagismo, floricultura, parques e jardins, era responsabilidade de apenas um docente, que tinha que cumprir com os objetivos do ensino dessa área, em apenas uma disciplina. Referente aos trabalhos em parceria com docentes de outras áreas, nota-se que os entrevistados não desenvolviam esta prática, como apresentado por 75% deles.

Os docentes foram unânimes ao afirmar a promessa do mercado de paisagismo no Estado de São Paulo e, ainda, na exposição de que apostavam no desenvolvimento profissional de agrônomos, neste campo de atuação; entretanto, 65% desses docentes

apresentaram a visão de que os alunos de agronomia não foram devidamente preparados pelas Instituições de Ensino para esta atuação e, na mesma proporção, identificaram que, de maneira geral, os alunos de agronomia não tinham interesse por disciplinas voltadas a esta área. Observa-se, ainda, que 50% dos docentes sugeriram o aumento da carga horária dedicada ao ensino de paisagismo, como uma das possíveis melhorias para sua formação.

Foi identificado, por 70% dos entrevistados, que as empresas atuantes neste mercado não ofereciam seus serviços com o profissionalismo que esta atividade necessita e que, 95% deles, consideravam necessária a regulamentação da profissão de paisagista, e ofereceram a visão favorável quanto à atuação de equipes multiprofissionais em trabalhos de paisagismo, com preferência pela atuação de agrônomos e arquitetos.

Referências

BEHRENS, M. A. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996. 78p.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 120p.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2009.

BRASIL. MEC. Resolução nº 1, de 2 de fevereiro de 2006 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces01_06.pdf> Acesso em: 19 nov. 2009

CARDOSO, C. M. **A Canção da Inteira: visão holística da educação**. São Paulo: Summus, 1995. 96p.

CAVALLET, V. J. **A formação do engenheiro agrônomo em questão**: a expectativa de um profissional que atenda as demandas sociais do século XXI. 133 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CONFEA. **Mercado de trabalho para o engenheiro e tecnólogo no Brasil**. Sumário Analítico. CONFEA/CNI. Brasília-DF, 2008. doc., 45p.

CONTRERAS, J. **Autonomia dos professores**. São Paulo: Cortez, 2002. 296p..

CORRÊA, E.K.; CORRÊA, L.B. O ambiente na compreensão dos estudantes de agronomia: um estudo de caso. **Revista brasileira de agrociência**, Vol. 13, Nº. 1, 2007, p. 99-103.

DEMATTÊ, M. E. P. Ensino/Pesquisa. In ENCONTRO ESTADUAL GRUPO DE ENGENHEIROS AGRÔNOMOS PAISAGISTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO,1., 1998. **Anais...** São Paulo: GEAPESP/AEASP. 1998. p. 97-101.

DEMATTÊ, M.E.P. **Princípios de paisagismo**. 3 ed. Jaboticabal, SP: FUNEP, 1999. 144p.

DIAP, Regulamentação Profissional, 2009. Disponível em: <http://www.sindestetica.org.br/img/pdf/regulamentacao_profissional.pdf>. Acesso: 20 mar. 2010.

FABRICIO, M.M.; MELHADO, S.B.O projeto na arquitetura e engenharia civil e atuação em equipes multidisciplinares. **Tópos**, Belo Horizonte, v. 1, p. 11-28, 2007. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/revistas/topos/artigo/19>>

FELDER, R.M. Learning and teaching Styles. **Engineering Education**, Washington, v. 78, n.7, p.674-681, April 1997.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 176p.

GONDIM, S.M.G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.7, n.2, p. 299-309, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a11v07n2.pdf>>

GRINSPUN, M.P.S.Z. Os Novos Paradigmas em Educação: os Caminhos Viáveis para uma Análise. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 75, n. 181, p. 211 - 242, jan./dez. 1994

Jornal do Engenheiro Agrônomo, v.39, n 251 Setembro/Outubro de 2009, Disponível em: <http://www.cantareira.br/website/images/stories/imprensa/jornal_eng_251.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2010.

MACEDO, R.B. **O desafio de formar profissionais reflexivos para o desenvolvimento agrário**: uma proposta de ensino de economia rural em cursos de agronomia. 2004. 198 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.

MACEDO, S. S. ; SILVA, J.M.P. Ensino de Paisagismo: Introduzindo a Tecnologia da Informática. In COSTA, L.M.S.A. (Ed.), ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA, 1., 1994. Rio de Janeiro, **Caderno de Resumos...** Rio de Janeiro:UFRJ, 1994. 27p.

MAXIMIANO, A.C.A. **Teoria geral da administração**. São Paulo. Atlas: 2006. 500p.

PERCY, R. Participatory curriculum development in agricultural education: a training guide. **International Journal of Educational Development**, Oxford, v.20, n.16, p.423-439, 2000.

SANTOS, S.B. **Um discurso sobre as ciências**. 10. ed. Porto: Afrontamento, 1998. 96 p.

SEGAWA, H. Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 120-127, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19031.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2009

SILVA, P.R.A **Educação agrícola superior no contexto da nova LDB**: A Reforma de Base. Texto referencial dos Seminários Regionais sobre Reestruturação Curricular da Modalidade Agronomia. ABEAS/CONFEA, 2008. 48 p.

ZUIN, A.H.L. Aprender e aprender a educar para o paisagismo: saber o quê?. In: CBCEARA,45., CBOLERICULTURA;15., CBFLORICULTURA E PLANTAS ORNAMENTAIS, 2., CB CTECIDOS DE PLANTAS, 2005, Fortaleza - CE. **Horticultura Brasileira**. Brasília: Sociedade de Olericultura do Brasil, 2005. v. 23. p. 553-554.

ZUIN, A.H.L. **A conjoint study towards transformative landscape architectural education in Brazil**. 2002. 323 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Edinburgh College of Art/ Heriot-Watt University, Edinburgh, 2002.

5 DISCUSSÕES RELEVANTES

A realização deste trabalho proporcionou uma singular oportunidade de contato com as realidades de execução, conceitos, aplicações, ensino, dentre outros aspectos do paisagismo. Uma experiência que pode ser compartilhada, a partir de relatos e percepções, além de opiniões e visões, contribuindo para melhorias no contexto desta pesquisa.

O primeiro ponto a ser comentado, refere-se ao levantamento dos dados para composição do 1º capítulo da dissertação, quando observou-se que o mercado de oferecimento de serviços de paisagismo esta muito distante da organização e seriedade, que necessita, a começar pela falta de registros que reflitam a realidade de prestação desse serviço à sociedade.

A inexistência de registros confiáveis, quanto ao oferecimento de trabalhos de paisagismo, junto às prefeituras e órgãos administrativos municipais, ilustra bem a ilegalidade e desorganização deste mercado, cujas empresas não se registram como sendo prestadoras de serviços relacionados ao paisagismo, apesar de oferecerem esses serviços, livremente, aos seus clientes. Desta forma, um trabalho que visa abranger a realidade de oferecimento de paisagismo deverá optar por estratégias de coleta das informações, colocando-se na posição de contratante, e buscando os serviços de forma imparcial, de acordo com a divulgação oferecida pelas prestadoras de serviço.

Um futuro trabalho poderia relacionar as informações registradas, quanto a estes serviços, e a realidade de seu oferecimento e realização; isso tornaria possível medir a discrepância existente entre as informações administrativas e a situação do mercado.

Quanto aos pontos interessantes do 2º capítulo, merece destaque a estratégia de utilização de questionário semi-estruturado, com os estudantes, apresentando apenas uma questão para livre expressão. Esta forma de coleta de dados mostrou-se bastante eficiente, uma vez que observou-se a dificuldade dos alunos em oferecer respostas que reflitam suas opiniões, quando deparados com questões abertas, o que inviabiliza análises. Destaque também pode ser dado a algumas diferenças percebidas quanto à postura dos alunos, quando em IES públicas e privadas - apesar deste trabalho não ter

realizado nenhuma comparação efetiva entre elas, ou intencionado esta realização - as observações identificaram que os estudantes no ensino público se mostraram bem mais críticos e pessimistas quanto ao ensino de paisagismo, enquanto que no ensino privado os alunos mostraram-se menos críticos, mais satisfeitos e otimistas para atuação no mercado.

Em pesquisas futuras poderiam ser analisadas as diferenças entre as formas de ensino e postura dos alunos, quando em IES públicas e privadas, uma realidade interessante para ser estudada, já que pôde ser observada a existência de diferenças, durante esta pesquisa.

O contato com os docentes, no 3º capítulo, foi bastante produtivo para o desenvolvimento desta pesquisa, e a realização das entrevistas, via telefone, mostrou-se como a forma mais eficiente para a coleta dos dados, já que contribuiu para o oferecimento das respostas, de forma prática, além de ter sido útil para a anotação dos comentários referentes a cada questionamento.

As discussões realizadas no 1º e no 3º capítulo, referentes a regulamentação da profissão de paisagista, podem ser vistas como um reflexo do desconhecimento dos envolvidos, diretos ou indiretos, no oferecimento de serviços de paisagismo, quanto ao que é “regulamentação profissional”; percebeu-se que as respostas relacionaram regulamentação com “existência de legislação”. Sendo assim, acredita-se a forma como a pergunta foi apresentada não foi suficientemente esclarecedora para que esta relação não fosse estabelecida.

O desenvolvimento de trabalhos de paisagismo, na engenharia agrônoma tem mostrado-se tímido, o que acaba por subestimar todo o potencial agrônomo para envolvimento efetivo na realização de paisagens, sendo assim, espera-se que este trabalho possa auxiliar a reflexão sobre a situação dos engenheiros agrônomos no mercado de paisagismo, no Brasil, e que mudanças, para sua efetiva atuação, possam ser promovidas. Acredita-se que um mercado mais organizado acabará por estimular os alunos, e a instituição de ensino, a se dedicarem, com mais empenho, a este campo de atuação profissional, levando para toda a sociedade os benefícios desta atividade.